

SÁ DA BANDEIRA É "TERRA DE NINGUÉM"

- ROXO COMANDA MERCENÁRIOS DO E.L.P.
- VI GOVERNO ATACADO EM LUANDA

LUANDA, 27 — (Do «Diário de Luanda», em exclusivo para o «DL») — Sá da Bandeira, que continua alvo da ofensiva desencadeada sexta-feira à noite pelo M. P. L. A. contra as forças mercenárias que a ocupa, é presentemente considerada como «terra de ninguém». Os combates na área prosseguem ininterruptamente desde sábado, sendo neste momento difícil avaliar as posições das forças em confronto. Sabe-se, no entanto, que os mercenários e forças regulares sul-africanas tentam abrir caminho rumo a Moçamedes, numa tentativa para assegurar a posse de um porto de mar, vital para o abastecimento das

forças da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A. estacionadas nas frentes centro e sul. Anuncia-se que navios carregados com material de guerra sul-africano e americano tentam há várias semanas desembarcá-lo em Angola, aguardando agora a possibilidade de o poderem fazer pelo porto de Moçamedes.

Na frente centro-norte, nomeadamente na área do Caxito, a situação evolui favoravelmente para as F. A. P. L. A. Depois da grande ofensiva desencadeada por estas forças na passada quinta-feira, os mercenários da F. N. L. A. tiveram de recuar para posições que neste momento se situam

nas proximidades da Fazenda, portanto a apenas 10 quilómetros do Caxito. A descompressão da zona é evidenciada pelo facto das F. A. P. L. A. terem autorizado novamente os jornalistas a deslocarem-se à frente de combate, depois de uma proibição mantida três dias por razões de segurança.

ROXO COMANDA O E L P

Os dois batalhões do chamado Exército de «Libertação» de Portugal (E. L. P.) que juntamente com mercenários sul-africanos e elementos da F. N. L. A. e U. N. I. T. A. estão envolvidos nos combates na

frente de Sá da Bandeira, são chefiados pelo «comandante» Roxo, que se distinguiu pelas atrocidades cometidas contra a população civil moçambicana durante a guerra colonial. Roxo, que após o 25 de Abril conseguiu gozar de uma imprevista impunidade mantendo-se em liberdade em território moçambicano, fugiu para a África do Sul depois de se ter envolvido na tentativa de 7 de Setembro de 1974, que culminou com a ocupação do Rádio Clube de Moçambique, em Lourenço Marques. Na África do Sul e na Rodésia, por onde circulou durante meses, Roxo manteve-se ligado ao

Continua na pag. 20

MÁRIO MURTEIRA

A partir de amanhã, o prof. Mário Murteira colabora regularmente no «Diário de Lisboa». Prof. e economista de prestígio, foi um homem fundamental na política de transição para o socialismo ensaiada pelos IV e V Governos Provisórios. Na chefia da pasta da Coordenação Económica do V Governo, ficou célebre uma sua comunicação ao País em que definiu claramente o que a equipa a que pertencia entendia por independência nacional. A colaboração do prof. Mário Murteira surge numa fase de valorização do conteúdo informativo e formativo do «DL» e para ela, estamos



certos, dará enorme contributo (Amanhã, na pág. 3, o artigo «Independência ou naufrágio nacional»)

COLABORA NO "DL"

Conselho da Revolução reúne quase completo

Registando apenas a ausência do general Fabião, que partiu esta manhã para uma viagem de três dias à Alemanha Federal, encontra-se reunido no Restelo, desde as 15 horas, o Conselho da Revolução. O Conselho continua a discussão da agenda da passada quinta-feira ou seja, a análise da situação político-militar, incluindo a questão Angola-Timor.

Relativamente a Angola, prevê-se a apresentação por Vitor Crespo, ministro da Cooperação, do balanço da sua viagem a aquele território na tentativa — afinal infrutífera — de obter um acordo entre os três movimentos. Admite-se por outro lado que o Conselho se debruce e tome posição, sobre a intervenção estrangeira em Angola. Ninguém pode negar a invasão (a norte por tropas regulares do Zaire e a sul por mercenários e elp's com apoio logístico-militar da África do Sul) do território angolano. Como também não se pode ignorar que o Governo Português é ainda a autoridade constitucional em Angola e que tal facto apenas tem sido, até agora, respeitado pelo M.P.L.A.

Entretanto, a apreciação do problema angolano resultará inevitavelmente a consideração da sua interdependência face à situação interna portuguesa. Cá como lá as forças reaccionárias movimentam-se com extrema facilidade, nomeadamente o ELP no norte do País e a tomada de medidas firmes parece extremamente dificultada pelo manifesto desinteresse com que os sectores políticos maioritários no actual Governo as encaram.

Se no Sul do País se pode contar com uma estrutura militar — o Copcon — organizada e operacional para enfrentar o perigo fascista, o mesmo não se poderá dizer no norte do País, cujos responsáveis militares apresentam maior interesse em visar os sectores progressistas que os reaccionários.

Este um aspecto que certamente não será ignorado na reunião de hoje por alguns conselheiros dado ainda o grande equívoco que constituiu a manifestação do passado sábado, de apoio ao VI Governo e a Pinheiro de Azevedo. Na verdade ficou patente para a generalidade dos observadores a extrema contradição entre o discurso progressista do Primeiro-Ministro e as palavras de ordem dos numerosos manifestantes (na sua maioria do C.D.S. e do P.P.D.).

Na verdade como poderá um Governo que alberga no seu seio o P.P.D., partido declaradamente anti-socialista defender e fazer avançar a Revolução Socialista. Como ignorar que enquanto no Porto o general Carlos Fabião era vaiado por multidão manipulada, essencialmente, pelo P.P.D. e pelo C.D.S., o ELP desfilara pelas ruas de Lisboa e o seu Exército de mercenários entrava em Angola, ao lado das forças da U.N.I.T.A. e da F.N.L.A. Como se pode ignorar o significado político de tudo isto?

**Fabião partiu
para a Alemanha** Ler na pág. 18

20 PÁGINAS

A MANIFESTAÇÃO DO PORTO Dois conceitos diferentes de unidade

PORTO, 27 — (Da nossa delegação) — Classificada de «muito importante neste momento» pelo capitão Vasco Lourenço, a visita do almirante Pinheiro de Azevedo ao Porto,



no último sábado, foi motivo para uma das maiores concentrações aqui verificadas depois de 25 de Abril de 1974. Chegado cerca do meio-dia a Pedras Rubras, o Primeiro-Ministro teve aí a recebê-lo alguns milhares de pessoas tendo passado alguns momentos no Governo Civil do Porto, antes de almoçar no Quartel General da Região Militar do Norte. Cerca das 15 horas dirigiu-se para os Paços do Concelho de cuja varanda falou à multidão, contando-se nesta milhares de pessoas chegadas em automóveis e autocarros de várias localidades do Norte do País. Das suas palavras, várias vezes interrompidas por aplausos da multidão, destacamos: «Muito se tem falado ao longo deste ano e meio da Revolução, nas diferenças fundamentais entre o Norte e o Sul com que será preciso contar a fim de conduzir o nosso processo ao longo da via pluralista até ao socialismo. Julgo que é um falso problema no que diz respeito às populações: as populações sejam do Sul ou do Norte, têm sabido sempre, nos momentos graves da nossa História, responder em bloco patriótico contra os perigos que ameaçam a Nação». Depois de se referir à importância e dificuldade das tarefas a levar a cabo «num pequeno país situado geograficamente na Europa» o Primeiro-Ministro afirmou: «A Revolução portuguesa tem certamente inimigos, mas esses inimigos não

Continua na pag. 2

Governo Civil de Faro está encerrado

Ao fim da manhã de hoje o Governo Civil de Faro estava ocupado por alguns soldados e os serviços paralisados, na sequência dos acontecimentos registados ontem, os quais levaram a que, no final de uma grande manifestação organizada pela F.U.R. com o apoio do P.C.P. e de numerosas comissões de moradores, de trabalhadores e administrativas de municípios, para repudiarmos a demissão do governador civil, o povo ocupasse o edifício.

Como se sabe, o dr. Ramiro Fernandes, por decisão do VI Governo fora substituído pelo dr. Almeida Carrapato, conhecido elemento do Partido Socialista, que no sábado às 11.30 já tinha recebido cumprimentos no edifício do Governo Civil, quando oficialmente ali entrara.

Ontem cerca das 19 horas a multidão empunhando cartazes e gritando palavras de ordem tais como: «Soldados, sempre, sempre ao lado do Povo», «S.U.V. vencerão», «Daqui ninguém arreda pé», «Poder Popular vence», «As ordens dos fascistas não se cumprem», entrou no edifício que estava guardado por alguns elementos da P.S.P. e do Regimento de Infantaria de Faro.

Continua na pag. 20

Nacional

REUNIÃO AGRÁRIA EM VILA VIÇOSA

Aliança dos operários com o campesinato

Em Vila Viçosa, terra alentejana marcada por uma tradição monárquica e conservadora, decorreu ontem uma assembleia unitária de assalariados rurais e pequenos e médios agricultores dos concelhos de Borba, Vila Viçosa, Redondo, Alandroal e Estremoz.

Estavam presentes delegados sindicais dos trabalhadores agrícolas do distrito de Évora, representantes das ligas dos pequenos e médios agricultores, dos operários metalúrgicos da construção civil e das comissões liquidatárias dos grémios.

Deslocou-se também a este encontro, que teve a participação de cerca de 400 pessoas, uma delegação da Comissão de Apoio à Reforma Agrária.

Várias herdades colectivas, nomeadamente «Cravo Vermelho», «Maria Machado», «Benito Gonçalves», «Rainha do Sul», também manifestaram a sua presença.

No começo dos trabalhos, foi focada a importância de reuniões desta natureza por permitirem não só a análise colectiva dos problemas, como também pelas decisões nelas tomadas.

A assembleia unitária de-

bruçou-se sobre os seguintes temas: crédito, avanço da reforma agrária, organização de classe, aliança entre trabalhadores rurais e pequenos e médios agricultores.

Fizeram-se algumas intervenções a cargo dos elementos da mesa que salientaram o atraso da reforma agrária naquela zona, onde muito poucas herdades foram ocupadas, o problema das sementeiras ainda não ultrapassado e dos lagares.

FUNDOS PARA OS TRABALHADORES

«Se os latifundiários já não têm as terras, também não precisam dos lagares. Temos portanto de avançar visto que dentro de dias começa a colheita da azeitona», disse um membro do partido comunista português, organização promotora do encontro.

Um trabalhador rodoviário, na qualidade de representante da C.A.A., informou a assembleia das iniciativas levadas a cabo pela comissão.

«Pretende-se — afirmou — arranjar fundos para os trabalhadores agrícolas. Vamos organizar espectáculos em praças de touros, campos de

futebol e teatros. E claro que isto não vai resolver a questão da Reforma Agrária. Funciona apenas como uma ajuda aos camaradas que trabalham nos campos. As dívidas recebidas já atingiram mil contos. A Comissão propõe a ida dos trabalhadores agrícolas às fábricas e aos quartéis para explicarem a sua luta.»

Aquele ferroviário referiu-se também aos contactos havidos com o general Oteio, no sentido de serem fornecidos camiões militares que transportem sementes e adubos para as herdades colectivas do Alentejo.

«O encontro com o general Oteio foi favorável. Agora temos de entregar um plano sobre as necessidades de cada herdade» — acentuou o orador.

A REFORMA AGRÁRIA É PARA TODOS

A propósito da dinamização junto de outros trabalhadores, pois a Reforma Agrária não interessa apenas aqueles que estão ligados à terra, usou da palavra Manuel Vicente, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora:

«A campanha tem de estender-se a nível nacional. Deve ir até ao Norte. Há quem diga que vamos ser maltratados, mas isso não importa. Estaremos lá na mesma.»

Manuel Vicente, depois de ter acusado os órgãos de Informação, especialmente a TV, por manifestarem um completo desprezo pela luta dos trabalhadores agrícolas, acrescentou:

«É preciso esclarecer os empregados de escritório e de outros serviços, dizendo-lhes que a Reforma Agrária serve também a eles. Que nós não queremos a terra para nada. Bastam-nos sete ou oito baldios. O momento que vivemos é bastante grave. Atenção! Mas estamos a viver um momento histórico. A reacção levanta-se. Atacam um delegado sindical e puseram uma bomba no Centro da Reforma Agrária em Alcácer. Pois eu peço-lhes: se em Évora assaltarem algum Centro, que nem só latifundiário fique com a terra. Em Montoito, anunciámos uma paralisação geral caso se não resolvesse o problema do crédito agrícola. Pelo menos teve algum efeito. Apareceu na TV o ministro da Agricultura dizendo que a partir do dia 22 seria tudo um mar de rosas. Era preciso apenas legalizar as Co-

operativas. Acontece que a maioria delas estão legalizadas. Que há trabalhadores sem receber ordenado — e já passa dia dia 22... Isto não pode continuar. Ou realmente somos cabritos ou teremos de ser lobos.»

No decorrer da reunião, um delegado sindical de Orada, apelou para que os seus camaradas tivessem uma participação mais activa no Sindicato.

Um representante da cooperativa «23 de Setembro», do Freixo, referiu-se ao crédito agrícola, que lhe tem sido recusado, e ao atraso na construção de obras, como barragens e pequenas albufeiras, que seriam fundamentais para o aumento das áreas de cultivo e dos postos de trabalho.

Custódio Gingão, da Cooperativa «Cravo Vermelho», abordou aspectos da experiência desenvolvida na zona de Montemor-o-Novo, sobretudo na sua unidade de produção, um complexo de sete mil hectares, onde trabalham 300 pessoas.

A aliança dos trabalhadores rurais com os pequenos e médios agricultores foi a tônica da reunião. Os grandes agrários e os seus aliados procuram dividir aqueles que trabalham a terra. Concluiu-se que a falta de mão-de-obra afecta os pequenos e médios agricultores, que não encontram muitas vezes trabalhadores para certos afazeres. Por isso os trabalhadores rurais decidiram ir fazer esses trabalhos aos sábados e domingos. Assim se afirma na prática a aliança entre operários rurais e o campesinato.

Falou-se também na aliança com os pequenos comerciantes e com os pequenos industriais. A iniciativa dos trabalhadores agrícolas para a criação de Cooperativas de consumo em algumas aldeias aderiram os pequenos comerciantes, com os seus «stocks» e a sua experiência.

Ao longo da sessão foram aprovadas por aclamação várias moções destacando-se uma de apoio à luta do M.P.L.A., vanguarda revolucionária do povo angolano, e outra dirigida aos órgãos da Informação. Todas as moções terminaram com as palavras de ordem da Revolução que se pretende: «Avante com a reforma agrária, rumo ao socialismo, operários e camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos!»

LOURDES FÉRIA

A "MANIF." DO PORTO

Continuação da pág. 1

podem estar aí entre o povo português. Esses inimigos têm um nome e um rosto: a exploração, o capitalismo desenfreado, o desprezo pelas liberdades, a sujeição de seres humanos e de nações inteiras a interesses egoístas».

Pinheiro de Azevedo fez ainda um apelo à unidade « neste momento difícil », e apontou a necessidade de ultrapassar « querelas partidárias que nos dividem e nos enfraquecem ». Lembrou a terminar, a propósito do Porto e do Norte, os nomes dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado « cujas campanhas eleitorais conheceram os seus momentos mais altos aqui, na vossa gloriosa cidade ».

Alguns pequenos incidentes se registaram ao longo da visita do Primeiro-Ministro. Assim enquanto, por um lado, o general Fábão foi assobiado no aeroporto e nos Paços do Concelho (já não falando nos pontapés dados à sua viatura) outro problema foi o de quem usaria da palavra na varanda dos Paços do Concelho, dado que o secretário-geral do P.P.D., Sá Carneiro pretendia também falar. Em breve conversa no interior do edifício, Pinheiro de Azevedo resolveu a questão no sentido de só ele falar, no que aliás era acompanhado pela posição de Mário Soares, o qual mais tarde viria a considerar a manifestação como nacional e não partidária. Também nesse momento se registou um breve incidente com trocas de opiniões entre Sá Carneiro e o general Fábão a propósito da social-democracia.

Igualmente se registou um pequeno incidente com elementos que representavam o C.D.S. os quais foram impedidos de entrar na Câmara por falta de credenciais. Mais tarde, este partido emitiu um comunicado responsabilizando e criticando a posição assumida pelo governador civil.

Algumas notas significativas durante a manifestação podem ser dadas por uma certa antipatia, num ou noutro ponto da Praça Humberto Delgado e da Av. dos Aliados, sobre a presença de manifestantes do C.D.S. e ainda pelo facto de, a dada altura, a multidão se ter manifestado contra a difusão de «Grândola Vila Morena» pela aparelhagem sonora. A canção do 25 de Abril foi substituída por uma outra («Liberdade, Liberdade») a que os elementos do P.P.D. tributaram palmas e aplausos.

Por outro lado, ainda em Pedras Rubras, Pinheiro de Azevedo, interrogado pelos jornalistas sobre a Rádio Renascença afirmou: «Sou teimoso e vou resolver o problema da Rádio Renascença, com certeza». Ainda aí o Primeiro-Ministro reconheceu estar « a aumentar de

uma forma descarada, para não dizer de outro modo, a contra-revolução fascista », para acrescentar que « a culpa disso é de todos nós ». Outra nota pode ser dada pelas palavras de Mário Soares, durante uma das interrupções, com aplausos, do discurso do Primeiro-Ministro nos Paços do Concelho: « Não é para os partidos. É para si. Tem de convencer-se disso ».

COM A IMPRENSA

Mais tarde, Mário Soares recebeu a Imprensa na sede da federação do Porto do P.S. Aí afirmou que « a manifestação teve característica nacional, suprapartidária portanto, e por isso os socialistas entenderam que só devia falar o Primeiro Ministro ». Depois de afirmar que o P.S. não se associa ao P.P.D. para marginalizar o P.C., nem se associa a este para marginalizar aquele, Mário Soares afirmou que « não há alternativas de esquerda para o Governo do almirante Pinheiro de Azevedo, e derrubá-lo é comportamento contra-revolucionário ». Por outro lado disse não ver « que a extrema-direita tenha possibilidades de fazer um golpe organizado de tomada de poder em Portugal ».

Por sua vez Sá Carneiro afirmou aos jornalistas, a propósito da ausência do P.C.: « Esse partido já falou e falou condenado a manifestação ». Sá Carneiro via nessa posição uma justificação para que os dois secretários-gerais presentes, ele e Mário Soares, falassem na varanda dos Paços do Concelho.

Também o capitão Vasco Lourenço, à chegada a Pedras Rubras afirmou aos jornalistas que « as intenções para expandir o poder popular continuam a existir » acrescentando: « Acho é que devemos evitar tudo aquilo que pode fazer voltar a Revolução para trás, ainda que, às vezes, possa parecer que se estão a dar passos à retaguarda. O que é preciso é evitar a manipulação do poder popular ». Sobre isto o capitão Vasco Lourenço não esclareceu mais.

O grande equívoco

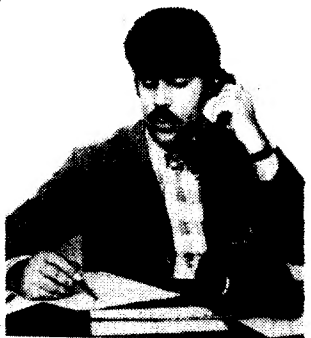
Pinheiro de Azevedo falou no Porto e apelou para a unidade das forças progressistas. Mas as forças progressistas não estavam na Avenida dos Aliados. Pelo menos as suas vozes não se ouviram.

O que se ouviu foram gritos fascistas ou contra-revolucionários e ataques a figuras progressistas: «Morte ao «careca», «A foice e o martelo na cabeça do Oteio», «Fábão escuta, o povo está em luta», «Morte ao Cunhal», «Vasco Lourenço sim, Fábão não», «Vasco há só um, o Lourenço, e mais nenhum», etc. etc.

As vaias e improperios que subiam da praça nada tinham a ver com os apelos nem com as afirmações de Pinheiro de Azevedo. Da varanda pedia-se a defesa da revolução em marcha para o socialismo, na praça pedia-se a cabeça dos que lutam pelo socialismo.

Nos Paços do Concelho, falava-se em linguagem pós 25 de Abril. Na praça gritavam-se intuítos da época anterior.

Tratava-se pois de um grande equívoco ou de um grande logro?



O repórter de serviço

MANUEL GERALDO

A ARMA COMO COMPANHEIRA

Em cada agrário existe um «E.L.P.» em potência. Em cada agrário uma arma apontada ao coração do campesinato alentejano. Em cada agrário um inimigo potencial da revolução total. E à medida que o Alentejo é mais fronteiriço com a Espanha esta realidade toma uma forma mais concreta. Porque ali vivem ainda os homens de mão que durante a Guerra Civil colaboraram activamente com os franquistas fornecendo-lhes armas e alimentos, e entregando aos pelotões de fuzilamento os republicanos em fuga. Colaborando com a P. I. D. E. na violação e no assassinato de raparigas que os horrores do conflito traziam em pânico até este lado da fronteira.

E assim enriqueceram, e assim ganharam favores forjados na cumplicidade, após a subida do «Caudillo» ao Poder. Encontrando facilidades no contrabando e até no proxenetismo, o que lhes permitiu amealhar sólidas fortunas ao longo destes quarenta anos. E é nestes pilares corruptos que os «elvistas» e outros golpistas encontram um apoio efectivo e incondicional.

Dai a intranquilidade e o

perigo real porque passam muitos progressistas residentes em algumas aldeias quase isoladas do resto da província. «A noite a caçadeira é a minha companheira inseparável. Porque para indivíduos que não tiveram pejo em entregar nacionalistas espanhóis aos pelotões de fuzilamento franquistas, tudo é de esperar, e contra a violência reaccionária não existe outra alternativa que não seja o ripostar revolucionário!», confidenciou-nos há dias um camponês da Amareleja, aldeia situada a trinta quilómetros de Moura (Baixo Alentejo) e a menos de quinhentos metros da povoação de Valencica.

E deve ter sido a pensar nestes pilares corruptos que Spínola teria afirmado planejar invadir Portugal pelo Alentejo. Mas como canta a estrofe de uma conhecida «moda»: «Lá vai Serpa, lá vai Moura... e as Pias ficam no meio». E a seguir encontra-se Baleizão. Onde pinho-listas e «elvistas» não passarão, para que a vitória dos camponeses, seja total e a expulsão de agrários e seus laços definitiva dos barros vermelhos da revolucionária terra alentejana.

Agrários ligados ao P.S. falharam o "golpe" em Beja

Um comunicado da direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja denuncia a tentativa de golpe divisionista que foi a convocação de uma reunião de pequenos e médios agricultores a qual compareceram em força os grandes agrários (30, segundo o comunicado, que os nomeia) e quase outros tantos provocadores activistas (também nomeados no comunicado).

«A tentativa de assalto às instalações do Centro da Reforma Agrária», diz o comunicado do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, «mostrou aos pequenos e médios agricultores quais as intenções que estavam por detrás da reu-

nião, pelo que, na sua maioria, estes abandonaram o local».

«Seguidamente», prossegue o comunicado, «os promotores da reunião, nesta altura, identificados como elementos activistas do Partido Socialista, abusivamente em nome dos pequenos e médios agricultores, invadem as imediações do Governador Civil, insultando o governador, cujas posições, como sabemos, têm sido na defesa dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores, contra os grandes agrários, fazendo respeitar a lei da Reforma Agrária».

Depois de denunciar o «abuso dos manifestantes», que «foi do ponto de selarem as

instalações do Grémio da Lavoura, pertença exclusiva dos pequenos e médios agricultores e dos trabalhadores agrícolas», o comunicado termina por afirmar que «a direcção do Sindicato confirma a posição que sempre defendeu, e que é a de efectiva solidariedade com os pequenos e médios agricultores, na defesa das conquistas alcançadas pelos trabalhadores portugueses e a de levar por diante a Reforma Agrária, rumo ao socialismo».

Convém referir que um dos provocadores activistas que se deslocaram a Beja foi identificado pelo Sindicato como ex-informador da P.I.D.E. D. G. S...

post scriptum

Artigos sobre o fascismo

Nessa secção têm sido publicadas um conjunto de cartas focando correctamente, de um modo geral, os problemas mais preocupantes e mais importantes do povo português.

Todavia acabo de ler, no «DL» de 18/10/75, uma carta de um senhor José Campos, de Aveiro, com a qual não estou de acordo.

O sr. José Campos fez três sugestões ao «DL»: a substituição de Lauro António, o saneamento de Mário Castrim e a publicação de «artigos sobre os tempos do fascismo» porque, parece-lhe a ele, «que há quem anda esquecido do que foi o fascismo no nosso país».

Que grande confusão! Pois a mim parece-me que o sr. Campos é que já se esqueceu do que foi o fascismo, se é que alguma vez soube o que isso era.

A carta deste senhor, no que se refere ao Mário Castrim é, em tudo, igual às crónicas policiais que um tal PGP escrevia no «Diário da Manhã» (ou na «Época» fascista...).

(...) Quanto à terceira sugestão do sr. Campos — publicação de artigos sobre o tempo do fascismo — acho que, a ser posta em prática, não deve esquecer o papel desempenhado por milhares e milhares de corajosos revolucionários portugueses na luta contra o fascismo.

Entre esses milhares está, como se sabe, o Mário Castrim!

António Pinheiro de Sousa — Oeiras

Coincidências

Na Praça da Liberdade no Porto, existiram, até há pouco, quatro barracas nas quais era vendida propaganda do PS, do PCP, do MDP e do Grito do Povo.

Durante a tarde e parte da noite, ali se passava, apreciando o diverso material exposto, formavam-se grupos diversos discutindo, tudo num ambiente de cordialidade que agradava.

Um dia, o maior partido português promoveu um comício e, por coincidência, lá se foram as barracas do MDP e do PCP; aquele não voltou, mas este, mais teimoso, montou novo «stand» e a vida prosseguiu; prosseguir até que o partido do dr. Soares voltou a promover um comício e, nova coincidência, lá se foi nessa noite a barraca do PCP, que, cautelosamente, não voltou.

No passado dia 10, outra coincidência: o dr. Soares apareceu no Porto a dizer que o Veloso é que é bom e lá se foi a barraca do Grito do Povo.

Orgulhosa e só, lá está agora a barraca do PS, oásis de esperança num deserto de penúria, parecendo dizer a quem passa: aqui quem manda sou eu, o resto foi para o caixote do lixo da história.

E assim, desta forma prática, o PS mostra ao povo do Porto o seu exemplo de socialismo em liberdade.

J.C.S.

Anticomunismo deformado

O senhor José Campos, de Aveiro, publicou no «Post Scriptum» de sexta-feira passada, 18, duas sugestões que são verdadeiros achados, como prodígio de ambiguidade e de incoerência — ou de reservadas intenções que não desejamos «a priori», considerar. Vamos pois, admitir que se trata apenas de um fruto de uma falta de esclarecimento, tão comum, ainda e infelizmente, que leva muito boa gente, como o senhor Campos, a uma visão deformada dos factos.

Com efeito, começa o senhor Campos por felicitar o «DL» pela sua linha de esquerda, mas propõe o saneamento de dois colaboradores desse jornal que se situam precisamente daquele lado da barricada. Afinal como é? Acaso o senhor Campos só conhece o Mário Castrim desde que foi proposto como candidato à Constituição? E o Lauro António? Nunca ouviu falar dele nas actividades cineclubistas, que a P.I.D.E. perseguia (e reprimia), por causa de «certos filmes» que o senhor Campos, provavelmente, não gosta?

Quanto à publicação de artigos «sobre os tempos do fascismo» parece-nos que seriam, na verdade, bastante úteis, sobretudo para todos aqueles que, como o sr. Campos, se dizem não serem anticomunistas, embora, talvez inconscientemente, estejam a agir como tal.

Silva Heitor — Lisboa

Experiências de automóveis

Por ter lido há algum tempo nas páginas do vosso jornal uma notícia de roubos no bairro social do Arco do Cego, decidi por este meio vir expor no D. L. outro tipo de desacatos que se passa também neste bairro, onde moro. De facto, embora de aparência pacata, escondido, este bairro (por isso mesmo, ao que julgo, isto é, por estar longe dos olhos e ouvidos da população) é muitas vezes escolhido para a prática de certos abusos. É o que acontece com os mecânicos de automóveis que escolhem com frequência as suas ruas estreitas para experimentar os carros que têm de consertar. Não se faz ideia do pandemónio que é quando isso acontece. Não é só o ruído atrozador de motores e travões, é o pânico que causam, especialmente, entre as crianças que frequentam as duas escolas primárias oficiais que aqui se encontram. Os desgraçadinhos andam mesmo assustados, além de terem a vida constantemente em perigo, pois passam o tempo a fugir, quando atravessam as ruas, por causa da velocidade a que esses carros, pela mão dos mecânicos (penso que é este o nome desses trabalhadores) entram aqui. Se ao menos reservassem as experiências para o tempo de férias, mas em tempo de aulas é uma verdadeira inconsciência. Quem pagará mais tarde a estas a estas crianças os traumatismos assim provocados? E os acidentes?

PAQUISTÃO: A OBCESSÃO DA UNIDADE

3 — QUATRO "CAPITAIS" E UM PARTIDO DOMINANTE

JEAN DE LA GUÉRIÈRE

ISLAMABAD — O Ministério dos Negócios Estrangeiros está instalado num hotel que fechou por falta de clientes. São numerosas as obras abandonadas porque não há créditos. O essencial do tráfego urbano é constituído pelos carros dos diplomatas que andam de cá para lá, de um cocktail de Embaixada para outro, numa capital que depois das 6 da tarde fica quase deserta. Ao longe, as colinas formam um bonito cenário, mas a cidade, construída num planalto, ressent-se de uma cruel ausência de árvores. As que os chefes de Estado estrangeiros em visita oficial plantam rivalmente, ainda não estão muito altas.

Imaginada através de um plano e criada **ex nihilo**, Islamabad não tem nada de futurista. É limpa e triste como os arredores que cercam as metrópoles francesas da província. Serão precisos muito tempo e muito dinheiro para que a capital concebida para simbolizar a independência e a unidade do «lar» muçulmano do antigo império das Índias, se torne uma autêntica cidade.

O projecto, que deu lugar a apreciáveis mais-valias sobre os terrenos, tinha uma defesa. Lahore, capital religiosa e intelectual está demasiado perto da fronteira indiana. Karachi, metrópole económica e comercial está demasiado longe do centro e tem um clima pouco saudável. O local escolhido para Islamabad oferecia a vantagem de se encontrar na proximidade de Rawalpindi, que serviria de base durante o período de construção. Promovida a capital temporária, Pindi — como se diz no Paquistão — continua a ser a cidade onde reside o presidente da República e o primeiro-ministro. A auto-estrada que liga as duas cidades, separadas por uns vinte quilómetros, faz com que os funcionários dos Ministérios instalados em Islamabad possam dirigir-se num quarto de hora à sede do Poder.

Desde a entrada em vigor, da Constituição de 1973, que Ali Bhutto já não é chefe do Estado, mas, como primeiro-ministro, conservou quase todos os poderes. É ele quem soluciona todos os problemas de certa importância, e nomeia directamente os membros dos órgãos de direcção do Pakistan People's Party (P. P. P.), o movimento que ele próprio fundou, e que apesar de fortemente maioritário, não está ao abrigo de dissensões internas.

Rahim, que foi sucessivamente embaixador em Paris, secretário-geral do P. P. P. e ministro da produção e do comércio, foi finalmente afastado. Instalado em Karachi quer lançar um novo movimento de esquerda, mas a audiência que tem parece ser limitada. É um homem considerado de direita, quem hoje se opõe a Ali Bhutto com maior determinação: Mustapha Khar.

Khar quer «defender os interesses do Pendjab» porque acha que sua província tem sido desfavorecida em comparação com o Sind, outra província rica do Paquistão, de onde são naturais Ali Bhutto e a maioria dos ministros. O candidato do P. P. P. compara o seu adversário a Mujibur Rahman, porque ele «põe em perigo a segurança do país ao prégar o regionalismo». O ministro da Agricultura, que apoia o candidato oficial em

Lahore, disse acerca de Khar: «A sua saída do P. P. P. significa o fracasso dos capitalistas que procuram deitar abaixo as reformas do partido, tendo em vista a criação de uma sociedade igualitária.»

De facto passou-se da querela regional para o debate político. O P. P. P. evoluiu para a direita desde 1973. O único ministro dito de esquerda continua a ser o da Agricultura. A candidatura de Khar fez reaparecer no seio do P. P. P. uma corrente mais favorável a uma política «progressista» e que esperava por uma ocasião de se poder exprimir.

UMA MAIORIA ALARGADA

A eleição parcial de Lahore apaixonou a opinião porque há muito tempo que ninguém ousa desafiar tão espectacularmente o partido dominante. O interesse da confrontação aumentou com o facto de Khar,

para protestar contra a dissolução do NAP e a detenção dos seus principais dirigentes.

O Supremo Tribunal está actualmente a decidir se na interdição está de acordo com a Constituição, como o afirma o Poder, segundo o qual o NAP agia de acordo com o estrangeiro. Os juizes só se pronunciarão dentro de alguns meses.

Assegurada a maioria absoluta na assembleia nacional, Ali Bhutto, procurou principalmente, durante as eleições parciais, consolidar a implantação do seu partido nas assembleias das quatro províncias do Paquistão: Pendjab, Sind, Baluchistão e N. W. F. Também conseguiu instalar solidamente o P. P. P. na Azad Cachemira (a Cachemira «livre»), a parte paquistanesa dessa região que Nova Deli e Islamabad disputam entre si.

Tendo um estatuto especial

dou as suas posições em face da Cachemira indiana, cujo leader, Sheikh Abdullah, se uniu em Janeiro à senhora Ghandi.

IMOBILISMO SOCIAL E ECONÓMICO

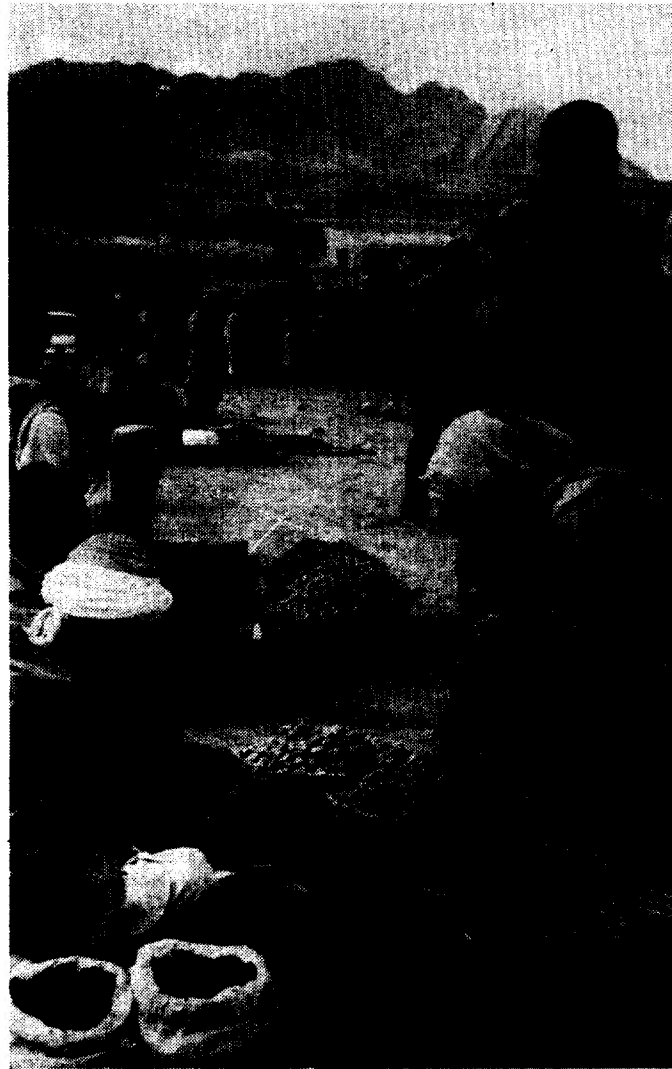
Nas eleições de 1970 o slogan do P. P. P. era: «Um tecto, pão e roupa para todos». Quando em 1972 chegou ao Poder, Ali Bhutto, ordenou uma reforma agrária de aparência revolucionária mas com efeitos muito limitados. Decidiu em seguida a nacionalização das principais indústrias metalúrgicas, mecânicas e químicas. (Estas medidas não visavam as sociedades estrangeiras.) Em 1973, uma reforma administrativa alargou consideravelmente o quadro de recrutamento dos funcionários. A 1 de Janeiro de 1974, a nacionalização dos Bancos, das companhias de navegação e das sociedades de distribuição de gasolina, deu um golpe severo no poderio das «vinte e duas famílias» paquistanesas.

Desde então o Governo não tomou nenhuma medida económica nem social de importância. É certo que o défice dramático do comércio externo não incita a uma política «aventureirista». A natureza e a conjuntura mundial não estiveram com o Paquistão nestes últimos anos. Em 1973-74, o país teve inundações catastróficas. No ano seguinte foi vítima de uma seca excepcional. A barragem de Tarbela, sobre o Indus, principal realização do regime, foi prejudicada por um defeito de construção, diz Islamabad. Devido a um erro nas manobras, assegura o consórcio encarregado dos trabalhos. Ignora-se se os túneis de irrigação que actualmente estão a ser reparados, poderão ser utilizados na próxima primavera, quando começar a faltar a água na planície do Pendjab. O mercado dos têxteis de algodão, exportação principal, não é constante. Hong-Kong, que era o principal cliente do Paquistão, não compra fio desde Setembro.

Certos jovens do P. P. P. desejariam que o Paquistão não dependesse tanto do estrangeiro e que o Governo saísse do seu imobilismo e fizesse reformas importantes. O plano para 1975-76, publicado há pouco, não contém nada disso.

Chegado ao Poder na altura em que a própria existência do Paquistão parecia comprometida, Ali Bhutto consagrou toda a energia em fazer ouvir a sua voz na cena internacional, e desenvolver em todas as províncias a força do P. P. P. que ele considera como que a levedura da unidade. Para atingir esses fins, fechou os olhos aos métodos contestáveis, por vezes, utilizados pelos seus partidários. Na mensagem que acaba de dirigir à Nação durante a festa do Aid, no fim do Ramadão, assegurava que o Paquistão, dirigido por si, «venceu muitas privações a fim de sobreviver como país independente». O primeiro ministro deve agora provar aos cidadãos mais pobres a veracidade do que dizia no início da sua carreira: «Nenhuma mãe paquistanesa trouxe em si um filho mais revolucionário do que eu.»

© LE MONDE



Nacional

Roménia em guia aberto



Pablo Neruda e Miguel Angel Asturias, dois prémios Nobel de largas peregrinações universais, escreveram sobre ela, a Roménia. Viveram com paixão o quotidiano desse povo, o seu trabalho e a sua alegria, e para nós, ibéricos, as suas palavras foram naquela altura sinais de aproximação com esse distante (e hoje tão próximo e tão íntimo) eco latino engravado no universo socialista.

Agora a Editorial Estampa, ao apresentar *A Roménia Contemporânea* (188 págs. com extratextos fotográficos) avança em primeiro contacto do nosso público com o país socialista de maiores afinidades com a voz e as tradições portuguesas. De resto é esse o ponto de partida assumido pelo prefaciador da obra, Mihnea Gheorghiu, no texto com que abre este útil e valioso guia.

Integrada na «Coleção Mundo Socialista», *A Roménia Contemporânea* constitui um vivo documentário onde se descrevem a paisagem, a vida e a cultura do país em leitura concisa e aliciante. É de algum modo um roteiro que antecede e facilita uma viagem ao vivo pela pátria de Eminescu. Desde o panorama histórico-político às ciências e às artes, desde a descrição dos hábitos e da programação turística à organização da vida social, tudo está presente neste resumo da Roménia de hoje, em termos objectivos e funcionais. Depois dos volumes dedicados à R. D. A., à Hungria, Bulgária e U. R. S. S., o novo lançamento da Estampa vem enriquecer e consolidar uma colecção que podemos definir como a *Petite Planète* do Socialismo. — M. D.

JORNAIS DE AVIÃO

PORTO — Durante a sua estadia nesta cidade, o secretário de Estado da Informação, tenente-coronel Ferreira da Cunha, teve um encontro, na delegação do Ministério da Comunicação Social, com os representantes dos órgãos de informação.

Dos diversos assuntos focados, sublinha-se a informação do tenente-coronel Ferreira da Cunha sobre a criação de uma rede de distribuição mais eficaz para os jornais, numa primeira fase abrangendo apenas os jornais de Lisboa e Porto, os quais passarão a chegar mais cedo às duas principais cidades do País, e também a Faro.

O intercâmbio far-se-á através de um avião «já prometido», podendo ser utilizadas ou-

tras aeronaves, também da Força Aérea, a incluir nessa rede de distribuição que o M.C.S. pretende montar de Norte a Sul do País.

Petardo

na Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 27 — Esta madrugada, cerca das 2.45, rebentou um petardo em frente da sede local do P.P.D., pondo em alvoroço a população da vila.

A explosão, que não causou vítimas, provocou alguns danos num edifício e na via pública.

LUSO SOARES AO COMANDANTE-GERAL

"A P.S.P. não se fez só para andar a multar-nos"

Relativamente ao procedimento da Polícia de Segurança Pública (que considera de «negligência») em face de uma ocorrência grave, que reclamava a sua presença, Fernando Luso Soares enviou ao comandante-geral daquela corporação uma carta do seguinte teor:

«O objectivo da minha carta é muito concreto.

«Escrevo a V.Ex.a, enquanto lavo os elementos da Polícia Militar, para reprovar com veemência uma falta, que me parece grave, da Polícia de Segurança Pública. Relativamente aos proprietários dos auto-

móveis julgo que a P.S.P. não se fez só para andar afanosamente a multar-nos, preocupada com o termos deixado, ali ou acolá o carro. A acção de multar é um exercício certamente útil — mas não o único da competência da corporação que V.Ex.a dirige.

«Explicando: sou proprietário de um dos cinco carros que esta madrugada foram danificados por lhes terem colocado engenhos explosivos. Tinha-me deitado pouco antes e assim depreendo que se acaso me tivesse demorado um pouco mais na rua, sem dúvida já não estaria a escrever-lhe esta carta categórica.

«A Polícia Militar compareceu poucos minutos depois da explosão, e fez todas as diligências que lhe pareceram necessárias e cautelares. Designadamente, impôs logo o desvio do trânsito dada a compreensível possibilidade de haver ainda outro engenho explosivo no veículo.

«Durante longuíssimo tempo esperou a Polícia Militar a comparência dos vossos técnicos especializados em matéria de explosivos, engenhos e armadilhas — mas nada. E naturalmente porque a manhã rompia e tinham outras missões a cumprir, eles acabaram justificadamente por retirar-se.

«Porém, eles próprios — da Polícia Militar — e várias pessoas que ali estiveram, todos chegaram a ver passar um carro patrulha da P.S.P., na faixa oposta de rodagem — o qual só parou por exemplar obediência ao sinal vermelho do semáforo. Mas logo que «caiu» o verde, e não obstante terem olhado e necessariamente percebido o que tinha acontecido, os guardas da patrulha-automóvel prosseguiram impávidos e sereníssimos.

«Apareceu a certa altura um agente vindo da esquadra para me identificar — mas tal como veio, voltou para donde veio.

«Cansado de esperar na rua, fui para casa. E enfim, quando saí às 10 horas e pouco, e decidi tentar trazer o carro dali, não tinha a certeza de ir ou não pelos ares. Escusado dizer que quis retirar o carro dali para eliminar aquele espectáculo nada educativo.

Os serviços públicos têm funções que não podem declinar. Os tais vossos técnicos de explosivos, esses, nem os vi. Diria que não percebo isto.

Mas diria mais.

«E então, neste particular, acuso frontalmente a reproável inconsciência e negligência da P.S.P. nesta matéria.»

Nem M.P.L.A.

nem poder popular

Elementos apostados em neutralizar o esforço e a importância da Comissão de Moradores de S. João de Deus (e as necessidades dos seus habitantes) estiveram na origem, durante o plenário de sábado, do abandono por parte dos elementos da mesa da assembleia e, assim, da suspensão.

O ambiente, tenso desde os primeiros momentos e, particularmente, na sequência de um outro plenário efectuado uma semana antes sem resultados concretos — os pontos da ordem de trabalhos não foram afluídos sequer —, aqueceu quando uma moção, depois de um ponto prévio para amenizar o ruído, foi vaiada. O seu conteúdo era progressista e contra ele, se manifestaram os elementos presentes identificáveis em partidos que não estão interessados na Revolução.

E se, sábado, esses moradores reprovaram a moção de apoio ao M. P. L. A. e o seu reconhecimento como «único e legítimo representante do povo angolano», vaiando, foram esses mesmos que, na anterior assembleia, gritaram: quando um dos oradores se reportou ao Poder Popular e admitiu que «sair de casa para um plenário era já um acto político».

Aí, os trabalhos foram interrompidos porque os elementos da mesa, ante as permanentes provocações, desistiram de presidir aos trabalhos. Antes, todavia, uma carta de um dos moradores da freguesia, insurgindo-se contra as tomadas de posição do pároco e denunciando as suas ligações com o P. P. D. (na sacristia da igreja) e elementos presentes no plenário, foi também vaiada, e muitos dos 20 requerimentos igualmente pateados.

Refira-se que no início os representantes dos nossos colegas «O Século» e o «Diário de Notícias», em cobertura jornalística, foram apurados por um largo sector dos presentes.

DETIDOS MAIS QUATRO INFORMADORES DA EX-P.I.D.E.

Durante o mês corrente foram presos mais quatro informadores da ex-P.I.D.E./D.G.S.

Em 1 de Outubro, Agostinho José Pinheiro, filho de José Quintino Pinheiro e de Joaquina Rosa, de 44 anos, natural da Sé-Évora, casado, vendedor de automóveis. Sob o pseudónimo de «Apulo» esteve ligado ao posto da ex-P. I. D. E. / D. G. S. em Évora, denunciando

do acerca de movimentos e elementos desafectos ao regime então vigente, que desenvolviam a sua actividade nessa região; e Epifácio da Rosa Ramalho, filho de Francisco da Rosa Ramalho e de Constantina Maria Ramalho, de 56 anos, natural de São Marcos, Évora, casado e residente em Bairro do Poço.

Estava ligado ao posto de vigilância de Évora da ex-P. I. D. E. / D. G. S. com o qual colaborou, quer como fotógrafo, quer ainda através de manuscritos, denunciando reuniões de carácter político que movimentos oposicionistas efectuavam na área da sua actividade. Usava o pseudónimo de «Vinhos», recebendo de gratificação 300 escudos mensais.

Em 10 de Outubro de 1975: Casimiro Baptista da Cruz Ramos, filho de António Alves da Cruz Ramos e de Piedade de Jesus Baptista, casado, de 35 anos, natural de S. Jorge da Beira, ex-capitão miliciano do Serviço Geral da Força Aérea, e residente na Estrada de Benfica, n.º 521, 5. Esq. em Lisboa. Prestou colaboração à ex-P. I. D. E. / D. G. S., informando sobre pessoas e aspectos do seu meio de convívio.

Em 14 de Outubro de 1975: Amílcar José Aleixo, filho de José Francisco Aleixo e de Bárbara Maria, de 35 anos de idade, casado, desenhador, natural de Santiago Maior (Beja). Sob o pseudónimo de «Alentejo», esteve ligado ao ex-agente Daniel Marques, da ex-P.I.D.E./D.G.S., prestando a essa extinta Polícia política informações acerca das actividades de movimentos contrários ao anterior regime. Também informava sobre movimentações suspeitas de elementos desafectos ao regime fascista dentro da unidade de militar local, onde operava

CIDADE MARGINAL

O DRAMA DE UM GENERAL

O general aposentado Fernando Augusto Rodrigues, de 70 anos, suicidou-se com um tiro de pistola, na sua residência, na Avenida Elias Garcia, 180-2.º. Aquele militar, que foi chefe do Estado-Maior da Região Militar da Guiné, passara à situação de reforma em 1957.

ASSALTANTES DE TRÊS BANCOS

Um homem (Manuel Ascenso, de 29 anos, natural do Pinhal Novo) e uma mulher (Maria Manuela Araújo, de 26, nascida na Amadora), que viviam maritalmente, são procurados pela Polícia Judiciária como autores de vários assaltos à mão armada, perpetrados antes do 25 de Abril, nomeadamente à agência do Banco Borge e Irmão, em Palmela, de onde levaram setenta contos; à agência do Banco Crédito Predial Português, no Estoril, de onde roubaram mil e quinhentos contos; e à agência do Banco Totta e Açores, no Príncipe Real, em Lisboa, onde se apoderaram de dois mil e setecentos contos. A última residência conhecida do casal situava-se em Pai do Vento, lote 4-1.º, letra C, em Cascais. Qualquer informação sobre o seu paradeiro deve ser transmitida para a sede daquela corporação (agentes Lucas Pereira e Sousa Martins), através dos tels. 533131 e 535380, ou ainda para a autoridade policial mais próxima.

PRIMEIRO BISPO DE SETUBAL

SETÚBAL, 27 — Na Sé Catedral de Santa Maria, efectuou-se ontem à tarde a ordenação episcopal de D. Manuel da Silva Martins, primeiro bispo da diocese de Setúbal. A cerimónia, que teve grande afluência de fiéis, estiveram presentes, além do cardeal-patriarca de Lisboa, o Nuncio Apostólico, arcebispos D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, que se fazia acompanhar de D. Domingos Brandão, bispo auxiliar do Porto; bispos de Santarém e Beja e bispo auxiliar de Vila Real. A sagração foi presidida por D. António Ferreira Gomes.

O primeiro bispo de Setúbal é natural de Leça do Balio, concelho de Matosinhos, onde nasceu a 20 de Janeiro de 1927. Licenciado em Direito Canónico pela Universidade Gregoriana de Roma, desde 1969 que exercia as funções de vigário-geral da diocese do Porto.

Silva Lopes no estrangeiro

O novo governador do Banco de Portugal, dr. José Silva Lopes, partiu ontem à tarde de Lisboa para uma viagem à Suíça e à Inglaterra. Esta é a primeira vez que o dr. Silva Lopes se desloca ao estrangeiro, após ter tomado posse do cargo de governador do banco central.

DECORAÇÃO

AUMENTE O VALOR DO SEU DINHEIRO COMPRANDO NO NOVO ARMAZÉM DE ARTIGOS DE DECORAÇÃO

TECIDOS, ALICATAS, PAPEIS PINTADOS

E TUDO PARA DECORAÇÃO

— VENDAS DIRECTAS —

ALIE O SEU BOM GOSTO AO VALOR DOS NOSSOS ARTIGOS VISITE NOS

BENTO, RATINHO, LDA.

R. dos Doutadores, 72 — Tel. 322686 — LISBOA

DÃO-SE 5.000\$00

A QUEM INDICAR O PARADEIRO DOS SEGUINTE VEÍCULOS

PP 90 / 61 — MERCEDES Beije

AAC - 84 - 91 — MERCEDES Branco

INFORMAÇÕES PARA A COMPANHIA DE SEGUROS SOBERANA,

TELEFONE 31.10.53 — PORTO, OU PARA O POSTO POLICIAL MAIS PRÓXIMO.

ADOQUE

grupo de teatro

(ao Martim Moniz)

Tel. 87 42 80

HOJE

As 20.30 e 22.30 horas

ACÍDOS CARDEAIS

• 2.º MÊS! •



MARIA TAVARES em «Alentejo no Rostio» UM COMÍCIO DE GARGALHADAS!

Num teatro completamente remodelado, uma grande revista popular. Bilhete desde 30\$00!

(NÃO se esqueça de ir ao teatro antes das 19h30)

COSTA GOMES NO REGRESSO DE BELGRADO

"Sempre que saio
vou com o coração nas mãos"

Depois de visitar o Vaticano, Itália e Jugoslávia, numa viagem que durou quatro dias, Costa Gomes regressou a Lisboa ao fim da tarde de sábado. No aeroporto era aguardado pelo Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo, e pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião, que tinham acabado de regressar do Porto. Presentes igualmente o comandante do Copcon, general Oteio e chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Filgueiras Soares, o comandante Martins Guerreiro e outros membros do Conselho da Revolução, e ainda grande parte dos ministros, secretários e subsecretários de Estado do VI Governo, Mário Soares e Octávio Pato representaram os seus partidos. Na circunstância, como é habitual, o Presidente da República falou para os órgãos de Informação, fazendo um resumo do que foi a sua viagem, que o impressionou fortemente no

que se refere à Jugoslávia e ao seu socialismo autogerido. No avião, durante o regresso, Costa Gomes falou com os jornalistas durante cerca de uma hora, de uma maneira informal e completamente franca. Sem rodeios, mostrando-se interessado no contacto aberto com os homens da Informação, que o «bombardearam» com toda a espécie de perguntas, a que não se furtou. Costa Gomes abordou a situação em Portugal afirmando abertamente que «sempre que saia de Portugal ia com o coração nas mãos», pois não sabia nunca o que poderia entretanto acontecer. A uma pergunta de um jornalista o Presidente da República confirmou que na realidade «já vira a guerra civil à sua frente por três ou quatro vezes», mas que felizmente conseguira evitar que isso se concretizasse. «No entanto» — acrescentou — «neste momento as coisas parecem estar um pouco melhor e por isso espera que

o País não venha a sofrer tamanha calamidade. «Tudo farei para que os portugueses não se envolvam numa guerra civil, pois isso seria o pior que lhe poderia acontecer. Ainda agora o presidente Tito, figura revolucionária, admirado em todo o mundo, me falou nisso mesmo, adiantando que a guerra civil é aquela que mais destrói, e a que cria ódios e divisões entre a população muito difíceis de recuperar». A este propósito Costa Gomes lembrou que Tito em breve virá a Portugal — o convite que lhe foi dirigido foi aceite — e a sua presença entre nós, com os ensinamentos que nos poderá trazer, certamente se revelará benéfica.

Nesta longa conversa — que terminou por sugestão dos jornalistas, verdadeiramente impressionados com a abertura e franqueza do general, que se conservou sempre de pé e sem enfado — Costa Gomes abordou com detalhe a situação em Angola, confirmando as declarações feitas por Melo Antunes em Belgrado. Portugal deixará Angola em 11 de Novembro, aconteça o que acontecer, pois «a nossa presença no território para lá dessa data não ajudaria em nada a resolução do conflito». Os dirigentes jugoslavos compreenderam perfeitamente a posição portuguesa, que consideraram correcta. Tito, que sempre ajudou o M.P.L.A., pensa, segundo afirmou o Presidente da República, que não é possível nem aconselhável a Portugal fazer a transmissão de Poder apenas para um movimento. «A esperança que tinha, no início desta viagem quanto à possibilidade de ainda se arranjar uma solução política até 11 de Novembro, praticamente desapareceu, depois das informações que recebi em Belgrado» — acrescentou Costa Gomes.

Um outro ponto que mereceu a atenção de Costa Gomes foi a informação em Portugal, que considerou em parte culpada do ambiente que se vive no nosso País. Contudo, em resposta a um jornalista, o Presidente veio a reconhecer que a Imprensa tem sido utilizada, no pior sentido por forças políticas e por personalidades militares, que têm largas responsabilidades, e as quais fazem chegar aos órgãos da informação relatórios, documentos e notícias que mais não visam do que conduzir a opinião pública para o caminho que lhes interessa.

Sobre o decreto que determina a possibilidade de recrutamento de militares licenciados, Costa Gomes explicou essa medida como decorrente da necessidade que o País tem de «possuir uma força militar disciplinada e com capacidade de intervenção», e que, contrariamente ao que se tem propagado «essa força não se destina somente a Angola para cobrir a retirada das forças portuguesas que lá estão neste momento, mas também para intervir, em caso de necessidade, nos Açores e em Timor». Não se pronunciou, no entanto, verdade seja dita, porque ninguém lhe perguntou sobre a hipótese de vir a actuar no Continente.

Costa Gomes falou ainda sobre a política externa portuguesa e o significado das suas inúmeras viagens ao estrangeiro: «Vocês, jornalistas, podem pronunciar-se sobre isso; melhor do que eu, mas sem fazer

modéstias estou convencido que tenho prestado um bom serviço ao País, que é cada vez mais considerado internacionalmente». Por fim confirmou ter sido convidado a visitar oficialmente o Senegal — e não o Canadá, como chegou a ser noticiado — embora não deva sair novamente tão cedo, pelas razões apontadas anteriormente: «Sempre que saio vou com o coração nas mãos.»

Bando racista assalta a Casa de Angola

Retornados de Angola assaltaram no último sábado, cerca das 17 e 30, as instalações da Casa de Angola em Lisboa. Aconteceu no decurso de uma manifestação onde foram gritadas palavras de ordem contra o M. P. L. A. e pela vitória da U. P. A. / F. N. L. A. - U. N. I. T. A. Também se ouviu: «Pinheiro de Azevedo, em frente sem medo». Por essa altura, o Primeiro-Ministro era envolvido, no Porto, pela simpatia de Mário Soares e de Sá Carneiro e pelo calor de uma manifestação do P. S. e do P. P. D.

A manifestação realizada em Lisboa e cujo objectivo principal era o assalto e saque da Casa de Angola, terá sido encorajada por um «aviso» do jornal fascista «O Retornado», da última sexta-feira, através do qual se convidavam os retornados a comparecerem no Rossio pelas 14 horas. Dizia-se ali «que ninguém falte, porque a união faz a força». Recolheu-se, entretanto, que muita gente faltou. A reacção contou, apenas, com cerca de 200 elementos.

A bestialidade do ataque à Casa de Angola saldou-se em três feridos (um dos agredidos foi parar ao hospital pelo facto, simples, de trazer consigo um emblema do P. C. P.) e na destruição de mobiliário e documentos do M. P. L. A.

A chegada de sete jipes da Polícia Militar, após a invasão, não desencorajou o bando. Pelo contrário, o testemunho de

Nicolae Ceausescu
visita Portugal

BUCARESTE, 27 — O interesse com que em Lisboa se encara a próxima visita a Portugal do presidente Nicolae Ceausescu, da Roménia, foi ontem descrita pelo diário de Bucareste, «Scinteia», que pela pena do seu enviado especial, Vasile Oros, escreve a atmosfera lisboeta nas vésperas da deslocação presidencial.

Declarações na Imprensa de personalidades políticas bem como contactos com o povo — es-

creve o enviado especial — provam bem os sentimentos de amizade do povo português para com a Roménia e o seu presidente.

Cresce em Lisboa — prossegue Vasile Oros — a convicção, testemunhada por diversos representantes da vida política e da opinião pública, de que a visita do presidente Nicolae Ceausescu marcará um momento da maior importância para o estímulo e o aprofundamento das relações bilaterais.

SÁ CARNEIRO EM VISEU

O Partido Popular Democrático prosseguiu ontem em Viseu a série de comícios que está a realizar nas principais cidades do País. A sessão de Viseu foi no campo de treinos ao pé do Estádio do Fontelo e falaram, além do secretário-geral dr. Francisco Sá Carneiro, Sá Borges e deputados do P. P. D. pelo círculo eleitoral.

No uso da palavra durante mais de uma hora, Sá Carneiro repetiu os lugares mais comuns dos seus discursos ultimamente, e disse, entre outras coisas, que «já não precisamos de movimentos de libertação, quer seja de direita ou de esquerda, em virtude de o povo português ter conseguido a liberdade em 25 de Abril, e isso sem atitudes paternalistas em relação ao povo português. Dizemos não ao E. L. P. e não à F. U. R. — afirmou Sá Carneiro — nem Chile nem Praga».

Sá Carneiro invejou o P. C., falou da informação de presos políticos e, elogiosamente, referiu a acção da Igreja em Portugal na luta que está a travar-se pela conquista da liberdade. A propósito censurou a desvelagem da Rádio Renascença e criticou a actuação das forças da ordem que, em sua opinião, não mantêm a ordem nem o prestígio da Presidência da República.

Numa passagem do seu discurso, de acordo com relato publicado hoje num matutino

de Lisboa disse Sá Borges: «O socialismo que desejamos não se constrói de noite com a ocupação de casas e de terras, pois o socialismo que queremos é o socialismo feito à luz do dia e para benefício do povo.» Referindo-se ao Governo que integra, dizia que «este Governo é de homens honrados, e quem está no Governo para apunhalar o povo pelas costas não pode lá continuar». Alusão evidente ao Partido Comunista Português, de quem Sá Carneiro dizia que «domina os órgãos de Informação, não para ouvir a nossa voz, pela liberdade de informação mas para conseguir os seus objectivos.»

Depois do Fontelo, os manifestantes atravessaram a cidade em direcção ao RIV. O 1.º e 2.º comandantes não estavam lá. Sá Carneiro, em todo caso, leu uma moção onde apelava para a disciplina militar.

A tarde e à noite reinava alguma intranquilidade entre os militantes de partidos progressistas, pois receavam-se incidentes análogos aos que ocorreram há algumas semanas, precisamente na sequência dum manifestação idêntica, e dos quais resultou o assalto e o incêndio de quase todas as sedes das organizações de esquerda, à excepção do P. S. e do M. R. P. P. não se registaram incidentes a assinalar.

GRANDOLA EXIGE

"P.P.D. fora do Governo!"

Um grande cartaz dava a tônica da manifestação unitária realizada no passado sábado em Grândola: «Governo Popular e Independência Nacional». O resto, diziam-no as palavras de ordem: «P.P.D. fora do Governo» e «Vasco, Corvacho, 5.ª Divisão, volta-raio!».

Convocada por comissões de trabalhadores e moradores, a manifestação partiu da Praça da República, engrossando consideravelmente durante o percurso até à Câmara Municipal. Ali, já com uns bons milhares de pessoas, realizou-se um comício.

As intervenções de elementos de comissões de morado-

res e de trabalhadores da zona, caracterizaram-se pela denúncia da tentativa do ministro Almeida Santos de impor uma censura aos jornais que estão do lado do povo, pelo apoio à Reforma Agrária, contra a social-democracia, contra a formação do AML, contra os latifundiários.

«Senhores governantes: façam as malas e deixem o povo trabalhar», dizia um dos oradores, referindo-se ao VI Governo Provisório.

Foram aprovadas várias moções, entre as quais uma de apoio ao M.P.L.A., considerado pelos participantes o único movimento representativo do povo angolano.

Carrington da Costa
desmente "A Luta"

COIMBRA, 27 — No decorrer da última sessão pública da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Coimbra, além de serem tratados vários assuntos referentes aos interesses da municipalidade, o presidente, prof. Carrington da Costa, contestou as afirmações vindas a lume no jornal «A Luta» do passado dia 21 de Outubro, que a propósito de uma referência à sessão extraordinária decorrida anteriormente na Escola Técnica de Avelar Brotero, pretendia aquele órgão de Informação rotular aquela Comissão Administrati-

va de «partidária» e «antipopular».

Foi em seguida esclarecido que a C. A. da Câmara Municipal de Coimbra conta, entre os seus membros em número de 17, apenas três elementos do M. D. P. C. D. E. e que nunca o trabalho da mesma se conduziu senão no sentido de defender os interesses da cidade e do concelho, sem aberrações partidárias e com o apoio das populações locais. Toda a Comissão Administrativa repudiou veementemente as falsidades dadas a público pelo jornal «A Luta».

P.R.P. reúne comissão central

Reuniu-se no sábado passado a Comissão Central do P.R.P., Partido Revolucionário do Proletariado. Na reunião participaram, segundo uma informação do próprio P.R.P., 140 militantes responsáveis pela extensão da organização a nível nacional.

Temas debatidos: a situação política actual, as medidas a tomar perante o ascenso das forças de direita. O plenário concretizou a decisão anteriormente tomada pelo CC, de passar clandestinidade às BR, Brigadas Revolucionárias.

Foram consideradas as várias frentes a desenvolver e organizar no sentido da insurreição e tomadas medidas de «apoio e reforço da organização da F.U.R. a nível nacional e da presença militante nos S.U.V.'s». O P.R.P. considera esta organização «como vanguarda política dentro dos quartéis a qual tem como objectivos o impulsionar da organização autónoma dos soldados e marinheiros que é constituída pelas comissões eleitas em plenário de soldados e o seu funcionamento como vanguarda na condução do processo insurreccional».

As questões do Poder Popular e da vigilância revolucionária — foram debatidas e consideradas, sobretudo a es-

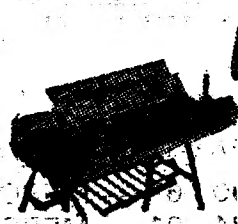
gunda, em função da necessidade de «por cobro às manobras partidárias que pretendem instrumentalizar e manobrar os órgãos de poder eleitos pelos trabalhadores». Neste sentido — diz uma nota do P.R.P. — «decidiu-se tomar medidas para que haja uma verdadeira e forte militância para defender o apartidarismo».

Mais: considerou-se ainda «a necessidade imprescindível de uma direcção política-militar que unifique a vanguarda e que coordene as

várias frentes e tipos de luta a nível nacional e regional. Tomaram-se medidas no sentido do alargamento e do reforço do Partido para que este se solidifique como vanguarda a nível nacional pois considerase que é impossível o triunfo da insurreição e da defesa do Poder Revolucionário sem a presença forte de uma vanguarda em todas as frentes organizadas».

Dentro de dias, o P.R.P. vai tornar público um manifesto ao proletariado.

BROTHER
MÁQUINAS
DE TRICOTAR



uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPO

Rua Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 30223 — PORTO

Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A — Tel. 632251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva para: ELECTRIPO

Nacional

INTELECTUAIS CONTRA PRISÕES NO BRASIL

O Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução — entidade recém-criada e que engloba já largas centenas de intelectuais progressistas portugueses — reuniu em assembleia geral, aprovou, por unanimidade, o envio de uma carta ao embaixador do Brasil, protestando contra a repressão efectuada pelo Governo daquele país, relativamente a trabalhadores intelectuais.

Destacando, nomeadamente, a vaga de prisões de jornalistas, estudantes, professores, arquitectos e engenheiros verificada no último fim-de-semana, em São Paulo, acrescenta que o Governo brasileiro «acaba de ofender mais uma vez a liberdade de expressão e de pensamento e conquistará decerto, a repressão geral dos homens livres de todo o mundo.»

Referindo-se a seguir à detenção do estudante português, filho do escritor e jornalista, agora chefe de redacção do «Avante», órgão oficial do Partido Comunista Português, Miguel Urbano Rodrigues, salienta a carta que, tanto esse estudante, como todos os outros presos políticos têm apenas contra eles o «não estarem de acordo com a orientação do Governo brasileiro e defenderem os ideais de democracia, que são iguais de justiça e de liberdade, des-

graçadamente desrespeitados pelos responsáveis do Governo daquele país».

«Não querendo deixar passar em branco mais este atentado da repressão fascista contra a cultura e a inteligência» os trabalhadores intelectuais daquele Movimento prosseguem a missiva, pedindo ao embaixador brasileiro que transmita ao seu Governo o protesto dos trabalhadores intelectuais portugueses, hoje reunidos em assembleia popular, relativamente às prisões arbitrárias dos seus camaradas, o protesto pela prisão de Miguel Rodrigues, cidadão português vítima (no Brasil) de ser filho do nosso camarada Miguel Urbano Rodrigues e das maquinações dos pseudoportugueses que de Portugal têm fugido para esse país, e a repulsa que lhes merece a subsistência no mundo de uma política fascista de língua portuguesa, posto ao serviço do grande capital, isto precisamente no tempo em que nascem e crescem tantas outras nações livres de expressão irmã da nossa.

E terminam declarando que o MUTI «exige do Governo brasileiro — porque a voz da razão e da liberdade há-de ter eco em todo o mundo — a imediata libertação dos trabalhadores intelectuais antifascistas detidos em São Paulo.»

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

SEDE: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
L I S B O A

REFORMA AGRÁRIA

ESCLARECIMENTO

Em referência ao comunicado sob o título em epígrafe, saído a lume nos jornais diários do passado dia 8/10/75, vem a Direcção deste Sindicato esclarecer o seguinte:

1 — A tomada de posição do S.T.C.D.L. a favor da C.R.A.R.A. nasceu da proposta dum sócio em Assembleia Geral realizada na Voz do Operário em 20/2/75, com a presença de 483 (quatrocentos e oitenta e três) sócios, conforme consta em livro de actas.

2 — A contribuição de 5\$00 (cinco escudos) por sócio, o que perfaz 325 000\$00 (trezentos e vinte e cinco mil escudos) foi estimada pela Comissão Directiva em reunião de Direcção a 10/9/75.

3 — A referida importância foi entregue na Inter-sindical Nacional com destino aos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas em 19/9/75.

4 — Reafirmamos o nosso inteiro apoio à Reforma Agrária.

Pel' A DIRECÇÃO
(assinatura ilegível)

COMUNICADO LUSO-JUGOSLAVO PÕE A TÓNICA EM ANGOLA

No final da visita do Chefe do Estado à Jugoslávia foi emitido um comunicado conjunto no qual se dá nota das conversações dos presidentes Costa Gomes e Tito acerca do desenvolvimento das relações bilaterais, da situação internacional actual, dos acontecimentos em Angola, e de outras questões de interesse comum.

De acordo com notícia oficial, o presidente Tito aceitou com satisfação o convite que o general Costa Gomes lhe endereçou para visitar o nosso país.

Sobre as relações entre Portugal e a Jugoslávia, salientamos, os seguintes pontos:

Os dois presidentes constatarem que as boas relações bilaterais e de colaboração mantidas desde a reabertura das missões diplomáticas dos dois países em Junho de 1974 se baseiam nos princípios da carta da O.N.U. e estão perfeitamente de acordo com a declaração de princípios adoptados em Helsínquia no acto final da C.S.C.E. Ambos sublinharam que essas relações se baseiam na igualdade soberana, na igualdade de direitos, na não-ingrência e cooperação mutuamente vantajosa, com pleno respeito pelos compromissos internacionais e orientação dos dois países.

Os dois presidentes confirmaram solenemente o desejo da R.S.F. da Jugoslávia e da República Portuguesa de, com respeito pelos princípios acima citados, desenvolverem uma cooperação permanente em todos os domínios, desejando que a mesma contribua o mais possível para um melhor conhecimento, aproximação e amizade dos povos dos dois países, com vista ao seu maior desenvolvimento, prosperidade e no interesse da cooperação internacional.

Ambos os presidentes sublinharam o papel muito útil que neste domínio têm os encontros de representantes dos seus Governos bem como das organizações políticas sociais e profissionais dos dois países, e a sua cooperação no sentido de contribuírem para a aproximação e fortalecimento das relações luso-jugoslavas. A este respeito, sublinharam que as visitas oficiais dos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países em Janeiro e Outubro deste ano constituíram um contributo importante para o desenvolvimento das relações e incremento da cooperação bilateral. Sublinharam, ainda, a utilidade de uma troca regular

de pontos de vista dos representantes dos dois Governos sobre questões da actualidade nas relações internacionais, e desenvolvimento da cooperação internacional.

Os dois presidentes exprimiram a sua satisfação pelo facto de já terem sido assinados acordos sobre comércio, turismo e supressão de vistos. No âmbito desta visita, foi assinado solenemente o acordo de cooperação cultural. Foi confirmada a intenção de, num futuro próximo, se concluírem acordos que regulem a cooperação nos domínios dos transportes, do intercâmbio científico e técnico, e outros. Foi particularmente assinalada a necessidade de esforços bilaterais, a fim de desenvolver rapidamente as relações económicas. Portanto, ambos os países dão particular importância aos trabalhos do Comité Misto para a Cooperação Económica que começará em breve a funcionar.

Foi ainda expressa a intenção de apoiar decididamente a cooperação cultural, científica, turística, desportiva e noutros campos, bem como estreitar contactos entre os cidadãos dos dois países, para um maior e melhor conhecimento mútuo.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Sobre as conversações de Costa Gomes e Tito acerca de diversos problemas das relações internacionais, o comunicado refere:

Os dois presidentes saudaram o sucesso final da C.S.C.E., e reafirmaram a decisão dos seus países de, juntamente com os outros participantes da Conferência, se empenharem na observância do espírito e na aplicação das decisões do acto final da Conferência. Ambos sublinharam, em especial, a necessidade de uma valorização idêntica do significado e da utilidade de todas as partes deste documento, a fim de que a sua aplicação global possa conduzir na base da igualdade a um aprofundamento da confiança e cooperação entre todos os países. Partindo da interdependência real entre as Nações do Mundo, os dois presidentes realçaram a sua convicção de que uma paz e segurança mundiais mais estáveis, relações mais justas entre os povos, e uma cooperação internacional em pé de igualdade, só serão possíveis se o processo de desanuviamento, e a reso-

lução dos problemas internacionais mais candentes, for processado à escala universal.

Exprimiram a sua preocupação com a situação existente no Médio Oriente. Saudando todos os esforços que conduzem à paz e segurança nesta região, exprimiram igualmente a sua firme determinação de se encontrar com urgência uma solução durável e justa para os problemas do Médio Oriente.

Reafirmando a sua convicção de que a paz e segurança na Europa é indissociável da paz e segurança em toda a área do Mediterrâneo, os dois presidentes confirmaram a disposição dos seus países em contribuírem para a cooperação democrática entre os países desta região.

ANGOLA, ALVO DE PREOCUPAÇÃO

As conversações abordaram também o fim da política colonial portuguesa, de acordo com os seguintes pontos:

Os dois presidentes sublinharam particularmente a necessidade de medidas consequentes e enérgicas para a liquidação total do colonialismo, e contribuindo com a sua simpatia e apoio aos Movimentos de Libertação que lutam pela independência dos seus países. Ambos partilham a opinião de que qualquer prolongamento de formas de Governo colonial contém em si, objecti-

vamente, elementos de uma crise já existente, ou potencial, de dimensões mundiais. Daí a liquidação consequente e inadiável do colonialismo, constitui um imperativo do nosso tempo antes de mais no interesse dos povos oprimidos mas também de toda a comunidade internacional.

O presidente Tito reafirmou a satisfação e aprovação com que a Jugoslávia juntamente com os países não alinhados bem como toda a comunidade internacional saudou a política de descolonização do Governo português que devolveu a Portugal a dignidade de um país democrático.

Ambas as partes exprimiram a sua preocupação pelos acontecimentos em Angola considerando perigosas as interferências externas e julgando indispensável que as forças internas deste país ultrapassem as presentes dificuldades a fim de que Angola possa aceder à independência em condições conducentes a um desenvolvimento progressivo do país. O Presidente Costa Gomes informou o presidente Tito dos esforços que neste sentido o Governo português está a fazer o que encontrou a compreensão da parte jugoslava.

O comunicado refere, ainda, outros pontos das conversações havidas entre o general Costa Gomes e o marechal Tito, nomeadamente a questão do desarmamento, a favor do qual ambos se pronunciaram pela convocação urgente de uma conferência mundial.

QUEM PROTEGE MARGINAIS NA COVA DA PIEDADE?

Um grupo de moradores da Cova da Piedade apresentou à comissão de moradores local uma proposta em que chama a atenção para a contradição entre a medida governamental para a entrega de armas de guerra que se encontrem na posse da população e a indiferença com que as autoridades assistem à vaga de roubos na Cova da Piedade.

«(...) Mas, facto curioso, é também neste momento e não só, que se assiste a uma grande vaga de roubos numa zona conhecida e temida pela burguesia dada a sua determinação revolucionária. Esta zona é, concretamente, a Cova da Piedade... A esta vaga de roubos assistem as «autorida-

des» com uma impressionante calma e alheamento que vai ao ponto de, por um lado, a G. N. R. se recusar a lidar «in loco» e de imediato um dos roubos, apesar da solicitação do assaltado, e, por outro lado, de o cabo do posto da G. N. R. da Cova da Piedade se queixar ao mesmo assaltado de haver na zona autênticos coios de marginais e de não ser autorizado a agir contra os mesmos.»

Os autores do documento alertam todos os trabalhadores para estas manobras, ressaltando o aproveitamento pernicioso que organizações de direita poderão fazer em momento oportuno destes marginais.

Editorial Minerva

MANUEL RODRIGUES, SU CRS. L DA.
R. Luz Soriano, 31-33 e 35, 1.º LISBOA 2
Telefone 32 25 35

COMUNICADO

A Gerência da Editorial Minerva, Manuel Rodrigues, Sucrs. Lda., vem por este meio comunicar que doou a sua firma com activo e passivo, à Associação dos Deficientes das Forças Armadas, e agradece toda a colaboração sempre prestada por todos os seus clientes, fornecedores e público em geral.

A GERÊNCIA

ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA

L. DE S. DOMINGOS — TEL. 36 21 67-36 32 63 — LISBOA

COMUNICADO

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas vem comunicar que passou a ser proprietária, por doação do activo e passivo, da firma Editorial Minerva, Manuel Rodrigues, Sucrs. Lda., pelo que agradece a melhor colaboração como até aqui tem sido desempenhada por todos os seus clientes, fornecedores e público em geral.

A DIRECÇÃO

Nacional

NOTA DO M.E.I.C.

Início das aulas no ensino unificado

A propósito do início de aulas para o 7.º ano de escolaridade (o primeiro não obrigatório e o primeiro também de Ensino Secundário Unificado) recebemos do M.E.I.C. um comunicado que informa não haver motivos para que o início de aulas seja adiado ao mesmo tempo que esclarece não ser o ensino unificado o motivo de atraso que se regista na abertura das aulas e anuncia o apoio documental aos professores do 7.º ano.

É do seguinte teor o comunicado:

«Tendo chegado ao M.E.I.C. notícia de indecisões e dúvidas quanto ao início das aulas do 7.º ano de escolaridade, esclarece-se que estas devem iniciar-se, não havendo motivos para o seu adiamento.

«O acompanhamento pedagógico projectado para os professores do 7.º ano, e que se processará ao longo do ano, não obsta à abertura das aulas, dado que, destinando-se a todos os professores, terá de se desdobrar em várias fases, o que significa datas diferentes para cada disciplina e ou grupos de escolas.

«O progressivo aumento de afluência ao ensino secundário e o correspondente acréscimo de inscrições nos primeiros anos têm criado problemas de instalações em algumas escolas, facto que já nos últimos anos tem ocasionado atrasos na abertura do ano lectivo.

«Os alunos, actualmente inscritos no 7.º ano do Ensino Secundário Unificado, são os que se destinavam a frequentar, este ano lectivo, os liceus e as escolas técnicas, visto que o 7.º ano não representa, como já repetidamente foi divulgado,

um aumento de escolaridade, pois ainda não integra a faixa escolar obrigatória.

E o comunicado prossegue: «A medida de unificação não agrava o problema da carência de instalações escolares. Antes permite, em certos casos, atenuá-lo pela possibilidade que dá de distribuir os alunos deste ano por maior número de estabelecimentos, transferindo o excedente dos liceus para as escolas preparatórias, visto tratar-se de um mesmo curso a funcionar em diferentes tipos de estabelecimentos de ensino.

O horário semanal do 7.º ano de escolaridade, com um número de horas mais reduzido do que os do ensino técnico liceal, permite também um melhor aproveitamento dos estabelecimentos escolares.

APOIO AOS PROFESSORES

O M.E.I.C. enviou aos estabelecimentos de ensino uma circular esclarecendo o esquema de envio de textos de apoio documental aos professores do 7.º ano de escolaridade, que inclui a relação dos livros aprovados e autorizados para as disciplinas de Português e de Matemática.

Livros escolares para Português (livros aprovados para o 7.º ano de escolaridade): «Textos» — Maria Leticia Clemente da Silva e Eduardo Monteiro; «Leituras Contemporâneas» — Artur Proença, Joaquim de Barros, Raúl Gomes; «Horizonte» — Matilde Rosa, Arcanjo, J. Salvador Sampaio, José Roque Praia, O. Pinto Baptista e V. Ferro Júnior; «Cantos e Poemas» — Leituras Complementa-

res» — Artur Proença, Joaquim de Barros e Raúl Gomes. Livros para o 7.º ano de escolaridade, cuja escolha fica exclusivamente ao critério dos conselhos escolares: «Conto» — Eduarda Sá e Maria Cabral; «Conviver» — Maria Isabel Saraiva e Raul Dinis; «Seara Hoje» — Hironidino Fernandes e Pires Cabral.

Livros para Matemática: «Compêndio de Matemática para o 1.º ano do Ensino Liceal» (antigo 3.º ano) — António de Almeida Costa e Alfredo Osório dos Anjos; «Matemática para o 1.º ano do Curso Geral do Ensino Técnico» — Aires Biscaia, Jorge Monteiro, Santos Heitor, Helena Pinto, Vítor Pereira e Francelino Gomes; «Matemática para o 2.º ano» (2.º volume) — Vítor Pereira e Francelino; «Sabe Matemática?» — Natália d'Eça, Álvaro Gouveia e Cassio e Veloso Gomes; «Eu e a Matemática» (livro guia) — fichas de trabalho de M. Cerqueira e Têlo T. Fernandes.

ENGENHARIA SUSPENDE GREVE

Os assistentes da Faculdade de Engenharia do Porto decidiram abandonar a greve que fora começada no passado dia 13. A suspensão deve-se à satisfação do pagamento dos retroactivos de Janeiro e Setembro, em Novembro, referentes ao reajustamento de letra do pessoal. Entretanto, os assistentes, reunidos ontem decidiram marcar uma nova assembleia para análise da situação e programação da actuação futura.

I.N.E.F. EM LUTA

«As injustificadas e despro-

positadas alterações que o secretário de Estado do Ensino Superior, engenheiro Brotas, pretende introduzir no decreto-lei que cria os I.S.E.F. e repara situações de injustiça de âmbito profissional», levou os alunos, profissionais de educação física e trabalhadores dos estabelecimentos de ensino de educação física da região de Lisboa a reunirem-se no passado dia 23 pelas 21 horas no I.N.E.F. a fim de serem adoptadas medidas de luta mais adequadas. Assim, ficou decidido estabelecer como prazo limite de uma resposta afirmativa (não alterações no decreto) por parte do ministro o dia 27 de Outubro. Decidido foi ainda serem adoptadas formas concretas de luta. No plenário em referência ficou aprovado o envio ao ministro e secretários de Estado de um telegrama em que se refere «ser de total responsabilidade do M.E.I.C. o agravar da situação».

Entretanto, até à próxima segunda-feira decorrem reuniões de trabalhadores da Educação Física por todo o País. O processo agora desencadeado é coordenado por um Secretariado de Informação da Comissão de Luta.

Recorda-se que o decreto em causa a que o engenheiro Brotas pretende introduzir alterações foi elaborado com alçada e colectiva participação de alunos, profissionais, trabalhadores, secretários de Estado, Direcções-Gerais do M.E.I.C. e Sindicato dos Professores sendo o mesmo «consequência de um trabalho construtivo e de morosa reformulação legislativa ao longo de 11 meses».

SINDICATO DOS PROFESSORES EXECUTIVOS NACIONAIS

COMUNICADO DA REUNIÃO NACIONAL DE EXECUTIVOS PELA GARANTIA DE DIREITO AO TRABALHO DE TODOS OS PROFESSORES

Na RNE de 22 de Outubro foi feito pelos Executivos Nacionais um balanço das posições definidas pela classe nas diversas Zonas face à solução para a garantia de emprego para todos os professores. Constatou-se que as posições manifestadas pela classe nas diversas assembleias sindicais realizadas, não legítima, neste momento, qualquer delas como claramente maioritária, o que enfraquece obviamente a capacidade reivindicativa do Sindicato para atingir o objectivo definido por toda a classe de garantia de trabalho no ensino para todos os professores que leccionaram em 74/75.

Com base na análise feita, a RNE decidiu exigir ao MEIC que defina a sua posição face à reivindicação geral da classe de garantia de emprego no ensino para todos os professores que prestaram serviço no ano lectivo anterior; decidiu submeter à reapreciação da classe a nível nacional as duas propostas de solução de modo a garantir o inequívoco apoio de maioria dos professores a uma delas, apelar para que os professores que se encontram nas escolas tomem conta dos horários e não os entreguem aos novos professores colocados através da Comissão Central de Colocações sem que o MEIC dê garantias de satisfação da reivindicação geral em função da proposta que vier a recolher o apoio maioritário da classe, assegurando entretanto o início imediato do ano lectivo em todas as escolas onde tal for possível.

No dia 23 de Outubro realizou-se uma audiência concedida pelo MEIC aos Executivos que teve a presença do «Secretariado Nacional Provisório das Comissões de Luta». Nessa audiência, os Executivos afirmaram a posição decidida na RNE do dia anterior: exigência de emprego no ensino para todos os professores que leccionaram em 74/75; existência de duas propostas para a solução desta reivindicação a nível de classe que serão respostas à apreciação dos professores de modo a definir no mais curto espaço de tempo a posição maioritária. O «Secretariado Nacional Provisório das Comissões de Luta» fez a defesa da sua posição que considerou como a única via para atingir o objectivo definido. O MEIC comprometeu-se a apresentar a sua posição no dia 27 face à reivindicação apresentada de garantia de emprego no ensino e à proposta de suspensão dos actuais concursos até que a classe defina de modo claro a sua opção face às duas soluções, considerando-se entretanto vinculado ao Decreto 409-A/75 e respectivos despachos interpretativos.

Dada a importância e urgência de que se reveste uma tomada de posição da classe de forma inequívoca, os Executivos Nacionais apelam para que todos os NSB reúnem, discutam as duas propostas de solução enviadas às escolas conjuntamente com este comunicado e se mobilizem para uma presença massiva nos Plenários Distritais a realizar em todo o País no dia 30 e a convocar pelos respectivos executivos.

Na sequência desta decisão, os Executivos Nacionais convocam todos os professores sindicalizados do CPES e ES para os PLENÁRIOS DISTRITAIS a realizar em todo o País NO DIA 30 de OUTUBRO.

Lisboa, 24 de Outubro de 1975

OS EXECUTIVOS NACIONAIS

NO MINHO Professores ocupam escolas

VIANA DO CASTELO, 27 — Os professores provisórios ainda por colocar das escolas de Caminha, Paredes de Coura, Valença Monção e Ponte da Barca, decidiram após plenário realizado na Escola Preparatória de Paredes de Coura, ocupar as escolas até que seja dada pelo M. E. I. C. garantia de trabalho na docência, segundo informa um comunicado distribuído pela Escola Preparatória Conselheiro Miguel Dantas.

Os professores provisórios presentes na Assembleia decidiram ratificar as decisões tomadas numa reunião realizada no mesmo local, no dia 22, pelos professores provisórios do distrito de Viana do Castelo. Decidiram também «que as escolas comecem a funcionar de imediato assumindo a docência os professores que nela trabalhavam em 1974/75 e os que nela foram colocados em regime de primeira fase».

O documento dos professores provisórios afirma ainda «que este funcionamento só se verifique desde que salvaguardem os interesses dos alunos. Como actividade propõem-se: inquéritos, debates sobre problemas locais, contactos com encarregados de educação, comissões de trabalhadores, e moradores.» Os professores decidiram também «convocar um plenário de todas as comissões de luta de Viana do Castelo que se realizará quarta-feira no dia 29 na mesma escola. Neste plenário poderão participar escolas de outros pontos do País.

AGENDA ESCOLAR

Medicina — Estudantes do 1.º ano de Medicina de Lisboa informam que as aulas do grupo A já começaram no passado dia 14 e que as do grupo B se vão iniciar brevemente.

Entretanto está a decorrer desde as 15 horas, no anfiteatro de Farmacologia, uma reunião de curso.

Arquitectura — Em continuação da R.G.A. do passado dia 22 reúnem-se hoje às 17 horas, na ESRAL, os estudantes do curso de Arquitectura.

Liceu Camões — Os trabalhadores-estudantes deste estabelecimento de ensino, na sequência de reuniões havidas, «manifestam a sua discordância pela política seguida pelo M.E.I.C. e exigem medi-

das que solucionem os problemas que entravam o início das aulas». Hoje, naquele Liceu, está a decorrer desde as 15 horas uma reunião geral de alunos para discutir o problema da superlotação.

Liceu D. João de Castro — As aulas abriram hoje, com excepção das do 7.º ano unificado (ao todo 700 alunos). Estes, esclarece a nota, só por falta de instalações não podem ver, desde já, iniciadas as suas aulas.

Liceu de Oeiras — A abertura de aulas está prevista para os primeiros dias de Novembro. Entretanto estão afixados já os horários para reuniões com a comissão de Gestão. Curso complementar (1.º e 2.º anos) reúnem-se amanhã e de-

pois respectivamente; curso geral, dias 30 e 31, 3.º ano, 2.º e 1.º anos (actual 7.º unificado) respectivamente. As reuniões decorrem a partir das 9 e 30.

Curso Nocturno — As comissões de luta do Curso Nocturno do Liceu Camões e do Liceu Nacional da Amadora reuniram com os representantes dos cursos nocturnos dos liceus Pedro Nunes e D. Dinis (a nível pessoal) após analisarem a situação presente do ensino nocturno, alertam todos os trabalhadores estudantes matriculados nos vários liceus do País, para a necessidade de se mobilizarem no sentido de resolver conjuntamente os problemas que entravam o começo do ano escolar.

FOI A SEPULTAR MANUEL QUIRÓS

Ao fim da manhã realizou-se o funeral de Manuel Quirós, de 36 anos, militante antifascista, que faleceu na noite de sábado. Candidato pela U. D. P. às eleições para a Assembleia Constituinte, membro fundador da AEPPIA, secretário-geral da Associação de Amizade Portugal-China, Manuel Quirós, a par de intensa actividade política era director dos Cadernos «Que Fazer?», e das edições literárias Maria da Fonte.

A sua morte surge na sequência dos maus tratos e torturas de que foi vítima em Caxias e Peniche, por parte da P. I. D. E. / D. G. S., às ordens de quem esteve preso durante quatro anos.

Professor liceal, foi impedido pelo regime fascista de exercer a profissão tendo recorrido a trabalhos literários e lições particulares para sobreviver nos últimos anos da sua

vida. A morte surpreendeu-o quando se entregava à tarefa da reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista.

A AEPPIA (Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas) e a Associação de Amizade

de Portugal-China divulgaram comunicados apelando a todos os seus militantes e simpatizantes para participarem no funeral, que se realizou às 11 horas, da sua residência para o cemitério de Benfica.

DR. MALDONADO DE FREITAS

Faleceu o dr. António Maldonado Freitas, destacada figura política de Caldas da Rainha, onde era advogado. A sua morte ocorreu no sábado, após um plenário concelhio no qual participou.

O dr. Maldonado Freitas, de 64 anos de idade, era conhecido militante antifascista, tendo feito parte do M. U. D. e participado nas campanhas eleitorais de Norton de Matos, Quintão Meireles e Humberto Delgado. Foi candidato a deputado pelo

P. S., à Assembleia Constituinte. Em tempos de salazarismo esteve preso, pela P. I. D. E., no forte de Peniche.

Era filho do conhecido republicano Maldonado de Freitas e irmão do dr. Custódio Maldonado Freitas, candidato a deputado pelo M. D. P./C. D. E., do dr. Artur Maldonado Freitas e do dr. João Maldonado Freitas, ambos militantes do P. S.

O seu funeral realizou-se esta manhã, da casa mortuária do Montepio para o cemitério de Caldas da Rainha.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS (I.A.R.N.)

A V I S O

O Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (I.A.R.N.) torna público que se encontra aberto concurso para a concessão de bolsas de estudos aos alunos do ensino superior, retornados, ou filhos de retornados, dos territórios que estiveram ou ainda se encontrem sob administração portuguesa.

O prazo do concurso inicia-se no próximo dia 3 de Novembro e termina em 30 do mesmo mês.

As fichas para apresentação das candidaturas poderão ser pedidas, pessoalmente ou pelo Correio para os residentes fora de Lisboa, ao Serviço de Informação e Relações Públicas, que funciona na Rua Alfredo Soares, n.º 2 (Edifício Horizonte — Torres do Restelo) — Lisboa - 3, onde igualmente serão prestados todos os esclarecimentos sobre o assunto.

Lisboa, 18 de Outubro de 1975.

O DIRECTOR DO I. A. R. N.
Fernando Cardoso do Amaral
Major

Aumente as suas vendas
Distribua...

BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

Trabalho

HORÁRIO DAS PADARIAS PRETEXTO PARA NOVA OFENSIVA CONTRA A CLASSE OPERÁRIA

Velha aspiração dos trabalhadores da panificação, os horários que começaram a vigorar há alguns dias suscitaram acesa controvérsia, em que algumas organizações políticas não hesitaram em imiscuir-se. Sobre este assunto, é elucidativo o comunicado que o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do distrito de Lisboa distribuiu à população:

«Com o pretexto do novo horário de trabalho dos Trabalhadores da Indústria de Panificação, prepararam-se as forças de direita para dirigir mais uma ofensiva contra a classe operária, através de uma bem orquestrada campanha sobre a opinião pública comandada pelo próprio VI Governo Provisório.

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa consciente de que a campanha dema-

gógica dirigida contra os trabalhadores deste sector pode ter graves repercussões no normal abastecimento de pão ao País e que da parte dos responsáveis governamentais não tem havido o necessário apoio para a sua luta, apela a toda a classe operária para que na sua empresa e nos seus locais de habitação levem a cabo uma intensa campanha de esclarecimento sobre a justeza das nossas posições.

Ao desencadearmos o processo no sentido de pôr fim ao trabalho nocturno, tivemos em devida conta as circunstâncias em que a mesma se desenvolveria e quais os obstáculos que se nos iriam levantar.

A sabotagem de que somos vítimas por parte de algumas entidades patronais, nada tem a ver com qualquer preocupação de servir bem ou mal a população. Pois, se neste momento o patronato pretende mostrar-se tão preocupado

com os aspectos ligados aos consumidores, isso não passa de uma farsa, facilmente mascarada pelas próprias tentativas que os patrões têm desenvolvido para o aumento do preço do pão, a que os trabalhadores se têm oposto intransigentemente.

Quanto à posição assumida pelos responsáveis do VI Governo Provisório, chamamos a atenção da classe operária e de todos os trabalhadores para a política que este Governo vem assumindo nomeadamente na luta dos trabalhadores metalúrgicos, na chantagem económica aos órgãos de informação, na luta dos trabalhadores rurais e em todo o processo de saneamentos à esquerda que vem desencadeando contra autênticos revolucionários.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa renova o seu compromisso na melhoria da qualidade do pão

e reafirma a sua convicção de que muito brevemente algumas anomalias que porventura se tenham verificado com a mudança de horário, serão normalizadas.

Consideramos, porém da maior importância, a colaboração de toda a população, alertando-nos para os locais e empresas em que se verificam anomalias no abastecimento do pão, a fim de que nós passemos controlar essas situações anormais que decorrem da sabotagem provocada pelos patrões reaccionários e assim cumprirmos efectivamente a nossa promessa de melhor abastecermos o público consumidor.

Igualmente este Sindicato considera de maior importância, a vigilância de toda a população, através dos seus órgãos de poder popular, para os seus objectivos finais desta campanha demagógica: o aumento do preço do pão tão do agrado dos patrões e que o comunicado do VI Governo faz antever.



QUEM MAIS ORDENA NA ORDEM TERCEIRA

O Hospital da Ordem Terceira encontra-se sob «contrôle» operário, por decisão da esmagadora maioria dos trabalhadores, segundo foi anunciado no decorrer de uma conferência de imprensa. O administrador Américo Godinho Cardoso Botelho ausentou-se para o estrangeiro, crê-se que para Angola, enquanto os médicos não recebem salários há mais de dez meses, ninguém recebeu subsídio de férias e não foram pagas as contribuições à Caixa de Previdência dos Empregados da Assistência. Cansados de esperar, não hesitaram mais um minuto: a Comissão de Trabalhadores transformou-se em Comissão de Controlo Operário. E o hospital continua a funcionar.

METALÚRGICOS EXIGEM CONTROLO OPERÁRIO

A Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos foi recebida pelo Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo, a quem entregaram uma carta, na qual reafirmam as suas posições sobre o conflito com o Ministério do Trabalho e exigem a publicação imediata do decreto-lei sobre o controlo operário.

«Perda que é a confiança no ministro do Trabalho», segundo afirmam os representantes dos trabalhadores metalúrgicos entendem que «compete ao Primeiro-Ministro encontrar saída para um dos mais graves, senão o mais grave conflito de trabalho surgido em Portugal após o 25 de Abril.»

Eis o que os metalúrgicos exigem do Primeiro-Ministro: «Que tome posição pública e clara quanto ao procedimento contra-revolucionário dos diri-

gentes das associações patronais; que ordene a imediata prisão para envio a tribunal dos dirigentes das associações patronais metalúrgicas, com base nas acusações feitas a esses contra-revolucionários por membros do próprio Governo a que Vossa Excelência preside e que faça publicar, de imediato, o decreto-lei relativo ao controlo operário elaborado e aprovado pelo V Governo, diploma essencial para a aplicação da portaria da metalurgia e metalomecânica e para a construção da sociedade socialista». «Paranós», prossegue a carta, «representantes dos metalúrgicos portugueses, isto é o mínimo que se pode exigir de um Governo que se afirma disposto a garantir a ordem democrática, a impor a disciplina e a caminhar para o socialismo.»

NA "VAZ FERREIRA"

PATRÃO QUER AFASTAR TRABALHADORES PROGRESSISTAS

O Secretariado da União dos Sindicatos do Porto denunciou publicamente mais uma «tentativa de marginalização de trabalhadores progressistas», por parte do patrão de uma empresa de São Mamede de Infesta, relacionando «estas manobras com a escalada reaccionária que se tem vindo a acentuar no País».

Os factos são relatados em comunicado que transcrevemos:

«O patronato reaccionário, até à pouquinho encolhido com o avanço da Revolução, mostra agora as garras aos trabalha-

dores e tenta desferir golpes de morte nas conquistas das massas populares. Contentes com o desenrolar dos acontecimentos nos últimos tempos, os capitalistas entendem ser momento oportuno para tentarem recuperar os privilégios que lhes fugiam diariamente, aproveitando as manobras das forças reaccionárias e fascistas e as tentativas de viragem à direita.

«Na empresa «Vaz Ferreira», em S. Mamede de Infesta, os patrões e seus lacaios forjam argumentos para o afastamento de dirigentes sindicais, do

Sindicato dos Lanifícios, com os habituais métodos «democráticos» de realização de plênários pseudo-representativos, de abaixo-assinados, de presções de «comissões de trabalhadores» cozinhados nas costas dos operários e completamente controladas pelos patrões, pretende-se com tal «democracia» atirar com poeira aos olhos dos trabalhadores menos esclarecidos da empresa e fundamentar o afastamento da fábrica de trabalhadores, com provas dadas de empenhamento na luta por melhores condições de vida e trabalho, como é o caso dos dirigentes

sindicais que o patrão da «Vaz Ferreira» e lacaios pretendem sanear.

«Aos métodos «democráticos» atrás referidos, juntam-se as habituais calúnias e boatos e toda a campanha preparatória que leve ao afastamento de trabalhadores revolucionários. Apesar de tudo, o patrão da «Vaz Ferreira» não conseguiu os votos da maioria dos trabalhadores no plenário convocado para o saneamento. É mais certo que novas formas, «democráticas» ou não, serão tentadas pelo patrão para conseguir o pretendido.»

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE—CEAL

SEDE — Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 23-A-6.º — LISBOA-1

CAPITAL—70.000.000\$00

Tendo-se procedido em 26 de Agosto p. p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 4 % — 1956, foram extraídos os seguintes números:

OBRIGAÇÕES DE 4 % — 1956				
502	5.586	7.501	12.049	15.516
557	6.009	7.523	13.009	15.520
1.093	6.017	8.061	13.011	15.565
3.025	6.076	8.069	13.041	16.024
3.539	6.521	8.091	13.550	16.065
4.015	6.532	8.545	13.570	16.090
4.528	6.567	8.550	14.037	16.092
4.578	6.568	9.524	14.351	16.512
5.064	6.596	10.056	14.398	16.538
5.095	7.023	10.064	14.399	18.582
5.512	7.071	10.084	14.509	18.594
5.542	7.090	12.018	14.600	
1.101	a	1.200		
6.701	a	6.800		
6.801	a	6.900		
9.401	a	9.500		
18.301	a	18.400		

Lisboa, 4 de Setembro de 1975.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DA COMP. ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE C E A L

Ricardo Cruz Filipe
João Lemos Didier

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE—CEAL

SEDE — Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 23-A-6.º — LISBOA-1

CAPITAL—70.000.000\$00

Tendo-se procedido em 26 de Agosto p. p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 4 % — 1958, foram extraídos os seguintes números:

OBRIGAÇÕES DE 4 % — 1958				
21.308	22.788	23.876	25.568	27.067
21.336	23.212	23.879	25.821	27.089
21.349	23.243	23.891	26.340	27.434
21.860	23.252	24.352	26.378	27.435
22.230	23.279	24.365	26.380	27.481
22.252	23.282	24.385	26.381	27.487
22.296	23.808	24.396	26.602	28.520
22.709	23.817	24.637	26.611	28.574
22.711	23.834	24.648	26.640	28.576
22.712	23.851	24.680	26.643	29.073
22.778	23.853	24.685	26.680	29.099
19.751	a	19.800		
25.301	a	25.400		
25.901	a	26.000		

Lisboa, 4 de Setembro de 1975.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DA COMP. ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE C E A L

João Lemos Didier
Ricardo Cruz Filipe

Trabalho

OCUPAÇÃO EM SANTIAGO DE CACÉM

"O GRÉMIO VAI FICAR AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES"

«Ocupámos o ex-Grémio da Lavoura e vamos pô-lo ao serviço dos trabalhadores rurais. A ex-Comissão liquidatária estava a seguir uma orientação reaccionária e contrária aos nossos interesses» — declarou-nos esta manhã um dos elementos da Comissão Provisória que está neste momento a assegurar os serviços do ex-grémio de Santiago de Cacém.

A decisão foi tomada por unanimidade e aclamação de mais de 1500 trabalhadores rurais e pequenos agricultores num plenário ontem efectuado em Alvalade-Sado. Foi ali denunciado que estavam a ser concedidos créditos aos grandes agrários em prejuízo das herdades geridas pelos trabalhadores.

Passaram imediatamente da palavra à acção. Ocuparam o Grémio. Começaram, porém, a surgir grupos conhecidos de agrários que atingiam cerca das duas centenas às 2 horas

da manhã. O ambiente tornou-se tenso. Para evitar «confrontação e distúrbios», a GNR pediu reforços ao Copcon que fez para ali deslocar um piquete. A calma voltou, então, aquele local.

Entretanto, o Partido Socialista emitia um comunicado no qual chamava «manipuladores» aos ocupantes e de estavam ao serviço do «P.C.P.».

A REFORMA AGRÁRIA: SEMPRE EM FRENTE

Apesar de todos os obstáculos, a Reforma Agrária vai. De todas as maneiras, vai. Esta é a determinação dos trabalhadores rurais do Alentejo. E isso fica mais uma vez demonstrado na moção aprovada por unanimidade e aclamação no plenário:

«1 — Considerando que a Reforma Agrária em curso no País é um processo revolucionário essencial para o futuro do País, processo esse que vi-

sa libertar as classes trabalhadoras do campo — operários agrícolas e pequenos agricultores — de toda a violenta exploração de que foram vítimas durante muitas gerações;

2 — Atendendo a que esse processo revolucionário implica, por um lado, liquidar a grande propriedade latifundiária e entregar a terra a quem a trabalha para constituir novas unidades colectivas de produção e, por outro, transformar também radicalmente as estruturas comerciais e industriais, de modo a eliminar os grandes intermediários parasitas;

3 — Tendo em atenção que a reforma agrária é um processo fundamental para o fomento de produção agrícola e melhoramento das condições de vida das populações rurais, e que em consequência é um dos principais motores de desenvolvimento económico e social do País;

Os trabalhadores das unidades colectivas de produção do concelho de Santiago de Cacém decidem: 1 — A constituição da União das Cooperativas com a União «Vencermos» com sede em Alvalade-Sado, concelho de Santiago de Cacém, com os objectivos seguintes: a) planeamento e racionalização da produção; b) obtenção e canalização dos meios financeiros necessários; c) comercialização da produção das unidades colectivas e dos pequenos agricultores associados e do aprovisionamento dos mesmos; d) industrialização dos produtos

agrícolas.

2 — Desde já, a integração no património da União: A — Empresa de Concentrados de Alvalade, S. A. R. L., até presente data, com intervenção do Estado, ao abrigo do Decreto-Lei 660-74; B — Ourisul-União de Cooperativas de Descasque de Arroz ao Sul do Tejo, S.C.R.L., também sob a intervenção do Estado; C — Grémio da Lavoura do Concelho de Santiago de Cacém até ao momento gerido por uma comissão liquidatária; d — Herdade da Defesa, sita na freguesia de Alvalade, concelho de Santiago de Cacém;

3 — Colocar todos os meios ao serviço dos trabalhadores agrícolas e pequenos e médios agricultores do concelho;

4 — Até à elaboração dos estatutos, a União das Cooperativas com a União «Vencermos» é gerida por uma direcção provisória, constituída pelos seguintes elementos, democraticamente eleitos, na sequência do plenário realizado: Carlos Capela e Ermelinda Nunes, da Ourisul; Francisco Pacheco e Carlos Furtado, da E.C.A.; António Candelas, da Cooperativa Agrícola «Fidel de Castro»; Maria Pereira, da Cooperativa Agrícola «Humberto Delgado»; Manuel Burinho, da Cooperativa Agrícola «Estrela Vermelha»; Manuel Joaquim Dolores e Henrique Jesus Pereira, pequenos agricultores.

5 — A reforma agrária não volta para trás. Avante, avante, rumo ao socialismo. Com união venceremos».

MINISTÉRIO DO TRABALHO

CONTESTA "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Ao abrigo do Art.º 15 da Lei de Imprensa, aqui fica mais uma nota oficiosa do Ministério do Trabalho:

«Publica o «Diário de Notícias» de 25 do corrente uma notícia sob o título «O Ministério do Trabalho promove-se fascista e saneiam-se democratas?», a qual pelo seu conteúdo falacioso e provocatório, não pode deixar de ser inserida na campanha reaccionária actualmente em curso visando entrar o processo revolucionário e que, além do apoio que obviamente tem de grupelhos terroristas de direita e de esquerda, parece encontrar eco em certos meios pseudo-revolucionários empenhados, ao que parece, no prosseguimento da política «ou nós ou os fascistas».

Assim, e não entrando na análise das considerações muito subjectivas que servem de fundo à dita notícia, esclarece-se:

1 — Uma sindicância não se faz às pessoas mas sim aos serviços;

2 — O despacho do Ministro do Trabalho não pretende visar «funcionários que só têm pecado pela sua entrega total ao trabalho, à defesa dos interesses dos trabalhadores, à revolução...». Pretende, ao contrário, como muito claramente nele é determinada, esclarecer uma situação que foi denunciada e que, a confirmar-se, poderá «revelar a existência de condutas gravemente atentórias dos interesses e da luta dos trabalhadores e traduzindo-se em obstrução ao processo revolucionário em curso»;

3 — A incumbência de realizar a sindicância em questão não foi cometida à Inspeção-Geral do Ministério do Trabalho, mas sim a uma comissão presidida pelo respectivo inspector-geral, dr. Raul Manuel Gouveia Borda do Junqueiro, e integrada por personalidades de reconhecida competência que não fazem parte do Ministério. Entre elas, destaca-se um magistrado requisitado ao Ministério da Justiça. O funcionário visado, dr. Victor Ferreira, nada tem, portanto a ver, directa ou indirectamente, com a comissão de sindicância;

4 — A Comissão de Saneamento

e Reclamação do Ministério do Trabalho, nunca propôs qualquer medida de saneamento contra o dr. Victor Ferreira. E isto, nem durante a sua curta permanência na Inspeção-Geral do Ministério do Trabalho nem no decorrer da sua actividade anterior neste Ministério. Recordar-se que o referido funcionário desempenhou, durante cerca de um ano, funções de técnico na Direcção de Serviços das Relações Colectivas de Trabalho, dependendo portanto directamente do seu responsável, dr. Eugénio Rosa, e indirectamente do Director-Geral, dr. Barros Moura, ao tempo em que era Secretário de Estado do Trabalho, o r. Carlos Carvalhas. Trata-se, portanto, de um funcionário em igualdade de condições com qualquer outro. Em todo caso, o documento agora publicado no «Diário de Notícias» será enviado à Comissão de Saneamento e Reclamação para a necessária investigação. A mesma deverá apurar eventuais responsabilidades não só do dr. Victor Ferreira como também de todos aqueles que, a serem válidas as acusações, lhe deram cobertura após o 25 de Abril;

5 — Constitui conduta muito grave o facto de um jornal publicar documentos que ao pertença de arquivos deste Ministério, para mais de natureza confidencial, como no caso presente, motivo pelo qual se irá proceder a rigoroso inquérito e posterior procedimento judicial e disciplinar adequado;

6 — Insinuações torpes e afirmações gratuitas como as que são feitas em relação ao Subsecretário de Estado dr. Daniel Amaral, e ao seu adjunto, dr. Carlos Soutinho, caracterizam bem os objectivos e os intuídos de quem as faz;

7 — O Ministério do Trabalho não pode deixar de repudiar com veemência a falsa informação manipulada de acordo com certos interesses obscuros, a qual não contribuiu seguramente para a realização das mais fundadas esperanças do nosso povo na conquista do socialismo. E o mais inadmissível é que esta falsa informação apareça num jornal que é pago pelo próprio povo».

APPLIED MAGNETICS

OS TRABALHADORES IMPEDIRÃO

A SAÍDA DO MATERIAL

As operárias da Applied Magnetics, em luta contra o desemprego há mais de uma semana, apelam a todas as comissões de trabalhadores, comissões de moradores, soldados e desempregados para participarem num plenário a realizar hoje, que decidirá das novas formas de luta a adoptar pelos trabalhadores daquela multinacional. O plenário terá lugar no infantiário da Automática, próximo da Applied, nas traseiras do Ralis, pelas 21 horas.

«Nós os trabalhadores da Applied — afirmam num comunicado — encontramos-nos em luta pelo direito ao trabalho há mais de um ano, lutando pela reabertura da fábrica. Temos tido algumas derrotas, conseguindo apenas um subsídio de dois mil escudos que termina este mês.

«Não contente com isto — prosseguem — o tribunal burguês agrava a nossa situação, pois, cedendo ao apelo do senhorio, lança-nos uma acção de despejo, tendo-nos roubado já parte do material, sem que nós trabalhadores e a comissão tivéssemos conhecimento do processo e da sentença. Perante esta situação que põe em risco a continuação da nossa luta, nós trabalhadores da Applied reunidos em plenário decidimos:

— Fazer uma moção de repúdio por esta atitude claramente fascista tomada pelo Ministério da Justiça, a coberto

das leis do tempo de Salazar e Caetano.

— Fazer uma manifestação em frente do Ministério do Trabalho, exigindo o regresso do material roubado e a reconversão da Applied».

"O DESPREZO TOTAL"

A luta dos operários da Applied começou há mais de um ano, perante o «desprezo total» do Governo que se limitou a conceder-lhes um subsídio de 1650 escudos, o qual como já dissemos termina este mês.

Perante a reivindicação de 40 horas semanais e outras regalias sociais, o gerente da sucursal da empresa americana fugiu para os Estados Unidos.

Desde o princípio da sua luta que os trabalhadores apelam para a reconversão da empresa, pois só assim se justificará a sua actividade. Devido à sua especialização, a Applied fabricava apenas matrizes e cabeças electrónicas para computadores, para posterior montagem nos E.U.A. Esta situação arrasta-se há mais de um ano. Só que neste momento está a ser retirado o material da fábrica. Por isso, os operários fazem piquetes de vigilância há mais de uma semana. Não permitirão que a acção de despejo decretada pelo Ministério da Justiça seja concretizada. As formas de luta serão decididas no plenário de hoje.

TRABALHADORES DA SOCARMAR PEDEM NACIONALIZAÇÃO

Os trabalhadores da Socarmar (Sociedade de Cargas e Descargas Marítimas) reivindicam, desde Junho, altura em que foi entregue ao secretário de Estado da Marinha Mercante o respectivo pedido, a nacionalização da empresa em que trabalham. Agora, em moção aprovada consecutivamente em dois plenários de trabalhadores, resolveram dirigir-se ao Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, perguntando quais as razões da não nacionalização, até à presente data.

«Quem arquivou o pedido de nacionalização da nossa empresa? Quem está interessado em travar o nosso processo revolucionário, contrariando a vontade dos trabalhadores e fazendo saneamentos à es-

querda, não só a nível militar mas também em diversos sectores do aparelho de Estado e empresas nacionalizadas. Serão as «maiorias» que compõem o VI Governo que com a sua política vão hipotecando o País com os respectivos auxílios económicos feitos pelas social-democracias europeias, a seu pedido?»

Dois pormenores curiosos caracterizam esta empresa: por um lado, 55 por cento do capital encontra-se nacionalizado através da nacionalização da Companhia Nacional de Navegação, pertencendo os restantes 45 por cento a um particular, Gerales Barba, que se encontra ausente em parte incerta, no estrangeiro, e agora manobra para pôr as acções em nome dos filhos.



TRABALHADORES TÊXTEIS VOTAM NA CONTINUIDADE

Os trabalhadores dos têxteis, lanifícios e vestuários da zona sul, votaram, no sábado, os novos corpos gerentes do seu Sindicato. A Lista A, siglada «Por um Sindicato forte, combativo e controlado por todos os trabalhadores. Pelo Poder Popular, pelo Controlo Operário da Produção», proposta pela direcção cessante, venceu as eleições, com cerca de 82 por cento dos votos, contra 16 por cento da Lista B (mais de 4500 votos contra 900).

Para cada um dos órgãos do Sindicato, apuraram-se os seguintes resultados provisórios:

Mesa da Assembleia Geral — Lista A, 4497 votos, 82,39 por cento de votos e lista B, 904 votos 16,56 por cento de votos;

Direcção — Lista A, 4519 votos, 82,20 por cento de votos e lista B, 901 votos, 16,39 por cento de votos; e Conselho Fiscalizador — Lista A, 4476 votos, 81,97 por cento de votos, lista B, 905 votos, 16,57 por cento de votos.

Em consequência destes resultados foram eleitos para o conselho fiscalizador oito elementos da Lista A e 2 elementos da lista B.

Nacional

Madeira, Outubro de 1975

O Programa do M.F.A. é letra morta em Machico

Machico, que a História diz ter sido a primeira terra que os portugueses pisaram quando da descoberta da ilha da Madeira, e que a lenda conta que antes disso foi habitada por dois amantes ingleses, Machin e Ann d'Harfet, é agora conhecida de grande parte dos portugueses por causa do conflito gerado em torno do padre Martins. O pároco da Ribeira Seca, uma aldeia do concelho recentemente «saneado» de presidente da comissão administrativa da Câmara, e também «saneado» da própria paróquia, significa hoje a resistência popular ao avanço da reacção organizada e apoiada na passividade de altas entidades militares. O que se passa em Machico — e mais concretamente, num pequeno lugar chamado Ribeira Seca — diz respeito a todos nós, portugueses, e à própria revolução que queremos fazer. O povo de Machico personificou no padre o «leader» da sua luta, porque (é uma camponesa que nos conta) **ele sempre nos disse a verdade, e não foi preciso esperar pelo 25 de Abril**

Perante as arbitrariedades de um governador brigadeiro Carlos Azeredo — apoiado em forças militares que interpretam de forma curiosa o Programa do M. F. A., e de um bispo D. Francisco de Santana conhecido pelo seu reaccionarismo, pelo seu anticomunismo primário e pelas suas ligações à burguesia local, o povo de Machico tem sido alvo de forte repressão. Paradoxalmente, a violência estalou ali após o 25 de Abril.

UMA MULHER SEM MEDO

Maria José Freire, que se deslocou a Lisboa integrada na delegação do povo de Machico que veio expor às autoridades portuguesas as reivindicações das organizações populares de base daquele concelho, é uma mulher do povo, nascida no campo, marcada por dificuldades e que (dito por ela própria) «mal sabe duas linhas». Mesmo assim veio disposta a falar a ministros, presidentes, generais e doutores, e já falou, pelo menos, para um governador: o brigadeiro Azeredo.

Esta mulher, que veio a Lisboa «com muito sacrifício, porque sou pobre», esteve em S. Bento e no Forte do Alto do Du-

que, deu entrevistas à rádio e aos jornais, participou activamente numa conferência de Imprensa.

Nascida na Ribeira Seca, onde vive com o marido e os filhos, Maria José é uma camponesa que os seus contemporâneos elegeram para representar o povo. Ela própria é parte desse povo analfabeto, explorado, esmagado por meio século de fascismo. Mas tem sobre a maioria das pessoas uma vantagem: pertence à minoria activa, que perdeu o medo.

AS VERDADES ABAFADAS

Segundo o relato que Maria José nos fez, a perseguição ao padre Martins começou há muito tempo, logo que ele foi para a Ribeira Seca. Nessa altura havia um padre na vila, o padre Andrade, que não gostou de saber que o seu colega da Ribeira Seca não cobrava um tostão por casamentos, enterros, baptizados ou missas. O padre Andrade tinha o «negócio montado» na vila e começou a ver fugir a clientela, que ia à Ribeira Seca, onde a religião não era comércio. Aí surgiram as queixas junto do bispo, e o povo começou a discernir entre quem o explorava e quem estava do seu la-

do. Não foi com sermões nem homilias, mas com acções, que o padre Martins conquistou o coração do povo.

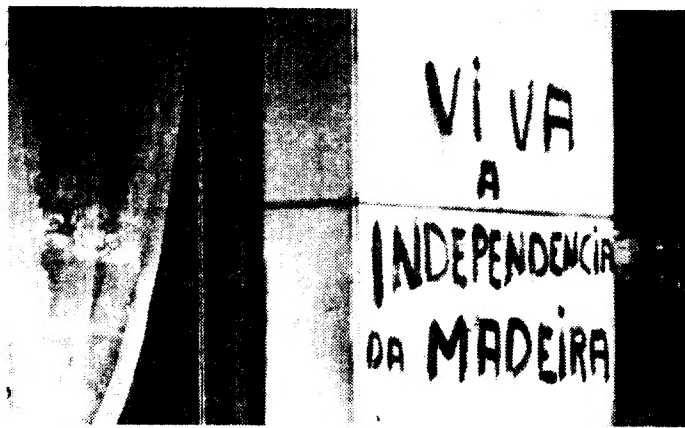
Hoje, após a sua «demissão» de pároco, o padre da Ribeira Seca continua a celebrar casamentos, a baptizar os filhos do povo, e a enterrar os seus mortos, enquanto o bispo D. Francisco avisa que segundo as leis canónicas tais cerimónias celebradas por um padre demitido não têm qualquer valor. Mas para o povo de Machico, o que conta é a religião de Cristo, e não a religião do bispo. Costumam dizer, os paroquianos, que o padre Martins é um sacerdote de Cristo, e não da Igreja de Roma.

Foram as organizações populares de base — comissões de moradores e de trabalhadores — que elegeram o padre para presidente da comissão administrativa da Câmara. E, garantem-nos, em cinco meses ele fez mais que todos os outros presidentes. Uma estrada, pedida há 20 anos, água, luz, cooperativas (de consumo, e de bordadeiras), um centro de informação popular, e muitos outros melhoramentos para o povo. **Com o padre à frente da Câmara — conta-nos Maria José — o povo deu terras para a estrada, e deu o próprio trabalho, e toda a gente andava contente com a nova vida que tinha. Por essa altura começaram a aparecer nas paredes letras de que a gente não gostava**

Que espécie de letras?

Palavras, da «Flama», sobre a independência. A gente sabia que atrás das letras vinham as bombas, já tinha sido assim no Funchal, e então conseguiu-se descobrir quem andava a escrever nas nossas paredes

Seguiu-se a detenção, oportunamente noticiada pelo nosso jornal, dos indivíduos que procediam à inscrição das siglas nas paredes e subsequente intervenção do



Os populares manifestaram-se já contra a actuação do Bispo do Funchal. Mas D. Francisco, tal como o brigadeiro Azeredo, continua a procurar impedir que o programa do M.F.A. tenha aplicação real

Qualquer madeirense nos diz quem é que anda a escrever estas frases nas paredes. Mas as autoridades nunca tiveram «provas»...

brigadeiro Azeredo, que os mandou levar para o Funchal, após o que imediatamente os libertou.

A identificação e detenção dos «escrevinhadores» da «Flama», movimento reaccionário que advoga o separatismo, foi — segundo os populares — a verdadeira razão pela qual o Governo «saneou» o padre Martins da presidência da Câmara, aproveitando uma saída do sacerdote a Lisboa.

Esta verdade, como muitas outras, foi abafada nos corredores do palácio de S. Lourenço, residência oficial do brigadeiro, e do palácio episcopal. Mas o descontentamento do povo de Machico, que começou à boca-pequena, tomou foros de movimentação pública a partir do momento em que o padre foi compulsivamente, e contra a vontade popular, afastado do cargo para que fora escolhido pelas organizações de base.

À BOA MANEIRA FASCISTA

Começou logo a re-

pressão. De uma vez, mandaram as pessoas para dentro da nossa cooperativa «Povo Unido», e depois atiraram lá para dentro 16 granadas de gases lacrimogéneos. Houve grande confusão, muitos feridos, e estragou-se aí uns 70 contos de mercadorias

Mas o pior continua. Maria José foi na semana passada. O povo não tinha intenção de entrar na Câmara à força, porque a gente sabe que tem direito a lá estar, pois para isso é que fomos eleitos. Mas os guardas da P. S. P. que lá estavam de vigia ao edifício começaram a dizer pela vila que andavam muito aborrecidos com tudo aquilo, que já tinham compreendido que o povo é que tinha razão, e que não estavam ali para bater no povo, porque também eram filhos do povo, e outras coisas assim

Os próprios guardas da P. S. P. disseram que no dia seguinte deixariam a porta aberta, e não fariam vigilância, de modo a que o povo pudesse entrar. Nós cáimos

nesta armadilha. Fomos enganados. Disse-mos

uns para os outros que a P. S. P. estava com o povo, e de facto estava encostada, e os guardas não estavam à vista. O povo começou a entrar e juntaram-se lá dentro muitas pessoas. Foi então que chegaram as Forças Armadas, e soube-mos que tinha sido a própria P. S. P. a pedir reforços para o Funchal. Um capitão vinha à frente, com a metralhadora, e encostou-a à barriga de um camarada nosso e deu-lhe um encontro. Depois, foi o terror. Os polícias e as Forças Armadas, de matraca, a corronhada, a bater em toda a gente. Havia lá mulheres, crianças, velhos, gente de todas as idades. Não poupavam ninguém. Expulsaram-nos da Câmara à pancada. Foi isto o que nos fizeram

Uma granada ofensiva atirada pelas Forças Armadas, causou estragos mas não atingiu ninguém.

O Programa do M. F. A. fala na defesa das

ÂNGELA CAIRES

esses mais desfavorecidos mas não é isso que a gente vê em Machico. Lá, nós continuamos a lutar, e a produção vai para os exploradores. A gente gostava de não nos ofenderem. Se não estão ao lado do povo, ao menos não falem em nome do povo.

WISKUE DOS BURGUESES

O brigadeiro Azere prossegue Maria. É um grande inimigo do povo. Ele não junta às classes trabalhadoras. Está com os burgueses, com quem tem uísque, e sabe muito bem quem são os seus. Os da «Flama» que amam a atirar bombas e provocar os trabalhadores. Quando os reacionários ocuparam o posto regional da Emissora Nacional, as Forças Armadas não actuaram na repressão que foram em Machico. Foi quando viram que os trabalhadores da construção civil avançavam lá, de «caterpillar», e se ia dar um grande confronto, que as Forças Armadas apareceram. Foram os trabalhadores da construção civil expulsos os reacionários da Emissora. E muitos foram parar, feridos, ao hospital. Sim, certamente, as mapeletas registos de entrada dos senhores da «Flama» foram rasgadas. Pergunta-se quem é que dá ordem para que o pessoal de serviço ao hospital fizesse desaparecer os registos, que em uma prova, para o povo, da identidade dos senhores? Quem deu ordem? Quem protege a «Flama»? Quem está contra o povo?

Perguntas que Maria não faz e que o povo de Machico também tem, conhecendo de sobra a resposta. Mas as suas documentais falavam sempre. Os velhos todos fascistas continuam em vigor, numa que continuou a vir ao ritmo do 24 de Julho.

dispõe. Faz censura à RTP, à E.N., e, quanto aos jornais locais, não encontra pela frente uma verdadeira oposição. Foram já expulsos da ilha elementos progressistas, que cobatiam as ideias reaccionárias dos separatistas. Helmut Winkelmayer, austriaco há anos residente na Madeira, que, apesar de estrangeiro, estava integrado nas campanhas de Dinamização Cultural do M. F. A., foi pura e simplesmente detido e enviado para Lisboa. No seu automóvel e na sua residência explodiram bombas postas pelos reacionários, mas o brigadeiro nunca encontrou «provas» da actuação da «Flama». Recentemente, o cunhado do padre Martins, guarda-fiscal há anos radicado na Madeira, casado com uma madeirense, foi subitamente «transferido» para Aveiro. Também no seu automóvel, dias antes da «transferência», foi colocado um engenho explosivo...

O brigadeiro esquece que ele também não é madeirense. Quando ele deixa que escrevam nas paredes «fora com os continentais», não se lembra que ele também pode ser expulso um dia... Nós queríamos um novo governador, que estivesse ao lado do povo, e cortasse o passo aos senhores que querem continuar a exploração.

O brigadeiro Azere, declarado amigo de Spínola, parece de «pedra e cal» no seu alto posto, no qual já foi novamente confirmado. Resistiu ao V Governo, e com o VI Governo, nenhuma mudança deverá ocorrer. O povo de Machico sabe disso e prepara-se para dias ainda mais amargos. Sem que o programa progressista do M. F. A. se cumpra.

Ao menos pede Maria José que esses senhores não digam que o povo é quem mais ordena. Se assim fosse, o brigadeiro Azere já teria saído da Madeira e o padre Martins há muito que tinha voltado à Câmara



LUÍS MOITA, DO C.I.D.A.C.

DEVE SER RECONHECIDO "DE JURE" O PODER "DE FACTO" DO M.P.L.A.

«O problema da independência de Angola, actualmente, já não pode ser interpretado como uma transferência de poderes, pois trata-se de reconhecer a implantação do M. P. L. A. no território o que, em termos jurídicos, equivale a reconhecer «de jure» o poder «de facto». Neste momento, é difícil distinguir se o M. P. L. A. é a vanguarda revolucionária do povo angolano ou se, ao contrário, o povo angolano é a vanguarda revolucionária do M. P. L. A.»

Assim fala Luís Moita, do Centro de Informações e Documentação Anti-Colonial do C. I. D. A. C., ao analisar detidamente a política que vem sendo seguida por Portugal em relação ao processo de independência de Angola.

Nesta análise, em que também os partidos de esquerda são duramente criticados pela sua omissão e falta de tomada de posições públicas e inequívocas, Luís Moita chama a atenção para os reflexos que as contradições internas do próprio processo português fazem incidir sobre Angola, a poucos dias da sua independência quando, ao dizer-se progressista, o Governo de Portugal toma atitudes em que as soluções de compromisso saltam aos olhos. E cita exemplos: «A histeria do P. P. D.; a insistência de Gerald Ford em falar com Melo Antunes; o triângulo Giscard d'Estaing, Mobutu, Spínola; a luta em que estão empenhadas as multinacionais, nomeadamente a Gulf (americana) e a Elf (francesa), pelo controlo do petróleo de Cabinda; as estranhas alianças onde aparecem juntos a F. N. L. A. e a U. N. I. T. A., mercenários estrangeiros, e agora o E. L. P.; a invasão do Cuene pela África do Sul. Só isso é mais do que suficiente para comprovar a conspiração imperialista, na mesma altura em que o comandante Vítor Crespo diz que não existem pressões externas de espécie alguma...»

Sintomático também parece o súbito regresso à atribuição de uma importância ao acordo do Alvor, importância já há muito perdida. Apesar de estar suspenso desde o dia 3 de Setembro deste ano, o ministro dos Negócios Estrangeiros e «leader» dos «nove», major Melo Antunes, e o comandante Vítor Crespo, insistem na tese pela qual as atitudes do Governo português devem ser regidas pelas cláusulas deste acordo caduco e completamente

desmoralizado pelos desrespeitos que sofreu, na prática, ao longo da sua ilusória vigência, desde a assinatura, quando as condições políticas que levaram Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi ao Algarve eram bem diferentes. Tanto em Angola como em Portugal.

Luís Moita lembra: «O acordo do Alvor está despedaçado. Os dados já são mais do que conhecidos. O acordo do Alvor não significa mais coisa nenhuma.» E passa a enumerar as razões pelas quais faz essas afirmações:

«O cessar-fogo praticamente nunca existiu: a missão do alto-comissário de preservar a integridade do território não foi cumprida; o capítulo III tratava de um Governo de Transição que já deixou de existir há muito; o capítulo IV previa a criação de um Comité Nacional de Defesa, que não funcionou, e das Forças Armadas Mistas, que não chegou a ser realizado; o capítulo VI previa eleições gerais até nove meses depois de 31 de Janeiro de 1975. O prazo esgotou e não houve eleição; a lei fundamental não foi promulgada e a Assembleia Constituinte, que receberia o País, não foi eleita; todos os signatários consideram que o acordo já não está em vigor e, por fim, o Governo português determinou a sua suspensão e conferiu os poderes ao alto-comissário. Por que razões se diz agora que o acordo do Alvor ainda tem validade?»

O exame das «saídas possíveis», conduz a situações que, na realidade, não significam soluções. Luís Moita analisa cada uma delas.

«Adiar a independência é uma hipótese que reúne a preferência de duas forças: a U. N. I. T. A. e a direita portuguesa. Quanto à U. N. I. T. A., este seu desejo já foi denunciado por Idi Amin Dada. Quanto à direita portuguesa, basta ler as «soluções» apontadas pelo «Jornal Português de Economia e Finanças», que ainda fala em «terroristas». Transferir o poder para os três movimentos, como foi defendido por um jornalista de «O Jornal», além de ser anedótico, seria abrir as portas à balkanização. Fazer a entrega para um dos movimentos fantoches é ridículo e o único jornalista que defendeu esta ideia foi Marcelo Rebelo de Sousa, no «Expresso». A «solução» que indica a entrega para dois dos movimentos, apresenta as mesmas possibilidades de balkanização. A transferência das responsabilidades para a O. N. U., também a chamada «hipótese Melo Antunes», não significa nada mais do que a simples entrega da questão para o jogo das grandes potências. E sobre isso, é bom recordar que Samora Machel refere na revista «África-Asie» o seguinte: «Sempre que a O. N. U. foi chamada consagrou divisões, como por exemplo na Coreia, em Chipre e na Palestina. A África, através da O. U. A., já se mani-

festou contra esta hipótese, porque tem presente o que aconteceu no Congo e não quer saber de «vietnamizações».

Fica assim claro que, qualquer adiamento na data da independência significa uma medida para dar mais tempo aos que não querem uma Angola livre e independente, valendo o mesmo para a hipótese de intervenção da O. N. U., pois com o exercício da sua soberania «neutra» a independência não seria mesmo proclamada no dia 11.

Advertindo que um erro na transferência de poderes poderá ser fatal para Angola e que viciaria na base as relações de Portugal com as ex-colónias e com os países não alinhados, Luís Moita invoca mais uma das muitas razões pelas quais somente o M. P. L. A. tem o direito de assumir o poder em Angola:

«É a única força que luta pela unidade nacional. Não foram os pára-quedistas portugueses, a U. N. I. T. A. ou o «exército» do ex-«pide» Chimpinda que foi lutar contra a invasão levada a cabo pela África do Sul.»

Terminando a sua análise, o militante do C. I. D. A. C. lembra com certa preocupação palavras do Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo:

«No seu último discurso, o Primeiro-Ministro não disse uma palavra sobre a orientação portuguesa na resolução do problema da independência de Angola. Além disso, quando Pinheiro de Azevedo pediu o prazo de um mês para melhorar as relações de Portugal com os Estados Unidos e com a Europa, estaria a pensar no 11 de Novembro que se aproxima?»



MÓVEIS
MODERNOS
NÓRDICOS
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
RENAASCENÇA
SÉCULO XVII

Grande variedade em exposição e fabricação por desenhos

Facilidades de pagamento e trocas

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64
(Perto Igreja dos Anjos)
T. 848719

Estrangeiro

30.º aniversário da O.N.U.

Uma escola de cooperação entre os povos do Mundo

O ano de 1975 entrará na história como o do 30.º aniversário da grande vitória sobre o fascismo e do balanço de seus resultados. Além disso, ele tornou-se notável pelo fortalecimento desses resultados e pela confirmação dos princípios da coexistência pacífica. Isso se reflecte no sucesso da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa, na qual, por acordo e vontade dos mais altos dirigentes de 33 países da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá, esses princípios foram tomados como base para uma cooperação frutífera e segurança colectiva por muitos e muitos anos.

A 30.ª sessão da Assembleia Geral da O. N. U. é, sem dúvida, uma continuação e um desenvolvimento lógicos desse processo benéfico, e a sua difusão a todos os demais continentes. Pode-se supor que nela será feito o balanço da actividade dessa verdadeira organização mundial de boa vontade no decorrer de trinta anos. E nessa sessão-jubileu, os impressionantes resultados alcançados pela distensão internacional para os quais muito colaborou a O. N. U. influirão sem dúvida, na solução de muitos problemas importantes do momento.

O surgimento da ONU, há trinta anos atrás, já foi por si só, um dos resultados importantes da grande vitória sobre as forças da reacção e a agressão. A criação dessa organização internacional universal foi uma manifestação convincente da aspiração dos povos de cooperarem pacificamente entre si e livrarem as gerações actuais e vindouras da ameaça mortal das guerras mundiais. São grandes também os méritos da ONU no facto de que, no decorrer dos trinta anos, foi afastado o terrível perigo de uma catástrofe para toda a humanidade. E nisso já está o mais importante resultado político da actividade da ONU, a qual promete ainda muito para o futuro.

Actuando de acordo com a sua carta, a ONU contribuiu e contribui para o fortalecimento da paz e a solução dos problemas internacionais da actualidade. Correspondendo ao seu objectivo fundamental, a ONU contribuiu e contribui para o fortalecimento da paz e a solução dos problemas internacionais da actualidade. Correspondendo ao seu objec-

tivo fundamental, a ONU tornou-se um fórum internacional democrático no qual os países que a integram, na base de igualdade, buscam, debatem e encontram os caminhos e métodos para fortalecer a paz e a cooperação.

Parece-me ainda que convém destacar mais um aspecto da importância da ONU que consiste no facto de que a sua tribuna e a participação dos países nas actividades desta organização permitem sentir e avaliar realmente a orientação política de cada estado-membro. Ver se ele é consequente ou, pelo contrário, inconsequente em seus esforços na política exterior e se estes esforços correspondem ou não aos compromissos assumidos de acordo com a Carta.

Um testemunho directo da indiscutível utilidade e ainda mais do que isso, da necessidade da ONU, é o facto de que a sua actividade, apesar das conhecidas falhas, desenvolve-se no total de acordo com a principal direcção do desenvolvimento internacional-distensão e a tendência de fortalecê-la e aprofundá-la.

UMA ESCOLA DE COOPERAÇÃO

É justamente por isso que a ONU se tornou uma verdadeira escola de cooperação internacional e a sua actividade foi coroada com muitas acções úteis a toda a humanidade.

Para se chegar a uma paz estável e duradoura é necessário liquidar os conflitos internacionais existentes e evitar que surjam outros. É necessário «esfriar» e eliminar os pontos do planeta onde há confrontos armados. É preciso limitar a corrida aos armamentos, efectuar o desarmamento, contribuir para o progresso económico, científico e cultural, defender o meio ambiente.

Em todas estas direcções a ONU se apresenta como uma certa força, por vezes até excepcional. Não se pode deixar de reconhecer por exemplo, os esforços da ONU orientados para liquidar o ainda perigoso conflito no Oriente próximo, o qual não pode ser conciliado através de acordos parciais paliativos.

Como mostra o correr dos acontecimentos uma regularização política radical nessa área só será possível, se forem rigorosamente cumpridas as



O Palácio de Vidro, um dos edifícios no East Side de Manhattan (Nova Iorque — E. U. A.) onde se situa a sede das Nações Unidas. Esta foto foi tirada há cinco anos, quando das comemorações do 25.º aniversário da Organização: oito mil polícias foram então destacados para assegurar a protecção dos 18 chefes de Estado, 30 chefes de Governo e vinte enviados especiais que ali se deslocaram

resoluções do Conselho de Segurança da ONU, sob a égide da ONU, o que exige o inadiável reinício da Conferência de Paz em Genebra, na qual participem, em pé de igualdade, todas as partes interessadas.

É evidente a necessidade de superar o mais rápido possível e com a ajuda da O. N. U. o problema do Chipre, que persiste há já muito tempo e vem trazendo inúmeros sofrimentos à população da República do Chipre — membro da ONU com plenos direitos.

A experiência internacional não pode passar despercebida. A ONU acumula tal experiência. A Conferência Europeia de Segurança e Cooperação pode, de certa forma,

servir de exemplo para a solução do problema da segurança regional, e o interesse despertado na Ásia pela proposta de se organizar nesse continente a segurança colectiva, pode agora ter como ponto de apoio a realidade europeia. Eo O. N. U. poderia de certa forma, adaptar essa experiência às condições da Ásia.

É preciso utilizar ao máximo as condições favoráveis criadas pelos sucessos obtidos na Europa para dar prosseguimento à distensão política, e a medida mais importante neste sentido deve ser a luta contra a corrida aos armamentos, por uma limitação do armamento até que se possa chegar ao desarmamento geral e com-

pleto.

A ONU já contribuiu para a elaboração e a aprovação por muitos países do mundo, de uma série de acordos internacionais que têm o objectivo de evitar a guerra nuclear e limitar a proliferação das armas nucleares. Basta lembrar tais acordos como o de cessar os testes de armas nucleares nos três meios: no Ar, na Terra e no Mar, o de não disseminação de armas nucleares, o de não instalação de meios de extermínio em massa no fundo dos mares e oceanos, o de não levar tais meios para o Cosmos, a convênção que proíbe as armas biológicas e exige a sua liquidação.

PELO DESARMAMENTO

A ONU deve utilizar todos os meios que estão em suas mãos, esforçar-se ainda mais, para lograr novos resultados concretos no campo da limitação da corrida aos armamentos e do desarmamento. Foi justamente com esse objectivo que a União Soviética propôs à Convenção que proíbe intervir na natureza e no clima com objectivos militares ou outros que sejam incompatíveis com a garantia da segurança internacional, do bem-estar e da saúde das pessoas de todo o planeta. Como se sabe, o projecto da Convenção, foi previamente discutido com os E. U. A.

É bem conhecida a iniciativa da URSS, aprovada e adoptada na qualidade de obrigação solene pela Assembleia Geral da ONU «de renunciar a utilização de força nas relações interestatais ou a ameaça de sua utilização e da proibição para sempre da utilização das armas nucleares». A observação dessa obrigação influiria imensamente na situação internacional e, sem dúvida, contribuiria para o progresso ulterior da distensão e para o afastamento da ameaça da guerra.

Os meios sociais mundiais esperam que a ONU ponha em vigor, o mais rápido possível, a resolução tomada por iniciativa da URSS de reduzir em 10 por cento os orçamentos militares dos países membros constantes do Conselho de Segurança da ONU e utilizar parte dos recursos economizados em ajuda aos países em desenvolvimento. A prolongada corrida aos armamentos abrange to-

dos os países e, portanto, esse problema deve ser resolvido por todos os países em conjunto.

Ainda em 1971, a União Soviética propôs na ONU a convocação da Conferência Mundial de Desarmamento. Tal Conferência contribuiria sem dúvida alguma, para delinear os caminhos e métodos mais efectivos para a solução do problema do desarmamento e intensificar os esforços de todos os países para a sua realização. A maioria esmagadora dos países integrantes da ONU pronunciou-se a favor da convocação desta Conferência. O resultado do trabalho do Comité Especial da ONU, criado para o abordamento preliminar do problema, demonstra que se pode e se deve começar a preparação prática. E, se certos países não estão preparados, ou não estão de acordo, não devem, de forma alguma, interpor-se à vontade da maioria absoluta dos membros da ONU.

A solução do problema da proibição e liquidação das armas químicas, assim como de todos os tipos de teste de armas nucleares está na ordem do dia da ONU.

A actividade diversificada da ONU está também dirigida, para solucionar os problemas económicos, principalmente nos interesses dos países em desenvolvimento. A seriedade dos esforços empreendidos nos limites da ONU evidencia-se na prática da convocação das sessões especiais da Assembleia Geral. A sétima sessão desse tipo foi realizada em Setembro deste ano.

São fecundos os esforços também de outros órgãos e organizações de cooperação internacional que são feitos sob a égide da ONU.

A actividade da ONU no decorrer dos trinta anos, em geral positiva, as importantes perspectivas de seu futuro trabalho que ora se delinearam e as condições internacionais que agora lhe são mais favoráveis, exigem de todos os membros da ONU um apoio constante à organização e uma participação activa em todas as esferas de sua actividade. E isso significa, antes de mais nada, uma fidelidade inabalável a seus objectivos e princípios, cumprimento rigoroso da sua Carta, a qual se mostrou estar em plena coerência com as tarefas da ONU e as exigências da época.

Advertência do presidente Leone



Usando um processo conforme à Constituição, Giovanni Leone mandou às Câmaras uma «mensagem» em que faz o balanço do modo como funciona — ou não funciona — o Estado. Este documento ressen-te-se da sua ambição e do seu carácter de inventário. Mas o presidente da República italiana faz-se porta-voz de todos os seus concidadãos, convidando o Parlamento a tirar as consequências jurídicas do seu diagnóstico.

Leone não pode de modo algum ser suspeito de querer reflectir o regime num sentido presidencial. Mas o seu próprio gesto, que só teve um precedente em 1963, quando Segui estava no Quirinal, mostra a dificuldade que os presidentes italianos sempre tiveram em interpretar os poderes

que lhes confere a Constituição de 1947.

A lei fundamental é um tanto ambígua, senão francamente contraditória, na maior parte dos seus capítulos. Ela descreve dois tipos de Estado: um deles centralizado, o outro federal, e justifica tanto o regime de assembleia como o presidencial. A prática é essencialmente uma questão de homens, e concebe-se que os seis presidentes que se sucederam desde 1947 no Quirinal, tenham tido comportamentos diferentes que deram origem a polémicas, sem que por isso tenham sido acusados de violar a Constituição.

Entretanto, esperam-se sempre leis a publicar em alguns capítulos importantes: os sindicatos, por exemplo, têm uma simples existência de facto,

apesar do artigo 39 que os declara «livres, segundo as regras estabelecidas pela lei». Os partidos políticos, igualmente autorizados, não têm a mínima legalidade. E a reforma regional esperou até 1970 para ser aplicada.

As observações do presidente Leone são antes de mais as de um jurista e deveriam ser um acordo amplo, excepto num ponto que alimentou constantemente as polémicas: a regulamentação do direito de greve, explicitamente prevista no artigo 40. As três confederações sindicais reagiram imediatamente: não podem aceitar uma tal proposta, que, no passado, veio sempre dos homens mais moderados.

Como irá comportar-se perante a mensagem o Parlamento italiano? Um voto poria

em causa a pessoa do chefe do Estado, e poderia mesmo provocar um conflito entre ele e o presidente do Conselho, se é certo que Aldo Moro só contra vontade terá assinado o documento.

Discutir a mensagem sem ter que votar? Tal é o compromisso que poderia ser proposto ao Parlamento. A iniciativa de Leone teria um único objectivo: libertar a responsabilidade do chefe do Estado numa evolução que não pode dominar. A bola arrisca-se então a ser apanhada no salto pela direita dos neofascistas, até ao centro da democracia cristã: ouvir-se-á ainda a denúncia do «regime dos partidos», e a polémica ameaça abafar no ovo as reformas julgadas necessárias pelo presidente Leone.

A escolha resulta da própria

Constituição: ela está adaptada à democracia liberal, a que há vinte e sete anos as maiorias do centro e do centro-esquerda tentaram fazer funcionar. Mas ela também permitiria encontrar um regime de democracia socialista.

Será arriscado ler na mensagem do presidente da República uma advertência solene? As adaptações que ele preconiza dão a última chance à democracia liberal. Se não forem realizadas, esboçar-se-á a democracia socialista, sem que por isso a Constituição seja violada. E embora evitando pronunciar a palavra, o professor Leone chamou, na verdade, a atenção para os efeitos económicos e sociais do «compromisso histórico».

Estrangeiro

FRANCO (APÓS UMA HEMORRAGIA) CONTINUA EM ESTADO CRÍTICO

MADRID, 27 (R) — O generalíssimo Franco, de 82 anos, continua hoje em estado crítico, mas quase cessou a hemorragia interna no estômago que sofreu ontem, à noite, segundo revela um boletim médico.

O boletim, assinado às 7 horas por uma equipa de médicos, dizia ainda que o coração e a pressão arterial do caudilho melhoraram, devido ao tratamento a que foi submetido, durante a noite.

Declarava ainda que Franco, que conservava a lucidez, passara uma noite sossegada, dormindo.

Um boletim pessimista, emitido a noite passada, dizia que o ditador, que governou a Espanha com mão de ferro, durante perto de 40 anos, sofrera uma hemorragia gástrica e que tinham aumentado os sintomas de «insuficiência cardíaca».

Entretanto, quando tudo parecia indicar que Franco estava agonizante, circularam por toda a cidade de Madrid rumores de que já tinha morrido.

O boletim divulgado às 22 e 30 de ontem informava, na verdade: «a situação é considerada crítica.»

O último ditador europeu dos anos 30 sofreu já uma série de ataques cardíacos.

ENFRAQUECIMENTO DO CORAÇÃO

A agência noticiosa Europa Press, segundo se anunciou às primeiras horas de hoje, mantém uma equipa de operadores

da Televisão espanhola o Ministério da Informação, o que provocou especulação de que o primeiro-ministro Carlos Arias Navarro lerá perante as câmaras um comunicado anunciando a morte do caudilho. Não havia, porém, confirmação oficial dessa notícia.

Após o boletim médico de ontem à noite, fontes médicas revelaram que o coração do generalíssimo enfraquecera consideravelmente e que as suas batidas eram irregulares.

Acrescentaram que a hemorragia no estômago poderia ter sido devida à administração de anticoagulantes.

Durante todo o dia de ontem deslocou-se ao Palácio do Pardo, residência de Franco, a sete quilómetros de Madrid, grande número de visitantes de destaque, entre eles Arias Navarro e o príncipe Juan Carlos de Espanha, que é esperado esta noite.

Waldheim travará conversações com altos funcionários espanhóis acerca do futuro do Sara espanhol.

Em toda a Espanha foram celebradas ontem missas pelo generalíssimo que, para os espanhóis nascidos durante ou desde a Guerra Civil de 1936-39, foi o único governante que conheceram.

Em círculos da oposição, a atitude é de expectativa. Dirigentes oposicionistas afirmaram quase todos que aguar-

dam para ver que medidas imediatas no caminho da liberalização tomaria o príncipe Juan Carlos antes de surgirem das sombras onde têm operado sob o Governo autoritário de Franco.

WALDHEIM ESPERADO ESTA NOITE

O embaixador espanhol junto das Nações Unidas, Jaime de Pinies, deu ontem entrada num hospital madrileño, sofrendo de uma infecção na garganta, segundo revelaram fontes bem informadas.

O seu estado não é grave e teria hoje provavelmente alta, podendo, assim, assistir à chegada a Madrid do secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que é esperado esta noite.

Waldheim travará conversações com altos funcionários espanhóis acerca do futuro do Sara espanhol.

ATENTADO EM VALÊNCIA

VALÊNCIA, 27 (R) — Uma explosão abalou às primeiras horas de hoje a fachada da Faculdade de Filosofia da Universidade de Valência, causando grandes estragos materiais, mas não provocando vítimas, segundo revelou a Polícia.

Não se soube imediatamente quem era responsável pelo atentado bombista.

GUARDA CIVIL MORTO POR OUTRO

LUGO, 27 (R) — Um guarda civil disparou inadvertidamente a sua metralhadora ligeira, ao entrar de serviço em Lugo, ontem, à noite, matando um companheiro e ferindo outro, segundo revelou hoje a Polícia.

HERANÇA DE ÓDIO

LONDRES, 27 (R) — Dois jornais britânicos afirmam hoje que o generalíssimo Franco não conseguirá dar à Espanha o mecanismo para uma transição ordeira do Poder.

«Após Franco o que acontecerá?» — pergunta num editorial do «Daily Mirror», de circulação maciça. «Uma certeza acerca da Espanha é hoje a de que ninguém sabe realmente a resposta».

Caleidoscópio

■ **SOFIA, 27 — (ANOP)** — Vítima de um ataque cardíaco, faleceu ontem em Sofia Luis Alberto Carvalan, membro do comité central das juventudes comunistas do Chile.

Corvalan, de 28 anos, filho do secretário-geral do Partido Comunista chileno Luis Corvalan, encontrava-se exilado na Bulgária desde Novembro do ano passado, data em que foi salvo pela solidariedade internacional do campo de concentração de Chacabuco, no Chile, onde o regime de Augusto Pinochet o submeteu a todo o tipo de torturas durante onze meses de cativeiro.

■ **NOVA YORK, 27 (R)** — A Turquia concordou em comprar à União Soviética 60 helicópteros. Há mais de um quarto de século que este país dependia dos Estados Unidos no que respeita a fornecimento de armas — anuncia a revista

Franco não conseguiu sarar as feridas da Guerra Civil, a qual o tornou ditador. Nem mesmo o tentou. Assim, uma herança de ódio é deixada a Juan Carlos — prossegue o periódico.

«Que profundo e quão extenso é o descontentamento em Espanha? Provavelmente nem mesmo a Polícia secreta o sabe» — observa o «Daily Mirror».

Por seu turno, o «Financial Times», um jornal comercial, diz que o julgamento imediato do Governo do caudilho «deve ser uma condenação da sua recusa teimosa em reconhecer que o novo regime deve ser diferente do antigo e o seu consequente malogro em criar um mecanismo digno de confiança para uma transição ordeira para os seus sucessores».

WALDHEIM TENTA SOLUCIONAR A DISPUTA SOBRE O SARA

MARRAQUEXE, 27 (R) — O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, deveria avistar-se hoje com os presidentes Moktar Ould Daddah, da Mauritânia, e Houari Boumediene, da Argélia, no prosseguimento de uma tentativa para solucionar a disputa sobre o Sara Ocidental administrado pela Espanha.

Waldheim partiu daqui a noite passada para Nouakchott, capital da Mauritânia, depois de discutir o problema com o rei Hassan, que está a organizar uma «marcha pacífica» para o território com vista a apoiar a reclamação de soberania de Marrocos.

Cem mil dos 350 000 caminantes desarmados convocados pelo monarca já se encontram concentrados na pequena localidade de Tarfaya, na fronteira. Quando entrarem no Sara sobrepor-se-ão numa proporção de cinco para um, à população nómada local.

Em Marrocos, Waldheim disse que a situação era muito grave e que em nome do Conselho de Segurança tentaria «evitar uma deterioração da situação e contribuir para uma solução do problema».

A Mauritânia reclama também a posse do território. O ministro dos Negócios Es-



Cerca de seis mil pessoas manifestaram-se ontem pacificamente em El Aaiun, capital do Sara Espanhol, a favor da independência do território e contra Marrocos e a Mauritânia, que reivindicam a última colónia da Espanha em África. (Telefoto UPI-Telimprensa)

trangeiros marroquino, Ahmed Laraki, foi enviado para se avistar com o presidente Ould Daddah para lhe fazer um relatório sobre os progressos que alcançou em conversações, a semana passada, em Madrid.

Depois dos encontros de Madrid, Laraki disse que estava em estudo um acordo. Em Marraquexe, autoridades governamentais continuavam optimistas acerca das perspectivas de um acordo bilateral com Madrid — mas disseram que a marcha pacífica iria avante de qualquer modo.

Embora haja afirmado que não tem quaisquer pretensões territoriais na área, a Argélia é considerada como uma parte interessada no conflito porque tem fronteira comum com o Sara.

A Argélia opõe-se à marcha porque diz que a manifestação viola o princípio da autodeterminação.

Muitos marroquinos acreditam que a Argélia está a tentar alargar a sua hegemonia sobre a área através de um movimento de libertação do Sara, a Frente Polisário, que exige a

independência.

Em círculos governamentais nesta cidade pensa-se que na Argélia seria dito a Waldheim que as resoluções da O. N. U. preconizando um referendo para a autodeterminação na área deveriam ser postas em prática.

Noutro desdobramento, Bernard Destremau, secretário de Estado Francês para os Negócios Estrangeiros, chegou ontem a Marraquexe para conversações com dirigentes governamentais.

Seguiu o exemplo de diversos enviados que vieram a semana passada a marraquexe em tentativas para reduzir a tensão — o presidente Leopold Seghor, do Senegal, o ministro dos Negócios Estrangeiros tunisino, Habib Chatty, e o secretário de Estado adjunto dos Estados Unidos, Alfred Atherton.

Entretanto, os caminantes continuam em movimento, com bandas a tocar e agitando bandeiras, e dirigem-se para Sul em enormes comboios, camiões e autocarros provavelmente na maior operação migratória que Marrocos já conheceu.

EXPLODIRAM NOVE BOMBAS NOS ESTADOS UNIDOS

NOVA YORK, 27 (R) — Deflagraram na madrugada de hoje nove bombas em Nova York, Washington e Chicago e as primeiras notícias indicam que o Departamento de Estado era um dos alvos dos atentados.

A Polícia disse que ocorreram duas explosões defronte do edifício do Departamento de Estado, mas que ninguém ficara ferido.

Quatro bombas rebentaram, com intervalos de minutos das outras, em Nova York e outras três em Chicago.

As autoridades informaram que os estragos materiais devido aos atentados bombistas em Nova York — perto da missão dos Estados Unidos junto da O.N.U., de duas filiais do Chase Manhattan Bank e de outra do First National Cit Bank — pareciam ser de pouca monta.

Em Chicago, a polícia revelou que as deflagrações ocorreram na Sears Tower, o maior

arranha-céus do país, no Illinois Continental Bank e num complexo de apartamentos e de lojas conhecido como Marina City.

As primeiras notícias indicavam que todas as explosões foram causadas por petardos.

Em Washington, o FBI comunicou que agentes federais se deslocaram aos locais das explosões em todas as três cidades e não há informações acerca de vítimas.

Os alvos em Chicago incluíram também as instalações da International Business Machines. (IBM).

Um informador do FBI declarou que não foram feitos avisos antes de qualquer dos atentados bombistas.

Não foram também efectuadas prisões, até agora. A polícia de Chicago disse que os atentados bombistas poderiam estar relacionados com o Dia dos Antigos Combatentes, o feriado público anual nos Estados Unidos, que se comemora hoje.

O PRESIDENTE EGÍPCIO VISITA WASHINGTON

WASHINGTON, 27 (R) — O presidente Anwar Sadat chega hoje a esta cidade para se avistar com o presidente Gerald Ford esperando persuadir os Estados Unidos a reduzir os fornecimentos de armas a Israel e em vez disso vender algumas ao Egito.

Sadat, numa visita de onze dias aos Estados Unidos — a primeira de um presidente egípcio — será formalmente recebido por Ford quando chegar de helicóptero da restaurada cidade colonial de Williamsburg, na Virgínia, onde passou a noite depois de chegar de Paris.

O dirigente egípcio declarou numa entrevista transmitida ontem desejando que os Estados Unidos reduzissem os fornecimentos de armas a Israel e oferecessem armas ao Egito. Desejava também discutir o papel da América na elaboração de um acordo de separação militar entre Israel e a Síria.

Antes de iniciar dois dias de conversações privadas com o presidente Sadat, Ford presidirá a uma cerimónia de recepção, completa, com honras militares, na Casa Branca.

Sadat projecta também travar conversações com o secretário de Estado Henry Kissinger, com o secretário da Defesa James Schlesinger, e com dirigentes do Congresso. Disse numa entrevista filmada no Cairo para a American Broadcasting Company (A.B.C.) que espera obter auxílio financeiro dos Estados Unidos sob a forma de empréstimos a longo prazo em condições favoráveis.

Kissinger já pôs de parte a hipótese de um comunicado público sobre um acordo de armas americano-egípcio.

Depois de passar dois dias nesta cidade, o presidente Sadat vai a Nova York na quarta-feira para falar sobre o Médio Oriente nas Nações Unidas.

O Serviço Secreto, encarregado de guardar o presidente Sadat, não comentou os preparativos de segurança mas espera-se que sejam mais rigorosos do que para outros chefes de Estado visitantes devido à delicada questão do Médio Oriente.

Espectáculos

HAYDN, MOZART E PROKOFIEFF

NO GRANDE AUDITÓRIO

A Orquestra Gulbenkian realiza o 3.º concerto da sua presente temporada no Grande Auditório da Fundação, na próxima 4.ª feira, dia 28, às 18 e 30. O maestro será o suíço Charles Dutoit, e a solista a jovem violinista coreana Kyung-Wha Chung. No programa figuram obras de Haydn (Sinfonia n.º 83), Mozart (Sinfonia n.º 39) e Prokofieff (Concerto n.º 1, op. 19, para violino e orquestra).

QUEM SÃO CHARLES DUTOIT...

Charles Dutoit, que agora actua pela primeira vez com a Orquestra Gulbenkian, iniciou a sua carreira em 1963 com a Orquestra Sinfónica de Berna. Logo no ano seguinte, Herbert von Karajan convidou-o para dirigir duas temporadas de belcanto Ópera de Viena. Mais recentemente desempenhou as funções de maestro titular da Orquestra Sinfónica da Rádio Zurique, e maestro assistente da Orquestra Tonhalle de Zurique (da qual então era titular o conhecido Rudolf Kempe). Dutoit apresenta-se com regularidade em Londres, à frente das orquestras Royal Philharmonic, London Symphony e London Philharmonic.

...E KYUNG-WHA CHUNG

Quanto à violinista Kyung-Wha Chung, trata-se de um dos maiores valores da nova geração de intérpretes musicais. Nascida em Seul (Co-



A violinista Kyung-Wha Chung

reia), fez a sua primeira apresentação pública aos nove anos de idade, tocando o Concerto de Mendelssohn. Depois de ter estudado durante sete anos com Ivan Galamian, ganhou o Concurso Leventritt nos Estados Unidos, distinção que lhe abriu as portas para grande número de concertos nesse

país e no Japão, sob a direcção de maestros famosos como Lorin Maazel, Georg Solti, Barenboim, Schmidt-Isserstedt, Andre Previn, etc. A partir de 1970, a sua carreira estendeu-se à Europa. Aplaudida em Viena, Bruxelas, Munique e Londres foi considerada pelos críticos alemães «a artista do

ano». Em 1972/73 apareceu em dez programas de Televisão britânica. O seu primeiro disco, com os Concertos de Tchaikovsky e Sibelius, obteve tal êxito que lhe valeu um contrato com uma prestigiosa firma inglesa editora para gravar vinte discos nos próximos cinco anos.

CINEMA

SINDICATO DAS ACTIVIDADES CINEMATOGRAFICAS

Um comunicado dimanado do Sindicato da Actividade Cinematográfica informa, mais uma vez, «o ovo português em geral e os trabalhadores de cinema em particular» que «as primeiras consequências ao inquérito determinado (às actividades cinematográficas do I. P. C.) não se fizeram sentir e que a rádio, a TV e os jornais,

se têm feito eco delas.

O comunicado caracteriza-se por um violento ataque a António da Cunha Telles, apelidado de «empresário encapuçado».

O Sindicato pronuncia-se contra «os imperialismos» e afirma repudiar a acusação que lhe foi feita de conluio com o imperialismo americano.

“O ESTADO DE SÍTIO” EM VILA FRANCA

O Cineclube Vilafranquense realiza uma sessão, no próximo dia 31, com a exibição do filme «O Estado de Sítio», de Costa Gravas. A sessão terá lugar no Cine-Teatro.

O filme «O Estado de Sítio» debruça-se sobre uma organização terrorista, a C. I. A. e

tenta mostrar os mecanismos e modos de acção próprios desta. A acção desenrola-se no Uruguai e movimenta-se em torno do rapto de um destacado agente da C. I. A. pelos Tupamaros, grupo de guerrilha urbana.

“A MULHER E O PATIFE” NA “CLÁSSICA” DO IMPÉRIO

«A Mulher e o Patife», título português do célebre filme de Claude Lelouch «La Bonne Année», como um crítico fez notar, não é um divertimento inocente. De facto, sob a aparência de um vulgar filme policial e de uma agradável história de amor, esta película veicula um certo número de

ideias acerca da ideologia dominante e da repressão de toda a crítica e toda a reflexão sobre a ordem estabelecida.

Lino Ventura e Françoise Fabian são os protagonistas deste filme de Lelouch que o Império apresenta pelas 18 e 30 na sua próxima quarta-feira clássica.

DISCOS NOVOS



Júlia Babo

Continuam a fluir às bancas discográficas, gravações comerciais de artistas portugueses. Um dos títulos mais recentes: o trio «Populos» (Paula Carreira, José Manuel e António Raposo), em «Revolução», um 45 rpm que também inclui «Leilão» e foi produzido por Carlos Portugal. Igualmente do mesmo responsável é um «single» de Francisco Rodrigues, que transporta «Lutar» e «De mãos dadas», da própria autoria do intérprete.

Dois outros «singles» gravados de fresco: Júlia Babo em «Não vires a casaca» e «O tempo é de vigilância», ambos os trechos com poema e música de sua lavra, além de Luísa Basto interpretando Mário Castrim e Pedro Osório («Esperar por ti») e a famosa dupla José Carlos Ary dos Santos e Fernando Tordo (em «De pé, o companheiro»). No disco de Júlia Babo, aplaude-se o espírito e a dignidade da gravação,

dirigida orquestralmente por Correia Martins. Na voz de Luísa Basto, na sua dicção e musicalidade, ficam patentes bons versos ao serviço da Revolução. De Mário Castrim, uma canção de amor foge a malhas alienantes. Através do poema de Ary dos Santos, salta a homenagem à memória dos que tombaram pelo caminho, simultaneamente a um apelo para reforço na luta por uma sociedade sem classes.

do estrangeiro

Certa popularidade envolve alguns dos intérpretes musicais estrangeiros agora nas bancas do disco, através de gravações recentes. Nomes e títulos que chegam a Portugal: Leisha, em «Miracle Maker» e «Feelings», o Billy Swan em «I can help» e «Ways of a woman in love» e Judy Collins com um 45 rotações que inclui «Houses» e «Send in the clowns».

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançãlia

TEATRO

O GRUPO 4 REGRESSA AO INSTITUTO ALEMÃO

«Mokimpote», a peça de Peter Weiss que o Grupo 4 estreou em Julho no Instituto Alemão e que repetiu numerosas vezes em «tournées» pela província, vai reaparecer no Auditório desse Instituto.

Com versão de Ary dos Santos e encenação de Rui Mendes, «Mokimpote» é interpretada por Costa Ferreira, Henriqueta Maia, Irene Cruz, João Lourenço, José Gomes, Manuel Cavaco, Moraes e Castro e Vicente Galfo.

O regresso de «Mokimpote» ao Instituto Alemão está marcado para o próximo dia 29 e prolongar-se-á até ao dia 8 de Novembro, havendo espectáculo todos os dias, às 22 horas, menos ao domingo.

Os bilhetes serão dados à entrada, a partir das 21 e 30, no dia do espectáculo, até se esgotar a lotação.



Rui Mendes: o da encenação

O QUE A CRÍTICA DISSE

● DOS “PEQUENOS BURGUESES”

«O seu melhor espectáculo (Jorge Listopad. Diário de Lisboa); «um espectáculo excepcional» (Valentim de Lemos, lo bem construído que se viu companhia» (Carlos Porto, Diário de Lisboa); um «espectáculo para largas camadas de público» (Urbano T. Rodrigues, O Século); «o único espectáculo bem construído que se viu em Lisboa desde há meses» (G. Cruz, Vida Mundial), foram algumas das reacções da crítica perante este espectáculo que é interpretado por Lia Gama, Glorinha Quartim, Gina Santos, Helena Domingos, Márcia

Breia, Raquel Maria, Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Orlando Costa, Luis Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Jorge Silva Melo.

«Pequenos Burgueses» continua a ser apresentado todas as noites no Teatro do Bairro Alto, às 21 e 15 e aos domingos, às 18 e 30. O Teatro do Bairro Alto é na Rua Tenente Raul Cascais, 1, A-B no Bairro Alto, em Lisboa.

Depois de saber que este espectáculo é o que a crítica toda disse dele, leitor: tem obrigação de ir vê-lo!

● DE “A CIA DOS CARDEAIS”

«O Texto e toda a concepção da revista são comunicativos e brilhantes, com situações bem exploradas, piadas ora subtis ora de riso escancarado, crítica desenfastiada aos acontecimentos e às figuras capitais do momento político». Urbano Tavares Rodrigues.

«Setas bem afinadas e bem apontadas a instituições que se tem por intocáveis». Carlos Porto.

«Um Teatro verdadeiramente popular e ao serviço do Povo» Angelo Granja.

«Uma revista à portuguesa, «A CIA dos Cardeais», é sobretudo, Teatro popular». Angelo Granja.

«A CIA dos Cardeais» é uma revista extremamente bem arquitectada, cheia de sentido de humor e inteligente». Maria Helena Dá Mesquita.

«A CIA dos Cardeais» ficará na história da Revista Portuguesa como uma das tentativas mais sérias feitas no sentido de criar uma linguagem verdadeiramente sirva os interesses populares e o avanço da Revolução». José Jorge Letria.

Este espectáculo está todas as noites, menos às quartas-feiras, no Martim Moniz, no Teatro desmontável do «Adoque».

«O Adoque é a única companhia que procura fazer Teatro de Revista de qualidade e interveniente». Mário Sardo.



Ary dos Santos: o da versão



José Carlos Ary dos Santos: o da interpretação

Geral

DETERGENTES

Qualidade e não quantidade

...A divulgação do famoso folhetim radiofónico «Tide» (da «Coxinha», lembram-se?) assinalou o início da época em que a dona de casa portuguesa começou a pôr de parte o sabão e a usar detergente. Especialmente a partir daí, e com a ajuda da oferta de baldes de plástico, serviços de copos, bonecas e carrinhos, passando pelos colares de pérolas, o detergente implantou-se no nosso quotidiano sem que, no entanto, ninguém nos ensinasse a escolhê-lo por critério de utilidade ou qualidade.

Estes auxiliares das lavagens domésticas, substitutos do sabão azul ou amarelo, são apresentados sob as mais variadas formas: pacotes, baldes para a loiça, baldes para a roupa, frascos úteis para guardar outros produtos, detergentes em pó, anticálculos (brancos, azuis, verdes), os que têm o poder do cavaleiro branco, os que têm gultões que eliminam as nódoas, os que chegam a produzir eczemas e outros males dermatológicos, os que têm branqueadores ópticos. Mas no fundo, todos eles se incluem em três grupos para nos referirmos apenas aos de uso doméstico: detergentes para máquinas de lavar roupa, detergentes líquidos para lavagem de loiça à mão e detergentes sólidos para lavagem de roupa manual.

IGUAL PODER DE LAVAGEM

No nosso País o mercado é dominado essencialmente por duas grandes empresas, actuando ainda três empresas médias. No caso dos detergen-

tes para lavagem de roupa de máquina verificamos que três marcas são muito utilizadas, nomeadamente uma, que controla cerca de 70 por cento do mercado. Mas a verdadeira diferença entre duas destas três marcas está apenas no perfume, na embalagem e no preço, enquanto o poder de lavagem é muito semelhante em todos. Só em volta da marca que domina 70 por cento do mercado há uma publicidade maciça com oferta de brindes. Acontece o mesmo que quando se quer comprar uma máquina de lavar roupa as vendedoras de electrodomésticos oferecem embalagens desse detergente, bem como muitos comerciantes de máquinas de lavar não se responsabilizam por avarias desde que se usem outros detergentes... Um processo ignóbil e até comercialmente desleal a que uma empresa recorre para fazer publicidade ao seu produto!

Dai resulta que o detergente se vende não pela sua real qualidade, mas porque está mistificado por uma máquina publicitária enganosa que devassa o consumidor incauto,

pressionado pelo número artificial de marcas.

Do mesmo modo, nos detergentes sólidos, a diferença de cor (branca e azul) não corresponde a qualquer diferença qualitativa: o corante é meramente fisiológico e até faz diminuir a rentabilidade da produção. Também o perfume dos detergentes nada conta para o poder de lavagem. Em suma: procedendo-se à análise dos detergentes chegar-se-ia à conclusão de que o poder de lavagem dos ditos é semelhante.

Quanto às embalagens (outro factor de publicidade), em vez de embalagens dispendiosas e mal aproveitadas, poder-se-ia aproveitar frascos de plástico funcionais ou embalagens padronizadas com preços

afixados e rotulagem clara que defendesse o consumidor.

Pela sua popularidade a comercialização dos detergentes precisa de ser moralizada, condicionada pelas entidades oficiais a publicidade alienatória, passando-se a servir o público em termos dignos, seja no preço justo a pagar, seja na qualidade do produto tantas vezes prejudicial à saúde.

Para tanto (e já sugerimos os tais sacos de plástico (não queremos luxo, queremos poder de compra!) e embalagens padronizadas, com exigência do preço afixado. Desejamos saber o que vamos comprar, defendendo a higiene dos nossos consumos. Abaixo com as taxas do capitalismo!

Porto vai ter transportes mais caros

PORTO, 27 — «O sector dos Transportes foi dos mais sacrificados antes do 25 de Abril, mas neste momento, a sua situação do ponto de vista financeiro é catastrófica. O Estado tem em cima de si um défice de um milhão de contos. Não há possibilidades de solução, sem se proceder a um aumento tarifário — o que irá suceder — e ainda a uma reestrutura-

ção do sector, para além de outras medidas», afirmou o subsecretário dos Transportes na sua deslocação ao Porto.

Este membro do Governo, bem como o secretário de Estado da mesma pasta, estiveram presentes no plenário do Sindicato dos Motoristas do Distrito do Porto, que apresentou uma proposta, aceite pelos trabalhadores, no sentido de resolver a situação de impasse entre estes e o patronato. Antes, aquelas entidades estiveram presentes num plenário dos motoristas do S. T. C. P. Este plenário visava a integração dos motoristas daquele serviço no C. C. T. do Sindicato dos Motoristas do Porto. Sobre o assunto, o subsecretário adiantou que a Lei 49.212 anterior ao 25 de Abril não foi revogada e, portanto, se estava perante um problema jurídico e que torna «impossível dizer-se para que se passe por cima desse decreto».

Comandantes da P.S.P. e G.N.R.

No Ministério da Administração Interna, tomam hoje posse, às 17 horas, os comandantes-gerais da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública, respectivamente brigadeiro Manuel Carlos Pereira Alves de Esmoriz e coronel de Infantaria Fernando dos Reis Fernandes Caldeira.

Hoje



Uma cena de filmagem de «Angústia para o Jantar» com Rui de Carvalho

I PROGRAMA

- 19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- 19.25 **Teledesperto** — as actividades desportivas.
- 19.55 **Cinema Ano II** — um programa apresentado por Alfredo Tropa.
- 20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.20 Responder ao País. Entrevista com o presidente da Roménia Nicolau Ceausescu concedida ao enviado especial da RTP José Carlos Megre, a Bucareste. Produção do Departamento de Programas Político Sociais da RTP.
- 22.00 **Teatro** — «Angústia para o Jantar» — produção da Planigrafe. Realização de Jaime Silva, Director de produção: João Martins. Produtor delegado da RTP: Figueiredo de Barros. Intérpretes do 4.º episódio: Fernanda Lapa, Jorge Brum do Canto, Rui de Carvalho, Maria Helena Matos, Laura Soveral, Carlos Verissimo e Cristina R. V.
- 21.55 **Entrevista** — com Ceausescu
- 23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
- 23.15 Fecho

II PROGRAMA

- 20.40 Abertura e **Eurovisão** — Taça do Mundo de Ginástica. Transmissão directa de Wembley realizada pela B.B.C. Comentários pelo tenente-coronel Garcia Alvarez.
- 23.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «Angústia para o Jantar» (21.05)

II PROGRAMA

Eurovisão — Taça do Mundo de Ginástica (20.40)

Amanhã

I PROGRAMA

... 1.º Período — 12.45: Abertura e Documentário; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 13.30: «O Regador Mágico» («Pardon My Genie») — série filmada; 14.00: Logo à noite — cartaz dos teatros e cinemas e da TV — Ciclo Preparatório TV — 14.10: Língua Portuguesa (2.º ano); 14.35: Matemática (1.º ano); 15.00: Francês (2.º ano); 15.25: Ciências da Natureza (1.º ano); 15.50: Educação Visual (2.º ano); 17.10: Matemática (2.º ano); 17.35: Língua Portuguesa (1.º ano); 18.00: Trabalhos Manuais (2.º ano); 18.25: Francês (1.º ano). 2.º Período — 19.00: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.25: Programa Musical; 19.55: Magazine do Norte; 20.30: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; 21.05: A Gente que Nós Somos — rubrica do Departamento de Programas Político-Sociais; 22.00: «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

... 20.40: Abertura e Eurovisão — Taça do Mundo de Ginástica. Transmissão directa de Wembley realizada pela B.B.C. Comentários pelo tenente-coronel Garcia Alvarez; 23.00: Fecho.

CASINO HISTÓRICO
SLOT MACHINES — JUEGO DE JOGOS

MIHAELA MIHAI
FAMOSA VEDETA DACANCAO

JOHNNY MARTIN

MARIA JO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

BENTYBER DANCERS
FERRER TRINDADE e sua orquestra
"COMPLEX 4"
THO BANDEIRA and his group

KIM AND CYRILLE "STRIP-SHOW"
SO NOW WONDER BAR

SALA RESTAURANTE às 23.30 (não aconselhável/m./13)
WONDER BAR à 1.00 (interdito/m./18)

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)
Sábados - 140.00 Restantes dias - 120.00

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

Rua da Barroca, 107-2.º — Lisboa-2

FOTÓGRAFOS

Nos dias 27 e 28/10/75, pelas 20.30 horas prosseguem na sede do Sindicato, Rua da Barroca, 107-1.º, em Lisboa, as reuniões para discutir e aprovar o C. C. T.

- COMPARECE E PARTICIPA.
- NÃO FALTES COM AS TUAS SUGESTÕES.
- AVANTE COM O C. C. T.

A DIRECÇÃO

Lisboa, 25/10/75



PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
D. S. ...
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13 B - Rua Macas, 8

Desporto



Comentários de Orlando Dias Agudo

Os três «comandantes» do nacional de futebol assinaram um tratado: ir ganhando os seus jogos, convencendo todos da sua superioridade. Foi isso que ontem aconteceu: o Boavista bateu o pé a um F.C. do Porto que registou terceira derrota (segunda consecutiva) vencendo o duelo com toda a autoridade; o Belenenses foi a Braga dizer aos locais que a sua «aventura» quase tinha terminado, acabando por triunfar com todo o merecimento; o Benfica esteve no Algarve a justificar o actual bom momento do seu ataque (em especial de Nenê, autor de 3 tentos), terminando por vencer conclusivamente.

No topo do interesse deste campeonato de futebol, os valores estão assim equilibrados: um Benfica a sentir a ausência de Humberto Coelho mas a compensá-la com um ataque particularmente realizador; um Belenenses a (cautelosamente) ir somando os pontos suficientes para não sair do pelotão da frente; e um Boavista a comprovar tudo quando se dizia antes do campeonato principiar.

Mas, na espreita de qualquer deslize deste trio de «BB», está já o Sporting, distanciado apenas de um ponto mas com um jogo a menos (o tal da Tapadinha...); e isto porque, ontem mesmo, se livrou de um União de Tomar (sem aspirações de maior e que aceitou o 4-1 com a maior das naturalidades).

Espectacular terá sido o triunfo do Estoril na Tapadinha: dois golos sem resposta

PORTO DESPEDE-SE DOS SONHOS

Alves: um goleador inesperado

no campo do adversário e vindos de um recém-promovido, é merito que tem de se sublinhar em qualquer circunstância. Deste jogo ou da sua história, uma crónica mais profunda é publicada nesta edição do «DL» e assinada pelo camarada de redacção Neves de Sousa.

Falta falar de três encontros; três espectáculos que chegaram ao fim dos 90 minutos com a igualdade espelhada no marcador. O primeiro, foi disputado no sábado à tarde e teve como protagonistas o Leixões e o Vitória de Setúbal: o 1-1 verificado aceita-se em função do rendimento normal dos dois «onzes» e ao facto do «team» de Matosinhos ter alinhado no seu cenário; os outros 2 terminaram com nulos absolutos e aconteceram no Lavradio e em Aveiro. De admirar (mais) o empate que o Académico impôs ao Desportivo da Cuf do que àquele que o Vitória de Guimarães forçou o Beira Mar; não obstante os homens vizinhos da ria serem os «lanternas vermelhas» da classificação do torneio maior.

2.ª DIVISÃO

Na zona Norte da 2.ª divisão apenas duas equipas conseguiram triunfar extramuros: o Penafiel, que foi ganhar a Fafe (1-0) e o Sporting da Covilhã, que foi a Farnalhão vencer por 2-1. No conjunto de jogos nortenhos registaram-se ainda quatro empates, por curiosidade de todos a zero golos: o Feirense recebendo o Riopele, o Paredes que jogou no seu campo com o Salgueiros, o Vilanovense que recebeu a Sanjoanense e o Desportivo de Chaves que jogou com o Lourosa. De resto, êxitos dos visitados: União de Lamas com 3-1 ao Alba, o Espinho com 6-2 ao Régua, o Varzim com 5-0 ao Paços de Ferreira e o Gil Vicente com 4-0 ao Marinhense. No conjunto, 19 golos para os visitados e apenas 6 para os visitantes. Na tabela classificativa, o guia continua a ser o Varzim (com 13 pontos), seguido do Salgueiros e Riopele

(com 11), Gil Vicente e União de Lamas (com 10). O último é o Régua apenas com 3 pontos.

Na zona Sul, o mais importante foi a derrota do Marítimo (0-1) em Portalegre, incidente que o arrancou da posição de guia. E, também, as vitórias «fora», alcançadas pelo Almada (2-0 em Sintra) e pelo Barreirense (51) em Torres Novas. Apenas um empate nesta zona: entre o Torriense e o União de Montemor, a 2 golos. Os visitados que triunfaram: União de Leiria (1-0 ao Juventude), Montijo (4-1 ao Esperança), Oriental (4-0 ao U. Santarém), Caldas (4-0 ao Peniche), Estrela de Portalegre (1-0 ao Marítimo), Portimonense (3-1 ao Sesimbra) e Lusitano (2-0 ao Olhanense). Na tabela da verdade o comando pertence agora apenas ao Montijo: que soma 12 pontos contra os 11 do Alxada, Caldas e Portimonense e os 10 do Marítimo e Barreirense. O último é o Torres Novas, que soma apenas 3 pontos.

3.ª DIVISÃO

Na 3.ª divisão, apenas na série «C» não há comandante isolado: porque Odivelas e União de Almeirim somaram até ao momento os mesmos 13 pontos. De salientar o empate que Odivelas foi buscar a Almeirim e que pode vir a ser precioso já para o fim do torneio. Na série «A», o comandante é o Vianense, que soma 13 pontos, enquanto na «B» a posição de guia pertence ao União de Coimbra também com 13 pontos. Na série «D» o Vascos da Gama tem 14 pontos e

já é o que está mais seguro dessa posição, pois os seus mais directos adversários (Desportivo de Beja, Odivirense e Sacavenense) contam apenas 11 pontos.

MARCADORES

Manuel Fernandes parece que despertou com a camisola do Sporting: ontem, marcou três tentos ao União de Tomar, igualando assim a proeza de Nenê, que também «arrancou» três golos no S. Luís (de Faro). Como Gonzalez «apenas» obteve um tento (único da sua equipa) temos que o benfiquista aumentou o avanço na lista dos melhores artilheiros. Em 8 jogos, Nenê marcou 13 golos; o segundo continua a ser o «azul» Gonzalez, que soma 9 golos no mesmo lote de 8 jogos cumpridos, vindo depois Jordão e Alves (ambos com 6). Camolas e Manuel Fernandes surgem logo a seguir, ambos com 5 golos registados em cada nome.

PRÓXIMA JORNADA

O Campeonato Nacional prossegue no próximo domingo com a realização da nona jornada, que comporta os seguintes desafios: Farense-Sporting de Braga; Belenenses-Cuf, Académico-Sporting e Vitória de Guimarães-Atlético. Para sábado serão antecipados quatro jogos a saber: União de Tomar-Boavista (15 horas); Vitória de Setúbal-Beira-Mar (17 (17 h.); Benfica-Estoril (21,30 h.) e F. C. Porto-Leixões (21,45 h.).



A falta de melhor Ronaldo joga de barriga.



José Henriques: reaparecer em Faro.



Manuel Fernandes vai fazer um dos seus três golos frente ao União de Tomar.

TABELA GERAL

	V	D	E	P
BELENENSES	8	6	1	16-9 13
Benfica	8	6	1	20-8 13
Boavista	8	5	3	15-6 13
Sporting	7	5	2	13-5 11
Vitória de Guimarães	8	3	4	14-7 11
Sporting de Braga	8	3	2	9-8 11
Estoril	8	4	1	8-7 9
F. C. Porto	8	3	2	15-8
Vitória de Setúbal	8	2	3	9-8 7
Cuf	8	2	3	4-8 7
Farense	8	2	1	5-16 5
União de Tomar	8	1	3	4-10 5
Leixões	8	1	3	4-7 5
Atlético	7	2	5	9-14 4
Académico	8	1	2	5-6 4
Beira Mar	8	2	6	8-16 2

Benfica na Hungria!

VÁ APOIAR O BENFICA AO PAÍS DAS GRANDES TRADIÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS

CONHEÇA BUDAPESTE!

UMA DAS MAIS BELAS E ATRAENTES CIDADES DO MUNDO!

MESMO NO CORAÇÃO DA EUROPA, BANHADA PELO DANÚBIO, FAMOSO E ENCANTADOR!

BUDAPESTE, onde, além do mais, o BENFICA PRECISA DE SI!

Viagens MERCURY Turismo (a Agência que transporta o Benfica)

ESTÁ, DESDE JÁ, A SUA DISPOSIÇÃO PARA PRESTAR TODAS AS INFORMAÇÕES E ACEITAR A SUA INSCRIÇÃO

Viagens MERCURY Turismo

Av. da Liberdade, 161 — Telefones 56 10 81/6 LISBOA

ESTRATAMENTE CONFIDENCIAL

O dr. Miguel Galvão Teles, advogado do Sporting, entrega hoje na Federação um largo e

TOTOBOLA A CHAVE

Farense - Benfica	2
Braga-Belenenses	2
CUF - Académico	X
Boavista - Porto	1
Leixões - Setúbal	X
Beira-Mar - Guimarães	X
Atlético-Estoril	2
Feirense - Riopele	X
Paredes - Salgueiros	X
União Leiria - Juventude	1
E. Portalegre - Marítimo	1
T. Novas - Barreirense	2
Lousano - Odivelas	2

bem elaborado documento contestatório ao processo disciplinar instruído a respeito do jogo dos «leões» na Tapadinha.

Adensa-se a relação entre o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol e a Federação. Em exposições feitas ao secretário de Estado do Trabalho e ao director-geral dos Desportos, o organismo sindical dos futebolistas levanta uma série de (pertinentes) questões que dizem respeito ao modo como, no seu entender, os federativos estão a agir no caso da transferência de praticantes. Lê-se no documento: *A Federação não pode, porque a lei não lhe permite, é amar-se, ela própria, em juiz de uma causa que não é da sua competência.* Esta frase vem na sequência de outra declaração do seguinte teor: *A ordem jurídica tem remédios para a solução do problema surgido da falta de pagamento, pelo novo clube, do que dever ao antigo. Trata-se pura e simplesmente, de incumprimento de uma obrigação, igual a tantas milhares de outras situações que fazem parte do quotidiano dos tribunaes.*

Duas notas importantes: a primeira diz respeito às vozes que se levantam, acusando o Varzim de irregularidades ao fazer alinhar Fonseca, Caxeira, Horário e Montóio. Segundo conseguimos apurar, nenhum problema se levanta em relação a estes jogadores: tudo estará em ordem, carecendo (portanto) de fundamento as razões apontadas para acusar a turma da Póvoa.

Humberto Coelho não estará esta semana na concentração da selecção nacional: segundo informação colhida esta manhã, junto da Federação, o ex-benfiquista apenas se juntará aos seus colegas na semana que antecede a realização do encontro. A propósito: o custo do seguro exigido pelo Paris S. Germain orça os 70 mil escudos.



Acabou-se o ciclismo profissional no nosso país: depois do Sangathos e do F. C. Porto, do Ginásio de Távira e do Salgueiros, da Ambar e do Louletano, tocou a vez do Benfica (numa assembleia de meia centena de pessoas) ter suspenso a actuação dos velocipedistas «encarnados» a nível profissional. Em vista disso

(falta de emulação e nula razão de existência) igualmente o Coelima e o Sporting enveredaram pelo mesmo campo. Assim, os três portugueses com mais possibilidades de fazerem vida no ciclismo (Joaquim Agostinho, Fernando Mendes e José Martins) agrupados com mais dois ou três praticantes de razoável valor, terão de procurar no estrangeiro um salário para o seu trabalho.

O jovem futebolista Bailão (Barreirense) tem tanto de bom praticante como de mau desportista. Um dia destes, num encontro com o Estrela de Portalegre (efectuado na Tapadinha, em face da interdição do campo barreirense) o médio da outra banda cuspiu na cara de um parceiro do emblema contrário e, não satisfeito com essa vergonha, fez um «lindo» gesto para a assistência, na grande maioria alcantarense, que facilitava ao Barreirense a utilização do seu parque de jogos... A direcção do Barreirense (honra íntegra lhe seja feita) não esteve com meias medidas: puniu Bailão com dois jogos de suspensão e retirou-se (tristemente envergonhada) da Tapadinha indo cumprir os últimos dois encontros com que está penalizada pela Federação ao terreno da Costa da Caparica.

Divulgado na última assembleia geral do Benfica: quando

Continua na pág. 17

Desporto

TAPADINHA:
ATLÉTICO, 0
ESTORIL, 2

ESTORIL: CHUTAR AO GOLO, JÁ!

Comentário por NEVES DE SOUSA

Belo resultado, para o Estoril. Réplica muito curiosa, por parte do Atlético. Uma arbitragem quase impecável (de Augusto Bailão) e, sobretudo, ótima propaganda do futebol, sob um sol luminoso e vivo, numa Tapadinha em que a moldura humana viveu «nuances» bruscamente oscilantes: tão rápido parecia que a turma da casa iria lograr desfeitear o seguríssimo Ruas como, de imediato, se ficava a deitar contas à vida, num somatório da miríade de remates que os dianteiros estorilenses perdem em cada voltinha do ponteiro.

Ao fim e ao cabo: 2-0 para os visitantes. Êxito (mais que perfeito) da turma dirigida por António Medeiros, recheada de melhores valores individuais, com superior apurmo físico e mais vinculada completamente atlética, tudo isso ao serviço de um esquema bem engendrado para as circunstâncias: os dois pontos como objectivo supremo, a ficarem seguros na mão fechada. Porém, isto não invalida que os alcantarenses

(onde Carlos Silva está a inocular alta percentagem de juventude e esperança, mau grado o escasso «plantel» de que dispõe) tivessem abandonado o relvado de braços caídos. Pelo contrário; foi a dignidade colocada na luta pelos homens da Tapadinha que mais firma no pilar superior a formação estorilense. E, como arbitragem passou pelo rectângulo com pequenas máculas, daí se atingir um desiderato: 90 minutos de esgrima caprichosa, com belos recortes de futebol, jogado com presteza e aplicação, dentro dos cânones que tornam este espectáculo uma pequena paixão das grandes massas humanas.

PERNAS

Praticamente, o encontro abriu com um pontapé de canto que, infantilmente, Wilson atirou rasteirinho para o «peão»: falta de força nas pernas, ainda sem ter tocado na bola ou, simplesmente, pouco apuro no treino de uma jogada corriqueira? Aliás (e já que estamos a falar nisto) lá para a segunda parte, Quim teria cópia a papel químico: inadmissível num valor com o seu gabarito, a sua experiência e o seu talento futebolístico.

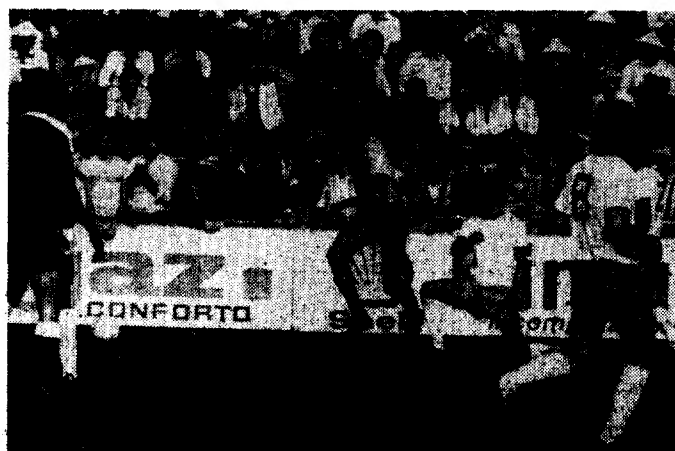
Bom, andemos. Clésio toca de cabeça, para Cepeda falhar o meia volta e força. E o mesmo Clésio, novamente de cabeça, roçaria a bola pela trave superior. Quer dizer: alternantes a puxarem mais para pendor atacante dos vindos do Estoril. Atlético a colocar na frente exclusivamente Prieto, aqui e além acolitado por Wilson e Baltazar, estes a explorarem a saída da linha de médios. Contra isso, tínhamos o Estoril a dispor Clésio em cunha e Cepe-

da em deambulações laterais, a rasgar flancos e a abrir clareiras.

Aos 15 minutos, Prieto perde (infantilmente) um lance de rede às ordens. E, na volta, Clésio é empurrado em falta mas permanece senhor do esférico, entrando galopantemente pela fronteira de outro emblema. Nada era de apitar (silvar, num caso daqueles, significaria beneficiar o infractor: o Atlético) mas o árbitro entendeu que teria havido falta do brasileiro e, marcando livre «prós» de Alcântara, escutou assobios até da malta de casa.

Começa a distinguir-se a dupla de centrais do Estoril Praia: João Carlos chega ao deslante de, com um belo suporte de cabeça, evitar um golo certinho, a entrar pelo lado direito (alto) de Ruas.

Ainda antes de meia hora, há um remate para as malhas anulado a Clésio (ajudou com o bracinho direito...) e um portentoso «livre» por Eurico, que Barbosa defendeu a comprovar valor. E, quando se continuava a correr em ritmo de demónio, galgando-se para o intervalo, ainda houve tempo para reter meia dúzia de factos: os insólitos ressaltos vindos de um relvado a carecer de nivelamento; a suprema atenção de Ruas (sem um leve erro); a preponderância de Eurico na manobra estorilista e a necessidade do jogador em obter boa forma física; a falta de pé direito em Quim; o discernimento de Clésio (belo profissional e jogador influente, com ou sem bola ao alcance); um cartão-amarelo a Amaral (bem escusado, por sinal) «graças» a empurrão num contrârio; a queda de Wilson, pouco à vontade perante a teia em que foi envolvido;



Torres com a bola: ainda ninguém o prende.

a segurança de Candeias e Horta, os suportes da defensiva alcantarenses e, sobretudo, a acção da dupla João Carlos-Bira, que não falhava um só alívio. E. Vamos lá, aquele golinho safado por Luis Horta, quando Barbosa andava de gatas pelo chão.

CABEÇA

Para a segunda metade, continuou o mesmo ritmo veloz: mas, melhor que jogando com pernas, o Estoril usava de cabeça, polvilhando todo o terreno e esperando que o contínuo desabar de ataques culminasse num golo que fosse. Seidi substitui o «perdido» José Eduardo e o Atlético, elevado de potencial dianteiro, surge perto de Ruas, que faz uma estirada para 20 valores. Soltos, Prieto e Amaral confundem o meio-campo estorilista, onde se baqueia com certa constância, já que o 4x4x2 idealizado por Medeiros parecia acordado no feixe central e Cepeda (bom dominador da bola e muito rápido) perdia sistema-

ticamente o tempo de remate por querer driblar ainda o «senhor que se segue».

Alcântara não desespera: quase tem o passaro na gaiola, naquela «cabeça» de Baltazar que esbarra na trave. Mas, também um lance João Carlos-Eurico-Clésio, seguido de defesa in-extremis do arrojado Barbosa, podia chegar ao «véu da noiva». Há mais uns golpes a provocarem calafrios («tiro» de Eurico junto a um poste, cabeça de Clésio rente ao lado de lá, disparo de Vieira para bejar a madeira, pontapé de Prieto que falha por um triz) e aí temos a chamada pretendida por grande parte do pagode: entrada de Torres a render qualquer colega (na eventualidade Canário). Logo o expediente «Magriço» despede uma cabeça de criar cabelos brancos a Carlos Silva que, num ápice, manda Avelar para o posto de Wilson, mais para segurar o empate que para tentar o lucro maior.

Já se pensava que a coisa ficaria assim, num zero mútuo.

Sucedeu, porém, que estavam lá dois belos atiradores: Clésio e Torres. E seriam eles, quase em lances policopiados (cruzamentos e «cabeças» para o melhor sítio) quem rubricariam os tentos «amarelos», prémios justos para quem possui «plantel» de melhor ouro. Depois do seu tento, Clésio tomba com dores: câibras, resultantes da inactividade de três domingos. É trocado por Amílcar que, logicamente, fica cá atrás a prender as rédeas a Baltazar. Mas, ainda há tempo para dois recortes excelentes: um, por Carlos Pereira, dia a dia mais dono de uma segurança que não tinha quando vivia de credo na boca por outras paragens; outro, de destacar igualmente, pela vontade de Prieto, que não conseguiu romper a rede lateral num chute que fez fumo.

Nota a valer aplauso: quando Clésio se lesionou, entrou em campo o companheiro suplente Ferro que (belo arco-boico, sim senhor) pegou no sócio e carregou-o às costas para a cabina, como se fora uma pena. E, citações devidas por justiça: a toda a defesa do Estoril (no topo da escala apreciável), para o trabalho da «sapa» de Clésio e para o engodo ainda saltitante em Torres, tal e qual como para o domínio de Eurico na sua jurisdição. Em função do comportamento alcantarenses, palavras de encômio para toda aquela juventude que o técnico Carlos Silva amalgama na competente presença de Candeias, que foi bem acolitado por Luis Horta e Coelho, Seidi e Amaral. Só para acabar: onde irá parar este Estoril, no dia em que Medeiros puser os discípulos a dispararem de primeira?

EQUIPAS
E GOLOS

ATLÉTICO: Barbosa; Coelho, Luis Horta, Candeias e Franque; Wilson (Avelar), Baltazar e Belchior; Prieto, Amaral e José Eduardo (Seidi).

ESTORIL: Ruas; Vieira, João Carlos, Bira e Carlos Pereira; Eurico, Nelson Reis e Canário (Torres); Cepeda, Clésio (Amílcar) e Quim.

Golos: Clésio (79) e Torres (85).

Árbitro: Augusto Bailão (Lisboa).

Continuação da pág. 16

Fernando Mendes venceu a Volta a Portugal e, com a sua turma, chegou a Alvalade, no termo da corrida, nem um só director benfiquista compareceu ali para o felicitar.

Enquanto não devolverem os seus equipamentos à Federação de Andebol, estão suspensos os seguintes praticantes: Luis Filipe (Sporting), Fernando Areias (F. C. Porto) e Francisco Bandeira, Joaquim Bento Nunes e Joaquim de Jesus Carvalho (todos do Conimbricense).

O Paços de Ferreira protestou o resultado do jogo feito na Póvoa do Varzim, alegando que, a certa altura, um espectador invadiu o terreno para agredir um futebolista da turma visitante.

Ferida incisa, na cabeça de Sambinha: a defesa belenenses foi agredida à pedrada, no estádio de Braga.

Os benfiquistas (Toni e Mário Wilson, em «A Bola») comentam duramente a arbitragem de Francisco Lobo, no despique em Faro. *Dois claros «penalties» a nosso favor passaram em claro, enquanto o do Farense não existiu* dizem.

Três futebolistas lesionados na CUF: Quaresma (rotura de ligamentos no joelho esquerdo), Vicente (entorse aguda) e Castanheira (traumatismo na coxa esquerda).

Alhandra: ao primeiro Congresso Nacional dos Clubes Praticantes de Futebol apenas compareceram 12 dos 136 emblemas a quem fora endereçado convite.

Ainda, a respeito de Celso

convocado para os treinos da selecção nacional de futebol: sofreu, ontem, uma micro-rotura, devendo ficar uma semana inactivo.

Bolota, do União de Tomar: micro-rotura no embate em Alvalade.

Lá temos, novamente a excursionar, o «portista» Cubillas: enquanto o seu clube (patrião oficial) vai acumulando resultados deficientes (pelo menos intermuros) o peruano vai até à Venezuela (Caracas) fazer um biscoito pela selecção da sua terra. Jogará com a Colômbia, amanhã à noite. O pior é se fica lesionado: lá temos nova desculpa para Stankovic...

A MELHOR
DO DIA

O Supremo Tribunal Administrativo deu provimento ao recurso interposto pelo dr. Sardoeira Pinto, referente à decisão governamental que o irradiara de toda a actividade desportiva. Não se comenta a solução encontrada: apenas se dita, para os vindouros a apreciarem.

Escreve-se, numa revista espanhola («Don Balon») e transcreve «A Bola»:

«Duda não joga: a culpa é da esposa, uma portuguesa que é uma autêntica «fora-de-série».

«O rendimento de Duda (ao serviço do Sevilla) era de tal forma fraco, tanto nos treinos como nos jogos, que a direcção do Sevilla, ao chamá-lo a jogar, lhe fez ver, quais

são os deveres e obrigações de um profissional «dentro e fora do campo»...

PORTUGAL

Resultados da jornada deste fim-de-semana a contar para o nacional de juniores em futebol e em referência à zona Norte: o Varzim perdeu em casa com o Sporting de Braga (por 0-1), o mesmo acontecendo ao Boavista que recebeu o Leixões; a Sanjoanense triunfou sobre o F. C. do Porto (por 2-0), o mesmo acontecendo ao Vitória de Guimarães que recebeu o Amarante; Nelas e Marco empataram a zero, enquanto o Académico bateu o Lourosa (por 3-2). Na classificação geral, o guia é o Vitória de Guimarães (que soma 8 pontos), seguido do Porto, Braga e Leixões (com 5); Lourosa, Varzim e Académico (com 4), Boavista e Nelas com 2.

Na zona Sul, o «derby» (Benfica-Sporting) terminou com o empate a um golo, enquanto o Desportivo da Cuf foi a Coimbra (ao União) ganhar por 4-0 e o Belenenses derrotou o S. Simbra por 1-0; o Farense ganhou ao Estrela de Portalegre (por 4-2) ao mesmo tempo que Atlético e Vitória de Setúbal imitaram o Sporting e Benfica (1-1). Na «geral», os guias continuam a ser o Sporting e Benfica (com 7 pontos); seguidos do Vitória de Setúbal e do Belenenses (com 6); da Cuf e do Peniche (com 5); sendo últimos o União de Coimbra e o Estrela de Portalegre, que não chegaram ainda a ponto algum...

A nota surpreendente da primeira jornada do campeonato nacional de andebol de sete foi dada pela derrota do Benfi-

ca (campeão português) no confronto com o Belenenses, efectuado em Paço de Arcos. Desfecho: Benfica, 15-Belenenses, 16. Outros resultados da ronda: Boa Hora, 16-Passos Manuel, 12; Almada, 9-Beira Mar, 14; Académica de S. Mamede, 7-Sporting, 12; Vitória de Setúbal, 12-F. C. do Porto, 15 e Técnico, 13-Campo de Ourique, 11.

Embates de rúgbi neste fim-de-semana: Técnico, 4-Belenenses A, 22; C. D. U. P., 0-Benfica, 24; E. R. A. C., 0-Académica B, 14; Académica A, 11-Direito A, 19. Para o «Torneio de Redução»: Medicina, 41-Cangurus, 6 e Estrela da Amadora, 6-C. D. U. L., 22.

De 28 do corrente a 2 de Novembro, uma selecção de juniores toma parte em Darmstadt (Alemanha) no campeonato europeu de hóquei patinado. A comitiva, que já se encontra no local da prova é integrada por Vaz da Silva (chefe da comitiva); Serrado Silva (coordenador); Maia Ferreira (médico); Correia de Brito (seleccionista); Florindo Lopes (mecânico); Correia de Brito (seleccionador) e dez jogadores: Basílio (Sporting) e Rui Rosa (Salesiana), guarda-redes; Fernando Pereira (Salesiana), Fernando Soares (Benfica), Marinho (Cascais), José Carlos (Parade), defesas e médios; e Oliveira (Sporting), Jorge (Salesiana), Rui Dias (F. C. do Porto) e Garrido (Sporting), avançados.

Intensificação da prática de ténis de mesa, por esse país fora. Em Moura, num torneio de reabilitação, os nomes mais em evidência foram: José Constantino e Jorge Bettade (Farense), Hélio Orvalho e Moisés

Cambeta (Évora). Resultados no «Grande Torneio de Faro», indicando-se a lista de triunfadores: Mário Coelho (Operário) em seniores; José Barroso (Belenenses) em juniores; Rui Nascimento (Farense) em infantis; Isabel Padilhas (Casa Pia) em senhoras; Olga Menezes (Casa Pia) em meninas; Fernando Santiago (Estrela da Amadora) em veteranos.

Futebolistas convocados para a selecção A: Damas e Botelho (guarda-redes); Artur, Pieta, Rebelo, Humberto, Freitas, Carolino e Rui Rodrigues (defesas); Octávio, Alves, Toni, Celso e Costa (médios); Nenê, Jordão, Moinhos, Oliveira e Marinho (avançados).

Esperanças: Tibi e Valter (guarda-redes); Ramalho, João Cardoso, Gabriel, José Mendes, Teixeira e Eurico (defesas); Vitor Pereira, Frasco, Rodolfo, Abreu e Shéu (médios); Marinho (Braga), Manuel Fernandes, Gomes, Vital e Jorge (avançados).

Celso futebolista brasileiro do Boavista, foi incluído nos trabalhos da selecção nacional de futebol: o chutador axadrezado, como é filho de pais portugueses, fica dentro das cogitações do sector técnico da Federação.

O nacional de rampa em ciclismo foi disputado ontem em Coimbra. Fraça participação de ciclistas, a ditá a verdade, que poucos ainda entenderam: a de que o ciclismo profissional está a viver de boas vontades e pouco mais. O profissional que conseguiu o título foi o sportingista Francisco Miranda, em amadores o triunfo sorriu a Raul de Carvalho da Coelima.

RAMADES

Despesa mensal do Varzim com o seu «team» de futebol: 280 contos. Revelado (ainda) em conclave com a massa associativa: o clube vai vedar com rede o seu rectângulo de jogos dispendioso no valor de 350 contos) e fechar o topo norte (custo orçado em 1200 contos).

Será o massagista Belo, de Farense, que acompanhará a turma portuguesa de «esperanças» à Checoslováquia.

Ainda de massagista: o benfiquista Hamilton Marques de Pena foi operado a um tendão de Aquiles, encontrando-se internado na Associação dos Empregados de Comércio e Indústria. Desejamos-lhe um pronto restabelecimento.

Pouca sorte no «plantel» futebolístico do Famalicão: duma assentada, três profissionais castigados pela Federação com suspensão (Bacani, Renato e Albino) e um grupo de colegas lesionados. Veja-se: o guarda-redes Melo (ex-Benfica e ex-Académica) fracturou um braço, outro guardião (Hermínio) fracturou costelas, Portinho (vindo do Leixões) tem fractura do nariz e José Maria anda a ressentir-se da intervenção cirúrgica feita a fractura de uma perna.

Santarém vai dispor de uma piscina municipal.

AMANHÃ

Amanha, à noite, assembleia geral dos associados do Farense, para análise da difícil situação financeira da colectividade.

Geral

EMBAIXADOR BRITÂNICO

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. José Medeiros Ferreira, recebeu, no sábado, em audiência, o embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, com quem tratou de assuntos respeitantes às relações entre os dois países.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.	
PORTO	16°
COIMBRA	19°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	14°
FARO	19°
FUNCHAL	20°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:	
ELVAS	27°
Mínima:	
P. DA SAÚDE	6,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,5°
Atmosfera	13,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.18	3.4 m
21.08	3.2 m
1.41	1.5 m
14.29	1.5 m

DIA 28	
9.40	3.4 m
22.37	3.2 m
2.57	1.6 m
15.55	1.5 m

DIA 29	
11.09	3.4 m
23.55	3.4 m
4.26	1.6 m
17.17	1.4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco; neblinha ou nevoeiros matinais; possibilidades de aguaceiros e trovoadas no Algarve.

AMANHÃ

NAScer ÀS	7.59
OCASo ÀS	18.43

DIA 27	DIA 3	DIA 10	DIA 18

MOÇAMBIQUE PODERÁ INTERVIR NA RODÉSIA

LOURENÇO MARQUES, 27 — (ANOP) — O presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, declarou que as forças moçambicanas interviriam directamente na vizinha Rodésia, se esta não acabasse com as repetidas violações na fronteira moçambicana.

Samora Machel disse, na sessão inaugural de uma escola política da Frelimo, que «é nosso dever participar na luta pela libertação do Zimbabwe, o que significa apressar a queda do primeiro-ministro rodésiano Ian Smith».

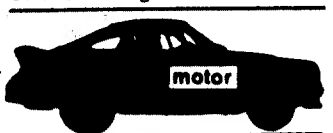
«Ian Smith sabe que a sua

queda está iminente» — afirmou Samora Machel. «Tudo o que precisamos é de fazer ruir o trono em que ele se senta, o que já está a acontecer quando damos o nosso apoio ao conselho Nacional Africano» (movimento nacionalista negro).

Samora, por outro lado, pretende a retirada das forças sul-africanas do Sudoeste Africano a fim de que o poder seja depositado nas mãos da organização dos povos do Sudoeste Africano «porque só eles são os verdadeiros representantes do povo».

No que diz respeito a Ango-

la, território sob administração portuguesa, ao qual será dada a independência no próximo dia 11 de Novembro, o presidente da República Popular de Moçambique, declarou que o seu país apoia o Movimento Popular para a Libertação de Angola (M.P.L.A.), «da mesma maneira que a Tanzânia e a Zâmbia auxiliavam Moçambique na guerra colonial movida contra Portugal».



FABIÃO PARTIU PARA A ALEMANHA

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião, partiu esta manhã para a República Federal Alemã, que visitará durante quatro dias a convite do ministro da Defesa. No aeroporto, para além de muitos jornalistas, apenas o brigadeiro Nascimento Moraes, do E.M.E., e o embaixador da R.F.A. ali foram apresentar cumprimentos. Nas declarações que prestou aos órgãos da Informação, que insistiram, nas questões relacionadas com os últimos acontecimentos político-militares em Portugal, o general Fabião declarou que a manifestação no sábado no Porto não podia ser considerada de direita pois muitos dos manifestantes presentes, pertencentes ao P.S. e P.P.D., «não estariam certamente de acordo com atitudes ali tomadas», não se devendo nunca generalizar determinados factos que se passam em manifestações. Sobre os apupos de que foi vítima quando apareceu junto de Pinheiro de Azevedo, disse sorrindo: «Isso certamente quer dizer apenas que não gostam de mim...». A propósito de uma questão levantada — «Em Portugal há um Norte e um Sul, ou apenas um País» — Fabião adiantou que terá de haver apenas um País, e o que se passa tem preocupado os governantes que têm de arranjar soluções que agradem a todas

as partes. «Não podemos transformar este País numa manta de retalhos» — concluiu.

Sobre os S.U.V., afirmou que «tal como se pretendem organizar com uma estrutura horizontal, não podem servir uma sociedade socialista». Quanto à situação na Região Militar do Norte, Fabião esclareceu que a região está calma, esperando quando regressar da Alemanha ter já os resultados do inquérito que mandou fazer, e que deve estar pronto quarta-feira. «Mas diz-se que as suas decisões relativamente ao C.I.C.A.P. e R.A.S.P. estão a ser boicotadas» — afirmou um jornalista. «Por enquanto ainda não, e as ordens que dei estão a ser cumpridas. E digo por enquanto porque ainda não consegui instalar o C.I.C.A.P., em virtude de estarmos a elaborar vários estudos nesse sentido. Por outro lado ainda não foi possível instalar o outro batalhão. Apesar de tudo não tem havido obstáculos e tudo se processa normalmente».

Antes de se despedir, e ainda em resposta a um jornalista, Fabião afirmou serem completamente falsas as declarações de Mário Soares quanto à formação de um triunvirato que incluiria Fabião, Otelo, e Vasco Gonçalves: «É uma especulação pura. Não estou metido em qualquer troika».

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

BARS BOITES

variedades internacionais.
T. 261 461/164 526/264 596/264 621/264 948.
Paiva de Andrade, 7-13
T. 364 959/368 197. YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

HIPOPOTAMO

Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 483 84.

MISSORA 1.º Programa
17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Fados e guitarradas
20.00 Jornal da noite
21.00 Pánel da noite
21.45 Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa
18.00 2.º acto da ópera «A Walkiria» de Wagner
17.30 Música do século XX
18.30 Antologia sonora
19.00 Sinfonia n.º 3, em dó menor, op. 78, de Saint-Saëns
19.40 Sonata para violoncelo e piano, de Barber
20.00 Jornal da noite
21.00 Sai o MF 2 que passa a Estéreo
20.30 «Cinco Áreas Alemãs», de Händel
21.00 Concerto
21.55 «Três Estudos de Execução

Transcendente», op. 11, de Liszt
22.20 Conjuntos instrumentais
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Concerto em sol menor, para piano e orquestra, de Viotti
00.40 «Jogos Venezaños», de Lutoslawski
01.00 Fecho

Programa Estereofónico MF 2 — 94,3 MHz
21.00 Música ligeira variada
22.00 Audição integral dos quartetos de Beethoven
22.30 Intercâmbio musical
22.55 «Grande Missa», em do menor, K. 427, de Mozart
24.00 Fecho

Modulação de Frequência

16.04	Programa C.D.C.
18.05	O nosso programa
19.05	Em órbita-1
20.30	Boa noite em FM
22.02	Auditorium
00.05	Em órbita-2
01.05	Banda sonora Sonipol
02.05	Perspectiva
03.05	Madrugada
07.03	Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média 233.2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93.2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

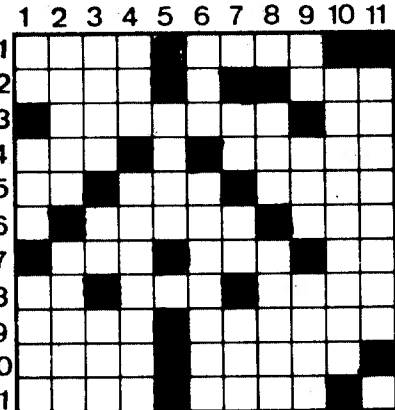
C. Radiofónico de Portugal	06.00 às 11.00 e 19.30 às 22.00
Rádio Peninsular	11.00 às 17.00
Rádio Voz de Lisboa	17.00 às 19.30 e 22.00 às 02.00

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11221

HORIZONTAIS:

- Bola. Lábios.
- Lavar. Pêlos de certos animais.
- Apelidos. Pronome pessoal.
- Coloquei. Sugar o leite materno.
- Nesse lugar. Lanugens. Parte aquosa que se separa do leite e do sangue depois de coagulado.
- Emparelhem. Tempo do verbo ir.
- Pedras de moinho. Cidade de França. Brisa.
- Porco. Estou. Rio de França.
- Relva. Matizias.
- Rezar. Contendas.
- Pessoa maçadora. (Prov.). Estimem.



VERTICAIS:

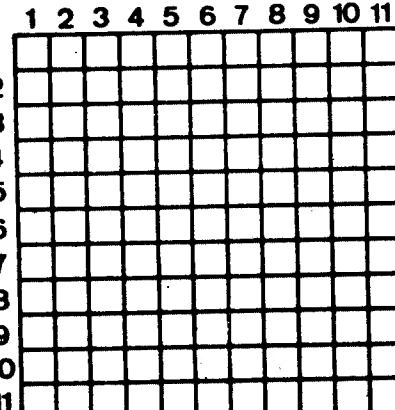
- Bétele. Utensílios domésticos. Sistema.
- Ergi. Falece.
- Reino da Federação Indonésia. Cobalto (s.q.) Forma apocópica e proclítica de vale.
- Sapo do Amazonas. Afrouxara.
- Caminhos. Artigo definido.
- Distrito de Moçambique. Acompanhara.
- Prefixo de negação. Ruim. Viscera.
- Duna na Suécia. Animal vertebrado, aquático, com o corpo coberto de escamas.
- Alumínio (s.q.) Tritura. Empregam.
- Acorrentaras.
- Trabalhadores ao serão.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7382

HORIZONTAIS:

- Poeta brasileiro. Mau cheiro (fig.).
- Sinal gráfico. Brasil. Apelido.
- Fêmea do cavalo. Lavar.
- Mulher que rouba. Cidade da Polónia.
- Detestar. Invulgares.
- Carimbos.
- General de Napoleão.
- Toca apito. Ateado.
- Carta geográfica. Erva-doce.
- Arara. Botequim. Duna na Suécia.
- Peneira. Planta culinária.



VERTICAIS:

- Personagem de Shakespeare. Sugos o leite materno.
- Atada. Um dos estados do Brasil.
- Referi. Beberões.
- Lavras. Basta.
- Rio da Rússia. Anfiteatro. Bário (s.q.).
- Letra grega. Vê. Aqui.
- Utensílio doméstico. Beiramar. Reis.
- Sulcas a terra. Cabelo branco.
- Curar. Cominatório.
- Devoras. Fechas as asas para descer mais depressa.
- Freguesia do concelho de Coimbra. Abalo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11220

HORIZONTAIS:

- MAIS. MATA.
- Ar. Elo. Isso.
- Real. Sras.
- A. Tasca. Opa.
- Morraça. Ir.
- GULA. Sares.
- Ala. Ossos.
- La. QUE. Pé.
- Abras. Ari.
- Zés. A. Ardor.
- Anos. Aliada.

VERTICAIS:

- Mara. Galiza.
- Are. Mula. An.
- Atola. Aso.
- Selara. Ob.
- Sr. Fura.
- Moscas. Ea.
- Ração. Sal.
- Tia. Arse. Ri.
- Asso. ESPADA.
- Piso. Dor.
- Corar. Saíra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7381

HORIZONTAIS:

- La. Varro. Am.
- Alais. Arara.
- Bates. Papar.
- Arola. Aramá.
- Ra. Ar.
- Ba. Aba. Os.
- Ar. Br. Ga. Úa.
- Doria. Elvas.
- Atoa. Oira.
- Mel. Per. Dar.
- Aramo. Acama.

VERTICAIS:

- Labão. Adama.
- Alar. Brotar.
- Atora. Rola.
- Viola. Bia.
- Assa. Ara. Pó.
- Ob. Be.
- Rapa. Age. Rá.
- Orara. Aló.
- Aparo. Vida.
- Aram. Suaram.
- Marão. Asara.

PROVÉRBO: MAIS MATA A GULA QUE A ESPADA



Teatro e Cinema

TURNO M-1

ALCANTARA
ATE AS 22 HORAS
Correia de Azevedo, Rua
Ous de Camões, 42-B (tel.
638625).

ALVALADE
Avis, Avenida de Roma, 56-
B (tel. 715370).

AREIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-
B (tel. 534027).

BAIRRO ALTO
Azevedo, Irmão e Veiga,
Rua da Misericórdia, 24 (tel.
323540).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascensão, Praça Norte, 11-A
(tel. 311216).

BENFICA
Vítez, Estrada de Benfca,
373-B (tel. 780548).

CAMP. DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16,
98-B (tel. 688807).

CAMP. PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida
Júlio Dinis, 10 (tel. 771661).

CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo,
68 (tel. 54342).

GRAÇA
Renascer, Rua Damasce-
no Monteiro, 104-A (tel.
831504).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei-
ra, 140-B (tel. 720703-
728395).

LAPA
Paiva da Costa, Rua da La-
pa, 105 (tel. 664414).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77
(tel. 790480).

S. VICENTE
Rosa e Viegas, Rua de S.
Vicente, 31 (tel. 864351).

XABREGAS
Grilo, Rua do Grilo 25 (tel.
385264).

TURNO M-2
TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja,
28-B (tel. 712682).

AMOREIRAS
D. João V, Rua D. João V,
16 (tel. 682772).

ANJOS
Confiança, Avenida Almiran-
te Reis, 46-B (tel. 8216653).

AREIRO
Algarve, Avenida de Roma,
7-B (tel. 801478); Nova Lis-
boa, Rua Guilhermina Sug-
gia, 12 (tel. 727721).

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque
Saldanha 14 (tel. 41845).

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerône-
mos, 14-C (tel. 631699).

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfca,
678-E (tel. 702532).

CAMPOLIDE
Central de Campolide, Rua
General Taborda 17, (tel.
680304).

OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Ci-
dade de Benguela, lote 300
(tel. 31109).

PENA

Americana, Calçada de San-
tana 3 (tel. 863984).

S. BENTO
Confiança, Praça das Flo-
res, 59 (tel. 690401).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
SIRIUS, Rua Fialho de Al-
meida, 38-A (junto da Esco-
la Técnica do Bairro Azul)
(tel. 44000).

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 160 (tel. 761035).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama, R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485); Confiança, Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938149).

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gus-
mão, Lote 9-A (Tel. 970523).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia,
151 (Tel. 950043); Queluz,
Av. Miguel Bombarda, 123-A
(Tel. 951841).

CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paco
de Arcos, Lote 1-B (Tel.
2940781).

MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de
Mem Martins, 173-B (Tel.
2914103).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA
Misericórdia, Vila (Tel.
2930391).

COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guer-
ra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro,
1-A (Tel. 242639) Toda a noi-
te.

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, B. Resi-
dencial dr. Augusto de Cas-
tro, Lote 10 (Tel. 2430691)
Até às 22 horas

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia,
60-C (Tel. 2471785) Toda a
noite.

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24
(Tel. 263052) Toda a noite

MONTE ESTORIL
Godinho da Silva, Av. Sa-
beira, 29-B (Tel. 260085) Até
às 22 horas

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento
19, 41 (Tel. 280141) Até às
22 horas; Cascais, R. Conde
de Monte Real-B.º Caixas
(Tel. 282407) Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALMOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 204250)

ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico
Ulrich, 9-2-Piso E (Tel.
2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional,
244-A (Tel. 2040141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta
Gomes de Araújo, 12 (Tel.
2073443)

COVA DA PIEDADE
Cerveira Afonso, P. 5 de
Outubro, 18 (Tel. 2750254)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republi-
ca, 16 (Tel. 239029)

MONTUO
Diogo, R. Almirante Reis, 50
(Tel. 2310032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis,
21 (Tel. 2233028)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia
(Tel. 22488); Louro, R. Frei
António Chagas, 24-A (Tel.
24491)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51
(Tel. 2218580)

PORTO

TURNO 3
ATE AS 22 HORAS

Pasteleira, Rua Andre de Rezen-
de, 92; Almeida Cunha, Rua For-
mosa, 327; Contumil, Rua de
Contumil, 540; Sampaio, Rua de
Cedofeita, 636; Vaz Teixeira,
Rua do Heroísmo, 56; Birra,
Praça da Liberdade, 125; Costa
Lima, Avenida da Boavista, 855;
Marques de Mendonça, Rua do
Ameal, 251; Monte Cativo, Rua
do Monte Cativo, 444; São Je-
ronimo, Rua de Santos Pousa-
da, 622; Cardona dos Santos,
Rua de D. Manuel II, 90 e Orien-
tal, Rua do Bonjardim, 727

Pasteleira, Rua Andre de Rezen-
de, 92; Almeida Cunha, Rua For-
mosa, 327; Sampaio, Rua de Ce-
dofeita, 636 e São Jeronimo,
Rua de Santos Pousada, 622

Rodrigues da Silva, Rua Ferreira
Borges, 32, (Tel. 24348); São José,
Arcos do Jardim, 41, (Tel. 24697)

COIMBRA

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

ALVALADE

Cinemas

Cinemas

Cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

SPY'S

Espões

N.B. Se anda satisfeito não venha
ver este filme

3.ª Semana

APOLLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

11.ª Semana

As 24.00 Grupo D (18 anos)

MATADOURO 5

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

14.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Este filme contém cenas eventual-
mente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO
SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O PIRATA

Nunca os mares do sul conhece-
ram tal fúria de Kung Fu!

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA

A REVOLUÇÃO

c/Marcelo Mastroianni

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

SEMENTE DE TAMARINDO

2.ª Semana

Nas sessões das 15.15 e 21.15
Reportagem da visita do Senhor
Presidente da República à União
Soviética

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de
Cinema

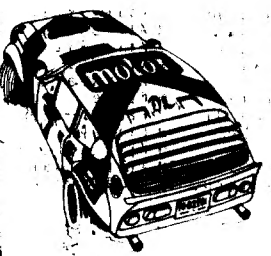
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V

T. 971794 21.00

Grupo D / M. 18 anos

DIAS DE PERIGO



UNIVERSAL

T. 774402 15, 17, 19, 21, 23

Não acons. a menores de 13 anos

O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR

Um filme da República Popular
da China

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

INICIAÇÃO SEXUAL DE CASANOVA

Um filme de Luigi Comencini

EDEN

T. 320769 14.00, 16.00, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

GOLPE BAIXO

Com Burt Reynolds e Eddie Albert

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

«PAUL E MICHELLE»

Amigos... e Amantes

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

PAPPILON

ROYAL

T. 565037 15.30, 21.15

Para todos maiores de 6 anos

ONDE SE METEU A 7.ª Companhia?

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO... MUITO ACOLHEDOR

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Int. a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS

este filme contém cenas eventual-
mente chocantes.

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

DISTO É QUE EU GOSTO 2.ª Semana

SATÉLITE

T. 562632 15, 17, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

9.ª Semana

Interdito a menores de 18 anos

CIDADE EM FÚRIA

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

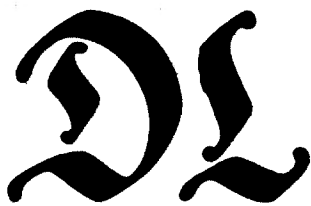
FILME DE AMOR E ANARQUIA

As 12.30 (Não acons. men. 13 anos)

BRANDOS COSTUMES

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE
LISBOA encontra-se à venda
no Largo Eng.º Duarte Pacheco
(António Santos Lisboa)

CALEIDOSCÓPIO



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCN.
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 326271/2
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBEO TELEF.
LISBOA (PORTUGAL)

CONSELHO MUNDIAL DA PAZ EM LISBOA

Delegados do Conselho Mundial da Paz, entre os quais Carlos Altamirano, secretário-geral do P.S. chileno, visitam oficialmente Lisboa em demonstração de solidariedade com a luta antifascista dos portugueses.

A iniciativa vem na sequência das declarações políticas aprovadas recentemente nos encontros de Berlim, Estocolmo e Bissau nos quais participaram também elementos do M.F.A. e representantes do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

JANTAR INFORMAL

Num jantar informal oferecido pelo C.P.P.C. que reuniu algumas personalidades da política e da cultura e militantes do Movimento da Paz, o dr. Silas Cerqueira fez a apresentação dos delegados do Conselho Mundial da Paz ali reunidos e salientou a expressão de solidariedade que significava esta visita. «Tendes aqui a receber-vos partidários da Paz, intelectuais e políticos de diversas tendências progressistas. É essa a nossa demonstração de unidade», afirmou. Seguidamente referiu que um dos pontos de actualidade da acção das forças da Paz é o movimento de descolonização de Angola com vistas à construção de uma nação realmente democrática e independente.

Essa preocupação foi igualmente destacada por Roger Billé, do Secretariado do Conselho Mundial, que afirmou:

«No interesse do progresso e da Paz mundial, Angola deve constituir-se em país livre. O M.P.L.A. é a garantia dessa linha de independência e só ele representa a vontade nacional e popular da nova nação.»

Falaram ainda Le Dinh Nham, delegado do Vietname, e o padre Joseph Robert, do Temoignage Chrétien, além do prof. Henrique de Barros, dr. Abranches Ferrão e prof. Pereira de Moura.

Entre os convidados encontravam-se os comandantes Martins Guerreiro, Pinto Ferreira e Pereira da Cruz, drs. José Manuel Tengarrinha, Luís Moita e Carlos Carvalhas, padre Jerónimo Guerra, Laura Lopes, Isabel da Nóbrega, capitão Bargaço dos Santos, eng. Hugo Blasco Fernandes, etc.

"Novos hábitos"

Da Secretaria de Estado das Pescas, recebemos a seguinte carta, assinada pelo chefe do Gabinete do Secretário de Estado.

«Relativamente à nota denominada «Novos Hábitos», publicada quinta-feira, dia 23, na última página desse jornal diário, tem este Gabinete a informar que a notícia nela contida é completamente falsa.

Da parte deste Gabinete não houve qualquer convocatória a pescadores do Algarve, quer através das secções do P. S., quer no meio de qualquer outra entidade.

Assim, esse jornal, ao publicar notícias sem fundamento, está a contribuir para criar confusão no seio dos trabalha-

ALTAMIRANO EM ATRASO

Carlos Altamirano esperado (em vão) durante várias horas na sala dos V.I.P. do aeroporto, só chegaria às cinco da manhã de hoje num avião das carreiras da Colômbia. Com o prof. Tomachevski, que o acompanhava, e com os restantes membros da delegação do Conselho Mundial da Paz, estará presente amanhã, às 16 e 30, no Hotel Altis, na conferência de Imprensa convocada pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Entretanto, esta manhã a delegação é recebida por Pinheiro de Azevedo e terá à tarde entrevistas com o Presidente da República e com o Partido Socialista. À noite, na mesa da Marinha, em Cascais, ser-lhe-á oferecido um jantar pelo almirante Rosa Coutinho.

Do extenso programa da visita destacam-se, na 3.ª-feira, encontros com o P.C.P. e com o secretariado da F.U.R. uma sessão pública em Almada e um almoço com o general Otelo Saraiva de Carvalho. O dia 29, além de uma visita de convívio com os trabalhadores da Soc. Construções Joaquim Francisco dos Santos, inclui entrevistas com entidades eclesásticas e com o Movimento «Cristãos para o Socialismo».

A agenda encerra-se com uma entrevista com o general Carlos Fabião, depois das visitas da delegação a Coimbra e a Setúbal, onde estão programadas recepções nas respectivas câmaras municipais.

Benefícios fiscais

Foi enviado para publicação na folha oficial um decreto-lei que isenta do pagamento do imposto de transacção as conservas de leixes produzidas pela indústria nacional. Esta medida visa a descida do preço de venda ao público, para a intensificação do consumo daquele produto, que está a ser objecto de uma campanha de promoção a nível nacional.

Sabe-se entretanto que está em estudo a concretização de importantes contratos de venda de conservas portuguesas à Bulgária e à Checoslováquia.

dores do sector das pescas; de facto não será pelo recurso à intriga e à calúnia que se poderão resolver os seus inúmeros e graves problemas.

Se esse jornal tivesse tentado confirmar a notícia junto deste Gabinete, ser-lhe-ia fácil concluir que todas as reuniões que, aqui ou noutros locais, têm ultimamente sido feitas entre trabalhadores do mar e os responsáveis da S. E. P., têm sido preparadas através dos respectivos sindicatos, delegados sindicais ou comissões de trabalhadores.

Solicita-se a publicação deste esclarecimento.»

N. da R. — A resposta do «DL» será publicada amanhã.

SÁ DA BANDEIRA

Continuação da pág. 1

grupo reaccionário conhecido por «Movimento Moçambique Livre», tendo tentado formar um comando de mercenários para atacar Moçambique. Os seus elementos estiveram envolvidos em algumas incursões feitas, a partir da Rodésia, contra a zona centro de Moçambique, mas repelidas pela Frelimo. Nos últimos meses, a sua presença foi detectada no Brasil, de onde regressou à África do Sul. Sabe-se que o Governo de Pretória tem apoiado largamente as iniciativas dos reaccionários e colonialistas portugueses que ali se refugiaram.

CONTRA O VI GOVERNO

Traduziu-se em violentos ataques à política do VI Governo Provisório Português relativamente a Angola, a manifestação popular ontem realizada em Luanda. Estes ataques partiram, sobretudo, do ministro da Informação, Rui Monteiro, que acusou Lisboa de se alhear da invasão mercenária do sul de Angola e de todas as agressões que vêm sendo lançadas do estrangeiro contra aquele território. Rui Monteiro focou, nomeadamente, o facto de Portugal ter retirado as suas

tropas das províncias controladas pelas forças do imperialismo, concentrando-as em Luanda e noutras áreas já libertadas pelo M. P. L. A. Aquele ministro angolano atacou também, duramente, o VI Governo por permitir a publicação em Portugal do jornal «O Retornado» que classificou como «de índole fascista, agredindo o povo angolano em todas as suas páginas».

No decurso da manifestação, usou também da palavra o Alto-Comissário, almirante Leonel Cardoso, que nada acrescentou sobre o problema angolano, para além de reafirmar que Angola será independente em 11 de Novembro.

Entretanto, tem sido dada ampla divulgação, pelo órgão de Informação angolana, às tomadas de posição das forças políticas de esquerda portuguesa relativamente a Angola e ao M. P. L. A., como único representante do povo daquele país. As mesmas fontes realçam, no entanto, o silêncio do Partido Socialista Português.

Falando na cidade da Matola, a 12 quilómetros de Lourenço Marques, o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, classificou as posições do VI

Governo português face a Angola como «manobras reaccionárias» que têm de ser condenadas. Samora Machel, que discursava na sessão inaugural da escola de quadros da Frelimo, frisou que era contra-revolucionário persistir em considerar como «movimentos de libertação» a U. N. I. T. A. e a F. N. L. A., colocando-os em pé de igualdade com a única «vanguarda do povo angolano», o M. P. L. A.

A posição da República Popular de Moçambique é acompanhada pela da Guiné-Bissau e da República Popular do Congo, ambas reconhecendo o M. P. L. A. como único representante do povo Angolano, além de pela Guiné-Conakri, Somália, Tanzânia e Argélia.

O Conselho Mundial da Paz, do qual uma delegação é esperada hoje em Lisboa, manifestou também já o seu apoio ao M. P. L. A., sendo dado como certo que durante a estada que esta delegação fará em Lisboa tal posição será transmitida ao VI Governo, cuja política de descolonização continua assim a ser posta em cheque por elevado número de nações e organizações verdadeiramente progressistas.

GOVERNO CIVIL DE FARO

Continuação da pág. 1

No decorrer da manifestação que teve como desfecho a ocupação do edifício usou da palavra José Manuel Raimundo, do M.E.S., e membro do secretariado provisório da F.U.R., que depois de historiar as tentativas reaccionárias de Palma Carlos e Sá Carneiro até ao 11 de Março criticou o célebre «Documento dos Nove» classificando-o como «demagógico, de nitida inspiração capitalista, à volta do qual se juntaram todas as forças sociais-democratas, quer civis, quer militares».

Referiu-se no final aos saneamentos à esquerda e à campanha anticomunista do P.S. e do P.P.D.

Mais tarde os manifestantes que ocuparam o Governo Civil tiveram uma reunião com a presença do comandante do Regimento de Infantaria de Faro; tenente-coronel Rebelo de Sousa, tendo sido constituído um Comité de Luta, integrado por representantes do P.C.P., F.U.R., União dos Sindicatos e comissões de trabalhadores e moradores que distribuiu um comunicado em que denuncia o afastamento de quatro governadores civis, entre os quais o de Faro, como inseridos na onda de saneamentos à esquerda «pela qual o VI Governo está a tentar recuperar para a burguesia capitalista o 25 de Abril». Noutra passagem o comunicado do Comité de Luta afirma que a substituição «contraria a vontade dos órgãos de Poder Popular, já expressa na rua em amplas movimentações de massas por todo o distrito, pois coloca no Governo Civil de Faro um elemento que deu já sobejas provas de estar contra as comissões de moradores e de trabalhadores».

Convocando militantes de vários pontos do Algarve o P.S. e o P.P.D. não tardaram a iniciar um contra-ataque às forças populares e aos trabalhadores que haviam ocupado o Governo Civil de Faro. Invocando novamente «as liberdades», o P.S. fez circular um comunicado nos seguintes termos: «Ao povo de Faro — Energúmenos e bandoleiros, representantes das minorias pseudo-revolucionárias, ocupa-

ram o Governo Civil de Faro; as liberdades individuais, os seus bens e a tua família estão em perigo na nossa terra».

«Fim à cobardia. Junta-te a nós no Largo Pé da Cruz para repudiarmos essa acção de pirataria. Ou ganhamos esta batalha ou as liberdades públicas estão em perigo. Viva Portugal. Viva a Liberdade. Viva a Democracia».

Ao fim desta manhã a Comissão Distrital de Faro do P. C. P. distribuía também um comunicado sob o título «Jornada de luta no Algarve», fazendo a sua análise dos acontecimentos. Refere o P. C. P.

1. Ao apelo de dezenas de comissões de trabalhadores, comissões de moradores, F. U. R. e P. C. P., a que se associaram sindicatos, comissões administrativas de câmaras municipais em reunião intercâmaras, comissões administrativas de juntas de freguesia e outras organizações progressistas, efectuou-se ontem em Faro a maior manifestação já realizada no Algarve.

2. Esta grandiosa manifestação da classe operária, dos trabalhadores e da população do Algarve é a firme resposta das massas populares e das organizações progressistas à recente nomeação de um governador civil reconhecidamente inimigo das estruturas populares de base. Mais uma vez se prova que não é com saneamentos à esquerda que se resolve a crise política actual. Mais uma vez se prova que os trabalhadores e as massas populares organizadas não aceitarão decisões direitistas que visem de uma forma ou de outra fazer andar para trás o processo revolucionário.

3. No fim da manifestação, o Governo Civil foi ocupado pelos manifestantes. Ficou assim sublinhado o repúdio das massas populares pela decisão de substituir o governador civil de Faro. A forma ordeira e disciplinada que caracterizou a ocupação simbólica do Governo Civil mostra bem a maturidade, o espírito combativo e a disposição de luta das massas populares do distrito.

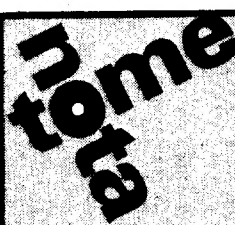
4. À meia-noite, hora decidida pela comissão de luta eleita para final da ocupação simbóli-

ca, o P. C. P. deu orientação aos seus militantes e simpatizantes para retirar do Governo Civil. Também por esta hora tinha-se, conhecimento que dirigentes do P. S., do P. P. D. e conhecidos reaccionários mobilizavam os vários concelhos do Algarve para provocar confrontos com os ocupantes, ameaçando alguns atacar os centros de trabalho do P. C. P. Lamentavelmente, dentro do Governo Civil, alguns elementos contrariaram a decisão do Comité de luta, o que veio a prolongar desnecessariamente a ocupação. Entretanto conhecidos dirigentes do P. S. militantes do P. P. D. e provocadores fascistas e do M. R. P. P. investiram contra o Governo Civil partindo e destruindo à sua passagem, em atitudes de vandalismo e desespero.

Destruíram assim portas, janelas, cadeiras, bens pagos pelo povo trabalhador e que os ocupantes tanto se preocuparam em preservar. Feriram vários populares e até o comandante do Regimento de Infantaria de Faro, que poderá testemunhar, juntamente, com os militares da P. M., da atitude ordeira e dos propósitos pacíficos dos ocupantes e da selvajaria da santa aliança que investiu contra o Governo Civil.

Entretanto, António Boronha, membro da Comissão Distrital de Faro do M.D.P./C.D.E. refutou quaisquer responsabilidades do Secretariado de Luta e dos ocupantes nomeadamente o M. D. P., nas depreciações havidas, atribuindo essas responsabilidades ao P. S. e P. P. D.

«Até às 0 e 30», afirmou, «estava tudo na melhor ordem como pode ser testemunhado pelos cinco oficiais que lá estavam, entre eles o comandante do R. I. F. Estavam mesmo constituídas comissões para limpeza das instalações, que se encontravam sujas de comida e cigarros. Estava planeado que à meia-noite reuniria o secretariado e, perante as condições objectivas existentes, decidiria da continuação ou não da ocupação. Foi decidido por consenso do secretariado não continuar a ocupação».



POLICIAMENTO

O ministro do Trabalho, Tomás Rosa, publicou um despacho no qual se determina que «reuniões, assembleias ou plenários de funcionários e outros servidores do Ministério do Trabalho, para tratar de assuntos de serviço só podem realizar-se dentro das horas de serviço, com conhecimento dos secretários de Estado ou do ministro do Trabalho, que avaliarão a sua oportunidade e interesse»; que «reuniões, assembleias e plenários fora das horas de serviço em dependências do Ministério do Trabalho carecem do conhecimento do ministro do Trabalho» e que em todos estes casos «estarão presentes os secretários de Estado respectivos ou o ministro, ou seus representantes para o efeito nomeados».

Um grupo de trabalhadores do Ministério do Trabalho (forçados ao anonimato) distribuiu um manifesto que considera o referido despacho um acto de repressão sobre os trabalhadores, uma tentativa de destruir a liberdade de expressão e livre reunião e de estabelecer um policiamento às reuniões de trabalhadores. No manifesto diz-se ainda que os trabalhadores estão unidos e vigilantes, que não cederão um milímetro das conquistas alcançadas e que o citado despacho «nada fica a dever aos que faziam Marcelo e Tomás (os do tempo do fascismo)».

NOMEAÇÕES

Acerca do novo governador civil de Braga, eng.º Eurico Teixeira de Melo, lembrou-se, além de ter ocupado o lugar de secretário dum ministro da Educação no tempo de Salazar, a sua íntima amizade com Luís Fiolhadas de Oliveira (terceiro implicado no 28 de Setembro) e de outros fascistas notórios do Norte e a ligação íntima com o capitalista Manuel Gonçalves, de quem foi sócio. Sobre isto transcreve-se uma passagem dum texto da DORN do P. C. P.: «É a este homem que está confiada a defesa do programa do VI Governo que foi anunciado ao País? A defesa da Revolução e das suas conquistas, o reforço da democracia local e regional entrega-se a um reaccionário?»

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, bibelots e várias peças decorativas, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL — Av. da República, 12 (junto estação Metro Saldanha).

A INDÚSTRIA

Trespasso 3 barracões com área total de cerca 600 m² no centro da cidade, dão para qualquer ramo de comércio ou indústria, renda muito barata. Trata-se Av. República, 12 r/c. T. 46928